

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
GESTÃO FINANCEIRA E CONTROLADORIA**

**ENDIVIDAMENTO: BUSCANDO AS MOTIVAÇÕES COMPORTAMENTAIS E OS
IMPACTOS NA SAÚDE**

GUILHERME SANTOS SOUZA

Uberlândia

2019

GUILHERME SANTOS SOUZA

**ENDIVIDAMENTO: BUSCANDO AS MOTIVAÇÕES COMPORTAMENTAIS E OS
IMPACTOS NA SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de Concentração: Gestão Organizacional

Linha de Pesquisa: Gestão Financeira e Controladoria

Orientador: Profº Drº Pablo Rogers Silva

Uberlândia

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729e Souza, Guilherme Santos, 1988-
2019 Endividamento [recurso eletrônico] : buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde / Guilherme Santos Souza. - 2019.

Orientador: Pablo Rogers Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Administração.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.956>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Administração. 2. Dívidas pessoais. 3. Educação financeira. 4. Finanças pessoais - Controle. I. Silva, Pablo Rogers, 1980-, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU: 658

Gloria Aparecida - CRB-6/2047

GUILHERME SANTOS SOUZA

**ENDIVIDAMENTO: BUSCANDO AS MOTIVAÇÕES COMPORTAMENTAIS E OS
IMPACTOS NA SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão de Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Uberlândia, 28 de Fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. Pablo Rogers Silva
Universidade Federal de Uberlândia
Orientador

Profª. Drª Fernanda Maciel Peixoto
Universidade Federal de Uberlândia
Membro Interno

Profº Drº Wilson Toshiro Nakamura
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Membro Externo

*À Deus, à minha esposa Lídia,
aos meus filhos, Artur e ao que está
ainda no forninho, e à minha mãe
Dina Tereza (in memoriam), dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por sua grandeza e compaixão infinita sempre mostrando que os desafios da vida são para o nosso engrandecimento pessoal e moral. Sem ele em minha vida, todas as dificuldades encontradas seriam intransponíveis.

À minha mãe, seus ensinamentos na minha infância me mostraram que para alcançar meus objetivos irei cair e que devo sempre levantar para tentar outra vez. Que o esforço nunca é em vão quando se trata da família e que não somos perfeitos, iremos errar e, principalmente, falhar com aqueles que amamos, mas que devemos sempre fazer o nosso melhor. Mesmo não estando mais comigo fisicamente, seus ensinamentos ainda ressoam em minha memória.

À minha esposa Lídia, quem teve participação especial e muito ativa nesta caminhada, me mostrou que posso ser melhor e alcançar os meus sonhos. Sua experiência e, principalmente, sua lógica para resolver e transpor as dificuldades encontradas me levantaram por diversas vezes ao longo do mestrado e também do nosso relacionamento. Do fundo do meu coração te amo e agradeço a especial parceria.

Ao meu filho Artur, que com o seu “papai vamos brincar”, “vou esconder” e “me procura papai” clarearam momentos de blackout mental, quando escrever mais um parágrafo não parecia possível. Meu filho você é e sempre será muito especial para o papai.

Ao meu filho(a), ainda crescendo e se desenvolvendo no forninho, mesmo tão recente no reino terreno, não dúvido que seu espirito já nos acompanha e torce pelo meu sucesso e de nossa família, muito oborigado.

Não posso deixar de agradecer a Fátima Bononi, minha sogra, por todas as vezes em que precisamos deixar o Artur em seus cuidados, durante as aulas do mestrado e as reuniões com meu orientador, ela, sempre disposta e disponível para auxiliar no que precisasse, mas principalmente em cuidar com muito carinho e amor do meu filho, meu muito obrigado, por isso e muito mais, a senhora foi peça chave para que eu concluisse todo esse percurso.

À minha irmã, Renata, sempre presente e preocupada, meu agradecimento por estar ao meu lado desde sempre. A minha tia Silvia que na falta da minha mãe, foi minha referência de esforço, dedicação e abnegação. Agradeço e não esqueci tudo o que fez por nós.

Ao meu orientador, Pablo Rogers, por acreditar na nossa parceria, por dividir comigo seus conhecimentos, pela paciência e entendimento nas particularidades da vida. Muito obrigado.

Enfim a todos aqueles que de alguma forma, direta ou indiretamente, estiveram comigo ao longo desta jornada o meu muito obrigado.

*Para conquistar algo que você
nunca teve, é preciso fazer
algo que você nunca fez.*

-Chico Xavier-

RESUMO

Considerando os aspectos inerentes ao comportamento do indivíduo, estabelecidos na literatura como importantes para explicar uma maior ou menor propensão ao endividamento e as consequências que uma situação de dívida pode incorrer, além da financeira, o presente estudo teve como objetivos analisar a relação entre endividamento e sintomas de ansiedade, depressão e sensação qualidade de vida e saúde. Adicionalmente, buscou-se estabelecer um modelo empírico teórico que considerasse na relação entre endividamento e os sintomas de ansiedade e depressão e as sensações quanto aos domínios da qualidade de vida e saúde, também as características comportamentais quanto ao nível de educação financeira (o pilar “comportamento financeiro” deste conceito), de autocontrole, orientação temporal – presente e futuro, e de materialismo. Para tanto foram coletadas informações acerca do endividamento, sintomas de ansiedade, depressão e qualidade de vida por meio da aplicação de questionários via internet, entre setembro e novembro de 2015; e dos indivíduos que além de comporem tal amostra, também participaram da pesquisa de Diniz (2015), foram coletados da sua pesquisa, informações com relação a educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo, para compor um modelo empírico-teórico avaliado no contexto da Modelagem de Equações Estruturais (SEM). Foi utilizado como filtro, para definir os indivíduos que participaram de ambas as pesquisas, os e-mails por eles informados. Os resultados bivariados entre endividamento, ansiedade, depressão e qualidade de vida, apontam uma associação entre o endividamento e problemas de ansiedade, depressão e uma pior qualidade de vida. Na relação aos pares, os principais resultados apontaram que um quadro grave de ansiedade e depressão, está relacionado com o dobro de chances do indivíduo possuir alto endividamento. Para o modelo de regressão, criou-se a variável Fator Saúde (FS) utilizando o método PCA, utilizando-a como variável dependente e o endividamento e fatores sociodemográficos como variáveis independentes, encontrando-se o endividamento como variável de maior impacto no fator saúde, dentre aquelas estatisticamente significativas (endividamento, gênero feminino e >4 dependentes). Ao se incluir os fatores comportamentais nas análises (educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo), identificou-se nos resultados bivariados que quanto maior a educação financeira, o autocontrole, a orientação temporal para o futuro e menor a orientação temporal para o presente e o perfil materialista, menores são o endividamento, os sintomas de ansiedade e depressão e melhores as sensações de qualidade de vida e saúde apontados. Acerca do modelo empírico-teórico, foram utilizadas as variáveis educação financeira, autocontrole, orientação temporal, materialismo, endividamento, ansiedade,

depressão, qualidade de vida e saúde, bem como as sociodemográficas como controle. Encontrou-se principalmente a educação financeira, com atuação direta e significativa para explicar a propensão ao endividamento, e de forma indireta a atuação do autocontrole e orientação para o futuro, sendo que estas variáveis apresentaram relação significativa e direta com educação financeira. Demonstrando que indivíduos que são mais controlados e preocupados com seu futuro, buscam na educação financeira basear o seu comportamento com relação ao dinheiro, evitando riscos e dívidas. O modelo ainda apresentou que materialismo não se mostrou relevante para explicar o endividamento, mas direta e significativo para explicar sintomas de ansiedade, depressão e sensações de qualidade de vida, sendo que um perfil mais materialista aumentam a propensão do indivíduo apresentar piores sintomas de ansiedade, depressão e piores sensações acerca dos domínios de qualidade de vida. Da mesma forma as variáveis endividamento, atuando de forma direta, e educação financeira, autocontrole e orientação para o futuro atuando de forma indireta. Além disso a renda (> 3 salários mínimos) e o número de dependentes (> 1 dependente) também foram significativas para explicar maior endividamento. Dessa forma, ao considerar num mesmo modelo aspectos comportamentais, endividamento e problemas de saúde e qualidade de vida, ressaltamos a abrangência que ronda o tema “endividamento”, principalmente aqueles relacionados aos problemas causados ao indivíduo, não somente os financeiros, e quanto as características que podem ser trabalhadas e melhoradas para evitar que o indivíduo se torne endividado. Ao adicionar na relação as características inerentes ao comportamento do indivíduo, entende-se melhor a relação entre tais variáveis, tendo sido consideradas as motivações comportamentais e os impactos na saúde relacionados ao endividamento, situação até então não abordada pela literatura, onde encontrou-se apenas estudos que considerasem ou as características do endividado ou as consequências da dívida.

Palavras-chave: Endividamento; Comportamento, Saúde, Educação Financeira; Materialismo.

ABSTRACT

Considering the aspects inherent in the behavior of the individual, established in the literature as important to explain a greater or less propensity to indebtedness and the consequences that a debt situation may incur, besides the financial, the present study had as objectives to analyze the relation between indebtedness and symptoms of anxiety, depression and feeling quality of life and health. In addition, we sought to establish a theoretical empirical model that considers the relationship between indebtedness and anxiety and depression symptoms and sensations regarding the domains of quality of life and health, as well as the behavioral characteristics regarding the level of financial education (the "financial behavior" of this concept), self-control, temporal orientation - present and future, and materialism. Information about debt, anxiety symptoms, depression and quality of life were collected through the application of questionnaires via the Internet, between September and November 2015; and of the individuals who, besides composing such sample, also participated in Diniz's research (2015), were collected from their research, information regarding financial education, self-control, temporal orientation and materialism, to compose an empirical-theoretical model evaluated in the context of Structural Equation Modeling (SEM). It was used as a filter, to define the individuals who participated in both surveys, the e-mails they informed. The bivariate results between indebtedness, anxiety, depression and quality of life, point to an association between indebtedness and anxiety problems, depression and a worse quality of life. In the peer relationship, the main results indicated that a severe anxiety and depression, is related to double the chances of the individual having high indebtedness. For the regression model, the variable Health Factor (HF) was created using the PCA method, using it as a dependent variable and the indebtedness and sociodemographic factors as independent variables, being the debt as the variable with the greatest impact on the health factor, among those statistically significant (indebtedness, female gender and > 4 dependent). By including the behavioral factors in the analyzes (financial education, self-control, temporal orientation and materialism), it was identified in the bivariate results that the greater the financial education, the self-control, the temporal orientation for the future and the shorter the temporal orientation for the present and the materialistic profile, the lower the indebtedness, the symptoms of anxiety and depression and the better the sensations of quality of life and health pointed out. On the empirical-theoretical model, the variables financial education, self-control, temporal orientation, materialism, indebtedness, anxiety, depression, quality of life and health were used, as well as

sociodemographic as control variables. Financial education was found, with direct and significant action to explain the propensity to indebtedness, and indirectly the performance of self-control and orientation for the future, and these variables presented a significant and direct relationship with financial education. Demonstrating that individuals who are more controlled and concerned about their future, seek financial education to base their behavior on money, avoiding risks and debts. The model also showed that materialism was not relevant to explain indebtedness, but a direct and significant one to explain symptoms of anxiety, depression and quality of life sensations. A more materialistic profile increases the individual's propensity to present worse symptoms of anxiety, depression and worse sensations about the domains of quality of life. In the same way the variables indebtedness, acting in a direct way, and financial education, self-control and orientation towards the future acting indirectly. In addition, income (> 3 minimum wages) and the number of dependents (> 1 dependent) were also significant to explain higher indebtedness. Thus, when considering the same model of behavioral aspects, indebtedness and health problems and quality of life in the same model, we highlight the scope of the theme "indebtedness", especially those related to the problems caused to the individual, not only financial ones, and the characteristics which can be worked on and improved to prevent the individual from becoming indebted. By adding the inherent characteristics to the individual's behavior, the relationship between these variables is better understood, considering the behavioral motivations and health impacts related to indebtedness, a situation not previously addressed in the literature, where it was only found studies that consider either the characteristics of the borrower or the consequences of the debt.

Keywords: Indebtedness; Behavior; Health; Financial Education; Materialism.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: Introdução	11
CAPÍTULO 2: Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física.....	15
2.1 <i>Introdução</i>	15
2.2 <i>Fundamentação teórica</i>	17
2.3 <i>Metodologia</i>	19
2.3.1 <i>Aplicação dos questionários e análises estatística</i>	19
2.3.2 <i>Endividamento</i>	21
2.3.3 <i>Ansiedade e depressão</i>	22
2.3.4 <i>Qualidade de vida e saúde</i>	22
2.4 Resultados e discussões	23
2.4.1 <i>Perfil da amostra</i>	23
2.4.2 <i>Análises das relações</i>	26
2.4.3 <i>Teste de robustez</i>	29
2.5 Considerações finais	32
CAPÍTULO 3: Endividamento: buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde	35
3.1 Introdução	35
3.2 Revisão da literatura	37
3.2.1 <i>Endividamento, Saúde mental e física e a qualidade de vida</i>	37
3.2.2 <i>Educação financeira e o endividamento</i>	38
3.2.3 <i>Orientação temporal, autocontrole, materialismo e endividamento</i>	39
3.3 Metodologia	43
3.3.1 <i>Amostra e construção das variáveis</i>	43
3.3.2 <i>Análise dos dados</i>	46
3.4 Resultados e discussões	48
3.4.1 <i>Perfil da amostra</i>	48
3.4.2 <i>Análises bivariadas</i>	50
3.4.3 <i>Análise conjunta das relações</i>	56
3.5 Considerações finais	62
CAPÍTULO 4: Conclusões	66
Referências	71

CAPÍTULO 1: Introdução

O desenvolvimento do sistema financeiro em conjunto com políticas de inclusão financeira, flexibilizaram o acesso a produtos como cartões de crédito, empréstimos pessoal, consignados e outros mais sofisticados (Arcéo-Gomez & Villagómez, 2017), principalmente para famílias brasileiras que dantes não utilizavam esses recursos. O que resultou numa mudança nos hábitos de consumo, impulsionada pelo crescimento da oferta de crédito e o aumento nos prazos de pagamento. (Potrich, Vieira, Coronel, & Bender Filho, 2016).

Mas se por uma lado essas mudanças estimularam o crescimento econômico, por meio do consumo (Potrich, Vieira, Campara, Fraga, & Santos, 2014), por outro, as pessoas passaram a utilizar tais recursos sem efetivamente entender como lidar com essa nova realidade, utilizando crédito de forma deliberada e sem o devido conhecimento (Potrich et al., 2016), resultando no aumento do endividamento no Brasil (Francischetti, Rodrigues, Gardinal, & Oliveira, 2016).

Prova disso são os dados de dezembro de 2018, apresentados pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), mostrando que mais de 59% das famílias brasileiras se encontram com alguma dívida, sendo que 9% delas já não conseguem pagá-las (CNC, 2018).

Além de mudanças econômicas, situações de dívidas também estão relacionadas a convergência de diversos outros fatores inerentes ao indivíduo (Gutter & Coppur, 2011; Stone & Maury, 2006), como aspectos sociais, sociodemográficos e comportamentais (Flores & Vieira, 2014; Potrich et al., 2016, Faveri, 2017). A complexidade acerca do endividamento aumenta, quando também consideradas as consequências que o este pode gerar para o indivíduo, as quais extrapolam os problemas de ordem financeira, incorrendo em efeitos deletérios na sua saúde física e mental (Drentea & Reynolds, 2012; Keese & Schmitz, 2014; Maselko et al., 2018; Turunen & Hiilamo, 2014; Walsemann et al., 2015).

Acerca das motivações do endividamento, do ponto de vista do indivíduo, pessoas com perfis mais materialistas (Flores & Vieira, 2014; Vieira, Flores, Kunkel, Campara, & Paraboni, 2014, Potrich et al., 2016), que buscam satisfazer suas vontades imediatas, focados no presente e não se preocupando com o futuro (Souza, 2013; Faveri, 2017), com menor autocontrole, principalmente com relação a compras compulsivas (Dick & Jaroszek, 2014; Campara, Vieira, & Ceretta, 2016) e que apresentam baixa educação financeira nas suas decisões e comportamento com o dinheiro (Gathergood, 2012; Potrich, Vieira, & Mendes-da-Silva, 2016;

Saleh & Saleh, 2014; Silva, Dal Magro, Gorla, & Nakamura, 2017) são apontados com maior propensão a se endividarem.

Com relação aos impactos, do ponto de vista da saúde, pessoas que passaram por períodos de estresse financeiro ocasionado por dívidas, ou que se encontram sempre com o orçamento doméstico limitado ou insuficiente, tendem a apresentar sintomas de ansiedade e depressão (Kunkel et al., 2015; Maselko et al., 2018; Turunen & Hiilamo, 2014; Sweet, Nandi, Adam, & McDade 2013), se declarando com uma qualidade de vida ruim (Kunkel et al., 2015; Lucke et al., 2014), desenvolvendo em alguns casos, insônia, nervosismo, pressão-alta, diabetes e em situações extremas, com pensamentos suicidas (Bemel, Brower, Chischillie, Shepherd, 2016; Keese & Schmitz, 2011; Lucke et al., 2014; Turunen & Hiilamo, 2014; Sweet, Nandi, Adam, & McDade, 2013).

O endividamento entende-se como sendo o resultado do encontro de diversos fatores e que suas consequências vão além de questões financeiras, sendo um problema de ordem social (Keese & Schmitz, 2010; Keese & Schmitz, 2014; Slomp, 2008) fica claro a importância do seu entendimento e o estudo de suas motivações comportamentais, variáveis estas que podem ser trabalhadas para minimizar tal problema, e seus impactos relacionados a saúde e qualidade de vida.

Dessa forma, dada a relevância das características intrísecas relacionadas como motivadoras do endividamento (i) educação financeira, orientação temporal, autocontrole e materialismo; e (ii) os problemas de saúde por ele desencadeados; considera-se uma oportunidade o estudo empírico, empregando sincronicamente variáveis comportamentais, endividamento, e os efeitos na saúde física e mental.

Utilizando tal estratégia, o objetivo desta pesquisa compreende (1) analisar a relação entre endividamento e sintomas de ansiedade, depressão e sensações de qualidade de vida e saúde, utilizando para isso cruzamentos bivariados, comparação aos pares, destas variáveis, as quais foram coletadas por meio da aplicação de questionários, disseminados por canais de internet (*facebook* e e-mails), adicionalmente também estabelecer um modelo de regressão criando-se por meio da Análise do Componente Principal (PCA) um fator, denominado Fator Saúde (FS) englobando as variáveis ansiedade, depressão e qualidade de vida, as quais apresentaram alta correlação entre si; e (2) desenvolver um modelo teórico-empírico, utilizando a ferramenta de Modelagem de Equações Estruturais (SEM), na busca de melhor compreender o endividamento, abrangendo as variáveis comportamentais motivadoras (educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo) e os impactos na saúde (sintomas de ansiedade, depressão e avaliação da sensação de qualidade de vida e saúde), de forma que seja

possível identificar e analisar qual a relação e o comportamento de tais variáveis quando consideradas em conjunto. Anteriormente a criação do modelo, também serão realizadas análises bivariadas, com o cruzamento aos pares e testes de diferença de médias, entre todas as variáveis (endividamento *vs* ansiedade, depressão, qualidade de vida e saúde, educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo; ansiedade e depressão *vs* educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo e ansiedade e depressão *vs* qualidade de vida e saúde).

Nesta pesquisa, os principais estudos que ajudaram a compreender o endividamento, suas motivações nos aspectos comportamentais e impactos na saúde, foram os trabalhos internacionais de Bemel et al., (2016), Clayton, Liñares-Zegarra e Wilson (2015), Faveri (2017), French e Mckillop (2017), Gathergood (2012), Turumen e Hilmamo (2014), e nacionais de Nogueira et al., (2017), Potrich et al., (2016) e Vieira et al., (2014).

Bemel et al., (2016) estudou o impacto da depreciação da saúde financeira em estudantes universitários, nos demais aspectos da saúde consideradas pela medicina atual. Clayton et al., (2015) estudaram a relação entre a dívida agregada das famílias e os resultados da saúde agregada em 17 países europeus entre 1995 e 2012. Faveri (2017) explora as relações existentes entre o viés hiperbólico (a predileção que o cérebro tem por uma recompensa imediata ao invés de uma recompensa maior no futuro – orientação temporal) com habilidade cognitiva, preferência social e traços de personalidade, buscando analisar a relação entre endividamento e subpoupança e o viés cognitivo (orientação temporal para o presente). French e Mckillop (2017) estudaram como diferentes graus de dívida financeira afeta a saúde e os comportamentos relacionados a saúde, em famílias de baixa renda da Irlanda do Norte. Gathergood (2012) estudou as oscilações de preços de imóveis para estabelecer o efeito de causa entre dívida hipotecária e saúde mental. Turumen e Hilmamo (2014) revisaram 33 artigos internacionais, de revistas com alto fator de impacto, que relacionavam endividamento com problemas de saúde física e mental. Nogueira et al., (2017) relataram a realização de um intervenção interdisciplinar por meio de um serviço de assistência a consumidores em situação de superendividamento. Potrich et al., (2016) analisaram a influência dos fatores comportamentais e das variáveis sociodemográficas sobre a propensão ao endividamento. Por último, o estudo de Vieira et al., (2014) investigou a relação entre o comportamento materialista e o endividamento.

A importância de realizar essas análises empiricamente, evidencia-se no fato dos resultados proverem melhores informações acerca das características dos endividados, tanto aquelas que pode tê-lo levado a incorrer em dívida, quanto as que podem ter sido desencadeadas pela situação de dívida. Além disso, considerando também as variáveis comportamentais, será

possível identificar se estas apresentam relação com problemas de saúde direta ou indiretamente por meio do endividamento.

Esta pesquisa justifica-se também pela sua aplicação no cenário brasileiro. Trazer essa discussão com resultados empíricos para o Brasil faz-se importante dado à ausência de trabalhos no cenário nacional abordando tal perspectiva.

Portanto para a conclusão do objetivo proposto, esta pesquisa foi dividida da seguinte forma: primeiro este capítulo introdutório, contextualizando o tema a ser trabalhado, objetivos e justificativas. O segundo capítulo, por meio da aplicação de questionários, levantou-se informações acerca do endividamento, ansiedade, depressão e qualidade de vida de indivíduos através da internet, com intuito de evidenciar a existência da relação entre tais variáveis e como ela se comporta, utilizando técnicas bivariadas e multivariadas. O terceiro capítulo utilizou uma sub-amostra da matriz total utilizada no capítulo 2, considerando apenas indivíduos que também participaram da pesquisa de Diniz (2015), e a partir dela foram incluídas variáveis comportamentais, além daquelas utilizadas no capítulo 2, adicionando educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo, como fatores relacionados a propensão ao endividamento, além do endividamento e variáveis relacionadas a saúde. Trabalhou-se com análise multivariada, considerando os fatores de associação entre as variáveis para criar um modelo que melhor explicasse tais relações. O quarto e último capítulo aborda as conclusões gerais de ambos os trabalhos, buscando atender ao objetivo principal apresentado neste capítulo, traçar os panoramas gerais e principais contribuições.

CAPÍTULO 2: Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física

2.1 Introdução

O crescente endividamento das famílias brasileiras é uma realidade segundo dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismos (CNC, 2018). Somente no Brasil, segundo os resultados da mesma pesquisa de dezembro de 2018 mais de 59% das famílias brasileiras se encontravam com algum tipo de dívida, sendo que pelo menos 23% delas alegam estarem com alguma conta em atraso, e 9% deste montante simplesmente admitem que não conseguem pagar suas contas.

A economia brasileira viveu na última década uma política de expansão do crédito (Potrich, Vieira, Coronel, & Bender Filho, 2016), impulsionada principalmente por medidas que visam o crescimento econômico por meio do consumo (Andrade Ivo, Freitas Cruz, Chinelato, & Ziviani, 2016), como a retração na taxa básica da economia (taxa Selic), sendo esta o principal fator para estabelecer o custo do dinheiro para instituições financeiras, como consequência o valor mínimo que um empréstimo custaria em termos de taxa de juros.

O histórico do Banco Central do Brasil mostra que a Selic se encontrava em 13,75% em 2008, sofrendo oscilações, chegando a 6,5% atualmente (Bacen, 2018). Essa situação levou a uma queda no custo do dinheiro para as instituições financeiras, que passaram a emprestar com taxas mais baratas e por um critério de análise mais flexível, como consequência as pessoas passaram a utilizar mais esse tipo de recurso.

Recursos financeiros mais flexíveis e com menores custos, acarretou um aumento no consumo, impulsinando positivamente o ciclo econômico (Andrade Ivo et al., 2016). Em contrapartida, aqueles indivíduos que não souberam lidar com essa nova realidade, passaram a incorrer em dívidas não saudáveis e desnecessárias, de forma a prejudicar no cumprimento de seus compromissos domésticos básicos. Essas pessoas e famílias passaram a compor o índice de endividados (Braido, 2014; Peic, 2018), as novas possibilidades passaram a ser novas contas e problemas (Flores, 2012; Francischetti, Rodrigues, Gardinal, & de Oliveira, 2016).

Mas a contração de uma dívida não necessariamente significa uma situação negativa (Campara, Vieira, & Ceretta, 2016), podendo ser utilizada para investimentos em bens produtivos, de forma a fomentar a economia. É um problema quando a pessoa endividada perde o controle e não consegue arcar com os seus compromissos (Keese, 2012), trazendo consequências negativas para o indivíduo com relação a sua qualidade de vida, culminando em

disturbios tanto na saúde física, quanto mental (Zerrener, 2007; Turunen & Hilmamo, 2014; Bemel et al., 2016).

Evidências empíricas apontam que problemas com dívidas podem ter efeitos deletérios tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade (Richardson, Elliott, & Roberts, 2013; Clayton, Liñares-Zegarra, & Wilson, 2015; French & Mckillop, 2017) podendo altos níveis de endividamento familiar reduzir a expectativa de vida e aumentar a mortalidade prematura das populações. Mas apesar da existência de estudos empíricos acerca dos impactos econômicos negativos que uma baixa educação financeira pode provocar nas empresas e na sociedade em geral, pouco tem sido feito para transformar esse conhecimento em instrumento informativo para o indivíduo no âmbito social (Awanis & Cui, 2014).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o endividamento, qualidade de vida e saúde mental e física dos indivíduos, e para isso realizou-se uma pesquisa por meio da aplicação de questionários, na qual se abordou indivíduos sobre o seu endividamento e sua percepção acerca de sua qualidade de vida e saúde, bem como sensações de ansiedade e depressão.

Entende-se que um melhor conhecimento das características do indivíduo endividado em sua totalidade, não somente as usualmente disponíveis mas também as relacionadas aos aspectos psicológicos, propicia a formulação de melhores políticas públicas com o objetivo de prevenir esse endividamento, consequentemente, a melhoria da saúde e qualidade de vida das pessoas.

Do ponto de vista social, pretende-se oferecer evidências preliminares sobre os fatores de risco para além daqueles sociodemográficos associados com o endividamento das populações. Para a academia, este trabalho também contribui por ser um precursor no cenário brasileiro, não sendo encontrado pelos autores desta pesquisa, quaisquer outros estudos que investigaram estas relações de forma empírica em território nacional. No âmbito internacional, destacam-se os estudos de Turumen e Hilmamo (2014); Clayton et al. (2015); Bemel et al. (2016); French e Mckillop (2017), os quais despertaram o interesse em realizar a investigação da relação entre tais variáveis numa amostra brasileira (dívida, saúde mental e física e qualidade de vida).

Adicionalmente, os resultados da pesquisa, seja a discussão da literatura ou as evidências empíricas oriundas do presente estudo, servirão de suporte para incrementar o conteúdo didático da educação financeira, principalmente por meio de elucidações sobre os problemas de saúde que podem estar relacionados com o endividamento.

2.2 Fundamentação teórica

O endividamento, pode ser considerado como o mais alto estágio do descontrole financeiro (Rassier, 2010), resultando para o indivíduo em disposições emocionais perniciosas (Carvalho, Sousa, & Fuentes, 2016), principalmente quando tal situação predomina no longo prazo. Mas seus impactos não podem deixar de serem vistos de forma dicotômica. Como algo prejudicial, quando ocorre pelo descontrole financeiro em tentativas de antecipar consumos desnecessários, tornando o indivíduo endividado (Souza et al., 2017); e como uma situação positiva, sendo um processo de antecipação de rendimentos, quando realizada por meio de planejamentos e objetivos, visando a realização de empreendimentos e/ou aquisição de ativos produtivos, podendo gerar benefícios para a economia, como investimentos, emprego e renda (Santos, 2008).

A situação se torna agravante quando esse comprometimento passa a ser impossível de ser arcado pelo indivíduo (Keese, 2012) que deixa de ter o controle de sua vida financeira, ou passa por momentos de estresse financeiro, em que as consequências impactam não somente em sua vida, mas sua família e outros envolvidos em seu meio. Situação esta que culmina em problemas generalizados nos diversos aspectos de sua saúde física, psicológica/mental e social, como por exemplo, a piora em sua qualidade de vida e o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão (Zerrener, 2007; Bridges & Disney, 2010; Drentea & Reynolds, 2010; Turunen & Hiilamo, 2014; Walsemann, Gee, & Gentile, 2015; Bemel et al., 2016; Maselko et al., 2018).

A despeito da preocupação das entidades públicas e privadas com a inadimplência, principalmente por sua ocorrência afetar o desempenho econômico das empresas e países e a vida dos indivíduos, foram empreendidas diversas pesquisas nas duas últimas décadas (Livingstone & Lunt, 1992; Kim & Devaney, 2001; Roberts & Jones, 2001; Norvilitis et al., 2006; Stone & Maury, 2006; Pirog III & Roberts, 2007; Perry, 2008; Wang, Lu, & Malhotra, 2011; Rogers, Rogers, & Securato, 2015; Cobb-Clark, Kassenboehmer, & Sinning, 2016) cujo objetivo principal foi entender o perfil, principalmente do ponto de vista comportamental/psicológico, dos indivíduos que têm maior propensão a tomar crédito, endividar-se e ter problemas de endividamento. Mas nenhuma delas aprofundou na investigação a ponto de relacionar estresse financeiro, com problemas de saúde mental e física, se atendo apenas na identificação do perfil do indivíduo endividado. Portanto, a presente pesquisa se difere destes estudos, pois tem como foco entender a relação entre desordens mentais e físicas, qualidade de vida e endividamento.

No cenário brasileiro, tanto Rogers et al., (2015), quanto Mendes-da-Silva et al. (2012) e Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013) encontraram relações significativas entre constructos psicológicos e a condição de endividado dos indivíduos, de forma a coadunar com as pesquisas internacionais acima relatadas, e a provar a importância do perfil psicológico para entendimento dos endividados. De uma forma geral, assim como Stone e Maury (2006) nos EUA, as pesquisas brasileiras mostraram que a condição de endividamento dos indivíduos depende de um conjunto multifacetado de fatores nomeadamente: econômicos, sociais, políticos e psicológicos/mentais.

Nesse contexto, indicativos da existência de uma relação entre endividamento e saúde, seja ela física ou mental, ganha espaço nos debates científicos. Zimmerman e Katon (2005) encontraram uma fraca relação de causalidade entre tensões financeiras, provocadas pelas dívidas dos indivíduos e o desenvolvimento de depressão. Mas isso não lhes permitiu concluir como sendo significativa essa relação, e nem afirmar que uma seja causada pela outra.

Richardson et al., (2013) analisaram 52 estudos e evidenciaram que o endividamento está relacionado com o estado de saúde, sendo que quanto maior o volume de dívidas, maior o nível de preocupação e estresse do indivíduo. Assim, tensões, perda da paz de espírito, angustia e insônia são alguns efeitos que podem ser originados pelo desequilíbrio financeiro segundo estes autores. Clayton et al. (2015) analisaram a relação entre dívidas e saúde para os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) entre 1995 e 2012, e encontraram que as dívidas das famílias afetam o estado de saúde com uma intensidade que varia de acordo com as datas de vencimentos, e que países com indivíduos com dívidas de longo prazo tem uma expectativa de vida menor e uma mortalidade prematura.

No estudo de Hojman et al., (2016), utilizando uma amostra de dados longitudinais de 10.900 indivíduos do Chile, constatou-se que a trajetória da dívida é importante na relação de desencadeamento, aumento ou diminuição dos sintomas de depressão. Assim, pessoas que estavam constantemente sobreendividadas apresentaram sintomas mais altos de depressão, e indivíduos que passaram de sobreendividados para níveis mais moderados de dívida não apresentavam mais sintomas adicionais de depressão, quando comparados com pessoas que estavam sempre em níveis moderados de dívida mas nunca passaram a ser superendividados. Segundo estes autores, os sintomas depressivos, causados pela dívida, desaparecem a medida que os níveis de dívidas caem.

French e Mckillop (2017) também analisando a relação entre dívidas e saúde encontraram, por meio de uma pesquisa com famílias de baixa renda do Norte da Irlanda, que uma experiência de se sentir financeiramente estressado, tem uma relação com diversos aspectos relacionados à saúde, tais como: incapacidades nos cuidados próprios, problemas de

performance em atividades usuais, problemas de dor e saúde psicológica. Mas diferente de Clayton et al. (2015) o tamanho e o tipo da dívida e o número de credores não adicionaram ao estudo um poder exploratório extra.

2.3 Metodologia

2.3.1 Aplicação dos questionários e análises estatística

Os instrumentos da pesquisa (endividamento, BAI, BDI e WHOQOL-Bref) foram aplicados no ano de 2015, por meio de mídias sociais (*Facebook*). Além disso, foi utilizado o banco de dados de Diniz (2015), a qual contava com uma amostra de 1.660 indivíduos com e-mails válidos que responderam a sua pesquisa, portanto, os questionários para mensurar o endividamento, ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde, foram divulgados também para estes e-mails.

A pesquisa foi realizada entre setembro e novembro de 2015, utilizando a plataforma Survey Monkey para criação dos questionários *on line* e divulgação pelo *Facebook* e por e-mail, retornaram 588 questionários respondidos, o que caracteriza os dados como *cross-sections*. Foram eliminados aqueles que estavam incompletos e/ou que não passaram no teste de qualidade, restando 376 instrumentos válidos. Ao longo do questionário de pesquisa foram feitas perguntas pontuais (teste de qualidade) para verificar se os respondentes estavam atentos ao que se estava perguntando.

Destaca-se também que os instrumentos utilizados para levantar as informações acerca da qualidade de vida, ansiedade e depressão dos indivíduos, possuem em seu cabeçalho de informações, a solicitação que seja respondida as perguntas se baseando em sensações recentes, especificamente, como o entrevistado se sente acerca daquele domínio da saúde, nas duas últimas semanas. Já as perguntas contidas no instrumento de apuração do endividamento, consideram situações que, para ocorrerem, o indivíduo precisaria de um histórico predecessor, na qual ele já teria realizado dívidas em seu nome, seja para manter suas necessidades básicas ou não. Dessa forma, esta pesquisa considera que o endividamento tem origem anterior as sensações relatadas acerca da qualidade de vida, ansiedade e depressão, devido a estrutura dos instrumentos de pesquisa utilizados.

Para a análise dos dados foram utilizadas estatística descritiva para traçar uma panorama geral dos respondentes, além de caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação a cada um dos construtos pesquisados. A validação dos instrumentos foi realizada por meio da análise da confiabilidade conforme indicado por Garver e Mentzer (1999) e Hair et al. (2009), utilizando-se o *Alpha de Cronbach* (α). No caso do BAI, BDI e WHOQOL-Bref por se tratar de instrumentos robustos, utilizados em diversos contextos, mundialmente e

nacionalmente, o cálculo da confiabilidade na amostra considera-se suficiente. Não foi necessária a verificação da confiabilidade do instrumento de medida do Endividamento, por se tratar de variáveis observáveis.

Em seguida foram realizadas as análises bivariadas, para verificar se existe diferença, e se sim, como ela se comporta, entre as classificações/escores de ansiedade/depressão e os escores dos domínios da qualidade de vida contra o escore de endividamento. No caso de se avaliar a relação entre o escore de endividamento contra os escores de depressão, ansiedade e domínios da qualidade de vida e saúde, fez-se uso da Correlação de Spearman (ρ), e no caso de se verificar a associação entre as classificações de ansiedade e depressão contra os escores de endividamento utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis (χ^2), com posterior comparações múltiplas aos pares, para avaliar onde as diferenças se encontram. A opção desses testes não paramétricos em detrimento dos testes paramétricos (Correlação de Pearson e ANOVA) se dá porque as variáveis da pesquisa são essencialmente ordinais.

Por último, como verificação da robustez dos resultados bivariados, partiu-se para a análise linear multivariada, utilizando-se todas as variáveis coletadas, visando a discussão da existência ou não de associação entre elas, principalmente entre ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde e o endividamento. Como são variáveis endógenas, tanto endividamento, quanto ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde, não partiu-se para análises mais robustas quanto a relação entre elas, devido o delineamento da pesquisa, que precisaria apresentar características específicas de controle, para permitir estabelecer uma relação mais forte ou uma possível consideração de causa e efeito. Portanto, para fins desta análise e devido a alta correlação entre as variáveis, criou-se um único componente a partir dos escores de ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde, utilizando a técnica PCA e denominada de Fator Saúde (FS).

Para tal, foi utilizada a análise fatorial, para analisar os pesos de cada fator utilizado na criação da nova variável e a mesma foi estabelecida utilizando o método de regressão. Assim, o modelo utilizado na regressão será composto pelas variáveis: fator saúde, endividamento, idade, sexo, estado civil, escolaridade, ocupação e número de dependentes. A utilização desta técnica e criação de um único componente para representar os aspectos de saúde, se deu com intuito de permitir a realização da análise multivariada considerando todas as variáveis da pesquisa, de uma forma mais simples, buscando identificar a existência de relação estatisticamente significativa entre o endividamento e o fator saúde. Evitou-se também a criação de diversos modelos de regressão, um para cada variável relacionada a saúde (ansiedade,

depressão e para cada domínio de qualidade de vida e saúde), o que poderia incorrer em interpretações fracas acerca das relações.

2.3.2 Endividamento

Inicialmente, para mensurar o nível do endividamento utilizou-se uma medida multidimensional, baseada na pesquisa de Diniz (2015), composta por 3 questões: uma em que o respondente se autodeclara como endividado ou não; outra relacionada a assiduidade no pagamento das suas contas; e por último, uma questão em que o indivíduo indica quais os tipos de contas fazem parte do comprometimento de sua renda. O grau ou nível de endividamento, indicado na presente pesquisa como endividamento, é mensurado pela atribuição de pesos as questões “qual(quais) tipos de contas você possui” e “em média qual a frequência de pagamento de suas contas”, como apresentado no Quadro 1.

É possível verificar no Quadro 1 que pesos maiores são dados para contas consideradas evitáveis e de juros maiores e pesos menores para contas com produtos/serviços de necessidades básicas/essenciais. Os resultados obtidos em cada questão são multiplicados, para calcular o escore final obtido por cada indivíduo, que para fins interpretativos, é colocado na base 100.

Em média, qual a frequência de pagamento das suas contas?		Indique abaixo qual (ou quais) tipos de contas você possui (marque todos que possuir):					
P ⁴	Resposta	P ⁴	Contas	P ⁴	Contas	P ⁴	Contas
1	Pago em dia	1	Conta de Água	3	Cheque Especial	3	Crédito Consignado
1	Até 5 dias de atraso	1	Cartão de Crédito	2	Mensalidade escolar	3	Crédito Pessoal
1	Até 10 dias de atraso	1	Energia	2	Mens. ² de clubes	3	Carnês
1	Até 15 dias de atraso	1	Tel ¹ fixo	2	Mens. ² de cursos	3	Financ. ³ de carros
1	Até 30 dias de atraso	2	Tel. ¹ Móvel	2	Mens. ² de academias	1	Financ. ³ de casa
1	Mais de 30 dias de atraso	1	Internet	3	Cheque Pré-datado	2	Outras dívidas
Pontuação do pagamento das contas ()		() Total de pontos pelo somatório da quantidade de dívidas possuídas					
							

Quadro 1. Esquema de cálculo do escore total para endividamento.

Fonte: Adaptado de “O processo de concessão de crédito pela empresa: um estudo sobre o comportamento do tomador” de Diniz, P. C. D. O. C. (2015), (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG. Recuperado em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12623>

Nota. A pontuação individual é indicada pelos pesos (P). O escore total é calculado pela multiplicação da pontuação do “pagamento das contas”, pelo total de pontos obtidos pelo somatório da quantidade de dívidas possuídas. Abreviatura 1 – Telefone; 2 – Mensalidade; 3 – Financiamentos; 4 – Pesos.

Adicionalmente, este instrumento prevê que aqueles indivíduos que se autodeclararam como não endividados se enquadram como de baixo endividamento, e aqueles autodeclarados como endividados são classificados em médio e alto risco, cuja separação em médio/alto se dá pela mediana do escore total do endividamento. Assim, utilizou-se as duas perguntas do Quadro

1 para computo do escore total do endividamento para cada indivíduo, e para fins de classificação e melhor visualizar os resultados, fez-se uso da autodeclaração de endividado para categorizar o indivíduo em baixo, médio e alto endividamento.

2.3.3 Ansiedade e depressão

Esta pesquisa analisa a relação entre endividamento/saúde mental e física e endividamento/qualidade de vida, sendo o inventário de ansiedade e depressão de Beck e domínio físico da qualidade de vida e saúde (WHOQOL-Bref) indicativos de sintomas da “falta” de saúde mental e física, e os domínios psicológico, relações sociais e meio ambiente, da escala WHOQOL-Bref, como indicativos da saúde mental e da própria qualidade de vida.

O Inventário de Beck (Cunha et al., 1996; Beck et al. 1988) é composto por dois questionários distintos, um que mede o nível de ansiedade e outro para o nível de depressão (BAI e BDI nas siglas em inglês, respectivamente). As questões de ambos os questionários possuem escores individuais de 0 a 3 pontos, diferenciando-se apenas a questão 18 do BDI que recebe escore de 0 a 6 pontos. O total de escore de cada questionário é utilizado para classificar os respondentes nos níveis de ansiedade, em que: 0 a 10 mínima; 11 – 19 leve; 20 – 30 moderada; e 31 – 63 grave. E em níveis de depressão de 0 – 13 significa depressão mínima; 14 – 19 depressão leve; 20 – 28 depressão moderada; e 29 – 66 depressão grave.

2.3.4 Qualidade de vida e saúde

O WHOQOL-Bref da Organização Mundial da Saúde – OMS (Min, Kim, Lee, Jung, Suh, & Kim, 2002; Skevington, Lotfy & O'connell, 2004; Vaz Serra et al., 2006) é um instrumento abreviado do WHOQOL-100 que visa mensurar como o indivíduo avalia o seu nível de qualidade de vida. Esta ferramenta possui 26 questões acerca de 4 domínios da saúde (físico, psicológicos, relações sociais e meio ambiente), com questões do tipo *Likert* de 1 para uma qualidade de vida ruim e 5 para uma ótima qualidade de vida. Nesse sentido, quanto maior o escore melhor a sensação daquele indivíduo com relação aquele aspecto da sua vida. Geralmente, normaliza esses escores na base 100 para fins de interpretação.

As questões do domínio de saúde física, buscam apurar como o indivíduo se sente com relação a sua saúde física acerca de sensações de dor, energia, sono, repouso, atividade física, utilização de medicamentos e capacidade de trabalho. O domínio da saúde psicológica verifica se o indivíduo passa por momentos de estresse, verificando se o mesmo apresenta pensamentos felizes, capacidade de concentração e boa memória, se possui sentimentos negativos em geral e acerca de sua aparência e com relação ao aspecto espiritual.

O domínio de saúde quanto as relações sociais verificam sensações quanto a atividade sexual, apoio social e sua relação com outras pessoas de forma geral, identificando se o indivíduo está satisfeito com relação a essas características. Por fim, o domínio de saúde acerca do meio ambiente apura as sensações do indivíduo com relação ao seu lar, segurança, recursos financeiros, as oportunidades disponíveis para prover recreação e lazer, informações, cuidados com a saúde, transporte e acerca do ambiente físico que o cerca.

Dessa forma os quatro domínios buscam informações dos aspectos da saúde do indivíduo de forma a melhor identificar a sua situação atual, ou seja, como ele se sente acerca daqueles aspectos nas últimas duas semanas, buscando um estado de saúde recente.

2.4 Resultados e discussões

2.4.1 Perfil da amostra

Ao analisar o perfil dos respondentes (Tabela 1), percebe-se que 50,80% pertence ao gênero feminino, 56,38% são casados e que a maioria se encontra na faixa etária entre 19 e 30 anos (35,37%). Verificou-se ainda que 22,87% dos indivíduos possuem renda mensal individual de 3,1 a 6 salários mínimos, seguida daqueles que recebem até 3 salários mínimos (21,81%).

Predominam indivíduos que não possuem dependentes (45,48%), indivíduos com dependentes em sua maioria possuem apenas um (22,07%). Ao referirem-se à escolaridade, a maioria intitula-se com nível de pós-graduação (57,71%) e a minoria apenas o ensino fundamental (5,32%). As ocupações predominantes são funcionário público (38,83%) e empregado via CLT (26,86%).

Tabela 1

Perfil dos respondentes segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas

Variável	Alternativas	F ¹ / %	Variável	Alternativas	F ¹ / %
Idade	Até 18 anos	10 / 2,66%	Sexo	Masculino	185 / 49,2%
	19 a 30 anos	133 / 35,4%		Feminino	191 / 50,8%
	31 a 40 anos	106 / 28,2%		Desempregado	28 / 7,45%
	Acima de 40 anos	127 / 33,8%		Empregado CLT	101 / 26,9%
Estado Civil	Solteiro	141 / 37,5%	Ocupação	Autônomo	25 / 6,65%
	Casado/União Estável	212 / 56,4%		Profissional Liberal	9 / 2,39%
	Divorciado	23 / 6,12%		Funcionário Público	146 / 38,8%
Renda Mensal Indivídual	Sem renda	52 / 13,83%		Empresário	17 / 4,52%
	Até 3 sal.min. ²	82 / 21,81%		Aposentado	7 / 1,86%
	3,1 até 6 sal.min. ²	86 / 22,87%		Do lar	10 / 2,66%
	6,1 até 10 sal.min. ²	73 / 19,41%		Estudante	33 / 8,78%
	10,1 até 15 sal.min. ²	53 / 14,1%			
	> de 15 sal.min. ²	30 / 7,98%			

continua...

continuação

Variável	Alternativas	F ¹ / %	Variável	Alternativas	F ¹ / %
Escolaridade	Ensino Fundamental	20 / 5,32%	Dependentes	0	171 / 45,5%
	Ensino Médio	85 / 22,61%		1	83 / 22,07%
	Ensino Superior	54 / 14,36%		2	68 / 18,09%
	Pós-Graduação	217 / 57,7%		3	39 / 10,37%
				4 ou mais	15 / 3,99%

Nota. Abreviaturas: 1 – frequência; 2 – salário mínimo.

A primeira escala utilizada buscou identificar o endividamento. A estatística descritiva, com base na frequência e percentual das respostas está apresentada na Tabela 2. Ao analisar o perfil de endividamento dos respondentes verifica-se que mesmo que a maioria se autoavalie como endividado (50,80%), a diferença para aqueles que não se consideram (49,20%) é pequena. Sobre o pagamento de suas contas a maioria as realiza em dia (76,06%), enquanto que apenas 1,86% dos respondentes informaram que não conseguem cumprir com os seus compromissos. Estes dados estão em consonância com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) Brasil e a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) que estimam que o país concluiu o primeiro semestre de 2018 com aproximadamente 63,6 milhões de brasileiros com o CPF restrito em virtude de atrasos no pagamento de contas, representando esse dado 42% da população adulta do país.

Tabela 2

Perfil dos respondentes com relação ao fator endividamento.

Variável	Alternativas	F ¹ / %	Variável	Alternativas	F ¹	%	
Você se considera uma pessoa endividada mesmo pagando as suas contas em dia	Não	185 / 49,2%	Qual (quais) tipos de contas você possui / não possui	Conta de água	112 / 264	29,79 / 70,21%	
				Cartão de crédito	93 / 283	24,73 / 75,27%	
	Sim	191 / 50,8%		Conta de energia	73 / 303	19,41 / 80,59%	
				Conta de tel. ² fixo	180 / 196	47,87 / 52,13%	
Em média, qual a frequência de pagamento de suas contas	Pago em dia	286 / 76,1%		Conta de tel. ² móvel	109 / 267	28,99 / 71,01%	
				Conta de internet	90 / 286	23,94 / 76,06%	
	Com até 5 dias de atraso	42 / 11,2%		Cheque especial	280 / 96	74,47 / 25,53%	
				Mens. ³ escolar	269 / 107	71,54 / 28,46%	
	Com até 10 dias de atraso	18 / 4,8%		Mens. ³ de clubes	320 / 56	85,11 / 14,89%	
				Mens. ³ de cursos	300 / 76	79,79 / 21,21%	
	Com até 15 dias de atraso	11 / 2,9%		Mens. ³ de academias	258 / 118	68,62 / 31,38%	
				Cheque pré-datado	353 / 23	93,88 / 6,12%	
	Com até 30 dias de atraso	9 / 2,39%		Crédito consignado	295 / 81%	78,46 / 21,54%	
				Crédito pessoal	321 / 55	85,37 / 14,63%	

continua...

continuação

Variável	Alternativas	F ¹ / %	Variável	Alternativas	F ¹	%	
Em média, qual a frequência de pagamento de suas contas	Com mais de 30 dias de atraso	7 / 1,86%		Carnês	315 / 61	83,78 / 16,22%	
	Não pago	3 / 0,8%		Financ. ⁴ de carros	298 / 78	79,26 / 20,74%	
				Financ. ⁴ de casa	298 / 78	79,26 / 20,74%	
				Outras dívidas	257 / 119	68,35 / 31,65%	

Nota. Abreviaturas: 1 – frequência; 2 – telefone; 3 – mensalidade; 4 – financiamento.

Com relação aos tipos de contas, prepondera aquelas consideradas essenciais para uma residência: água (70,21%), energia (80,59%), telefone fixo (52,13%) e móvel (71,01%) e internet (76,06%). Em menor escala são apontadas contas de mensalidades: escolar (28,46%), clubes (14,89%), cursos (21,21%) e academias (31,38%). Os tipos de contas menos apontadas são as que carregam juros ou que não são de consumo básico, como cheque especial (25,53%), crédito consignado (21,54%), carnês (16,22%), crédito pessoal (14,63%) e cheque pré-datado (6,12%). Ressalta-se o uso do cartão de crédito (75,21%) e financiamentos de veículos e imóveis (79,26%), pela maioria dos respondentes.

A Figura 1 apresenta um painel de gráficos dos resultados dos quatro fatores analisados (endividamento, BAI, BDI e qualidade de vida e saúde), conforme classificação discutida na metodologia. Nesse painel é possível verificar que 49% dos indivíduos se autorelataram como “não endividados” sendo classificados como de baixo endividamento, 20% como médio e 30% como alto endividamento. Com relação aos níveis de ansiedade, a maior parte da amostra (62,8%) se classifica com baixos níveis, seguida dos que apresentaram níveis médio (21,8%), moderados (12%) e uma pequena parcela com níveis grave de ansiedade (3,5%). Nas análises bivariadas devido a baixa frequência da classificação grave, aglutinou-se as classes moderado e grave numa única categoria (moderado/grave).

Os resultados dos níveis de depressão foram semelhantes aos de ansiedade, sendo a maior frequência apresentando níveis mínimos (56,1%) e a menor (8,2%) níveis graves, este último importante ressaltar, mais do que o dobro de indivíduos que apresentaram níveis graves de ansiedade. Por último, os resultados do WHOQOL-Bref apresentaram para a amostra, pontuação média próximas em cada domínio da qualidade de vida: 61 para relações sociais, 65 psicológico, 58 para a relação com o meio ambiente e 56 pontos para o domínio físico, a média dos quatro domínios utilizados para mensurar o nível de qualidade de vida e saúde apresentou resultado de 63 pontos. Neste estudo não buscou-se estabelecer nível mínimo, máximo ou ótimo para o escore de qualidade de vida e saúde e o próprio instrumento não possui está classificação,

pois esta ferramenta é utilizada com intuito de comparação com outras (assim como está sendo realizado neste estudo) ou a oscilação dos seus resultados para o mesmo indivíduo ao longo do tempo. Dessa forma não preocupou-se em verificar se estes resultados separados eram bons ou não para os indivíduos.

Todos os questionários passaram no teste de confiabilidade, apresentando resultados para o *Alfa de Cronbach* (α) acima de 0,7 (Hair et al., 2009), e assim, mostrando que na amostra avaliada foram adequados para medir o que se propunham: níveis de ansiedade (BAI), depressão (BDI) e qualidade de vida e saúde (WHOQOL-Bref).

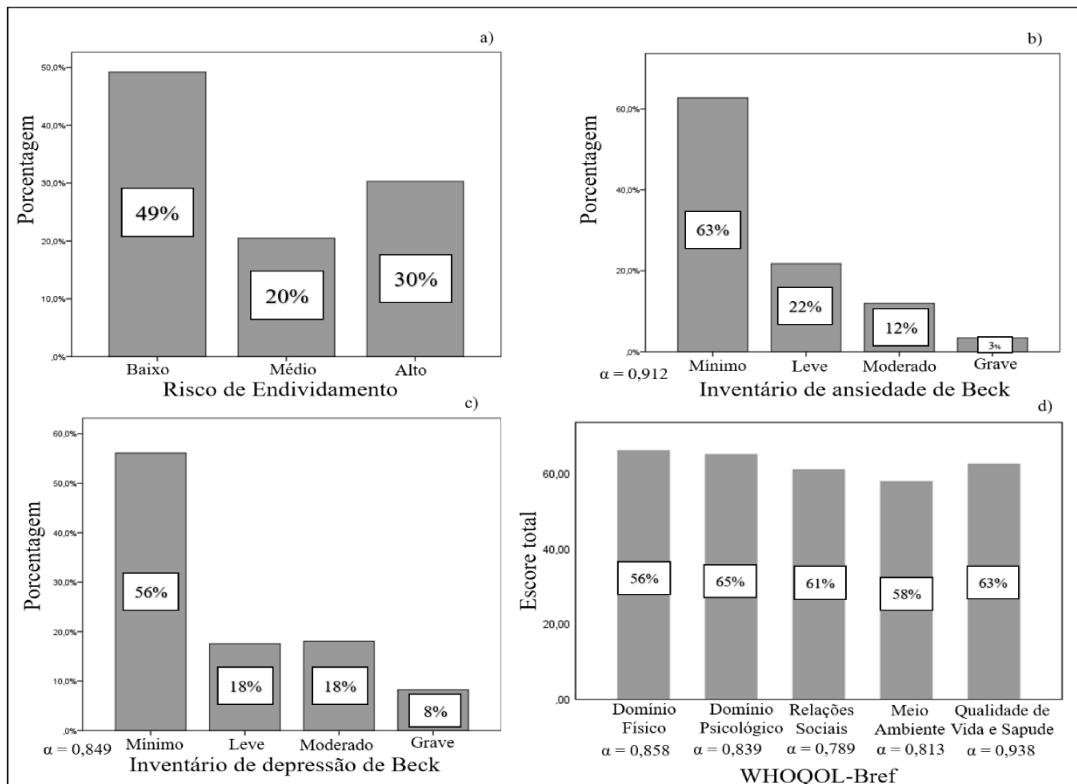


Figura 1. Gráficos dos resultados das escalas de endividamento, BAI, BDI e WHOQOL-Bref.
Nota: α = Alfa de Cronbach

2.4.2 Análises das relações

A Figura 2 apresenta um painel com os gráficos do cruzamento entre as classes endividamento, as classificações quanto aos níveis de ansiedade e depressão e a média dos escores dos domínios da qualidade de vida e saúde. Nesses gráficos a amostra foi dividida em duas, utilizando como critério de endividamento: a primeira juntando os indivíduos que se mostraram com baixo/médio endividamento; e a segunda com aqueles que se classificaram com alto risco. Esse procedimento foi apenas para melhor visualização dos achados e destaque das diferenças, pois nos testes bivariados utilizou-se o escore total de endividamento (Quadro 1) contra as classes de ansiedade, depressão e os escores dos domínios da qualidade de vida e saúde.

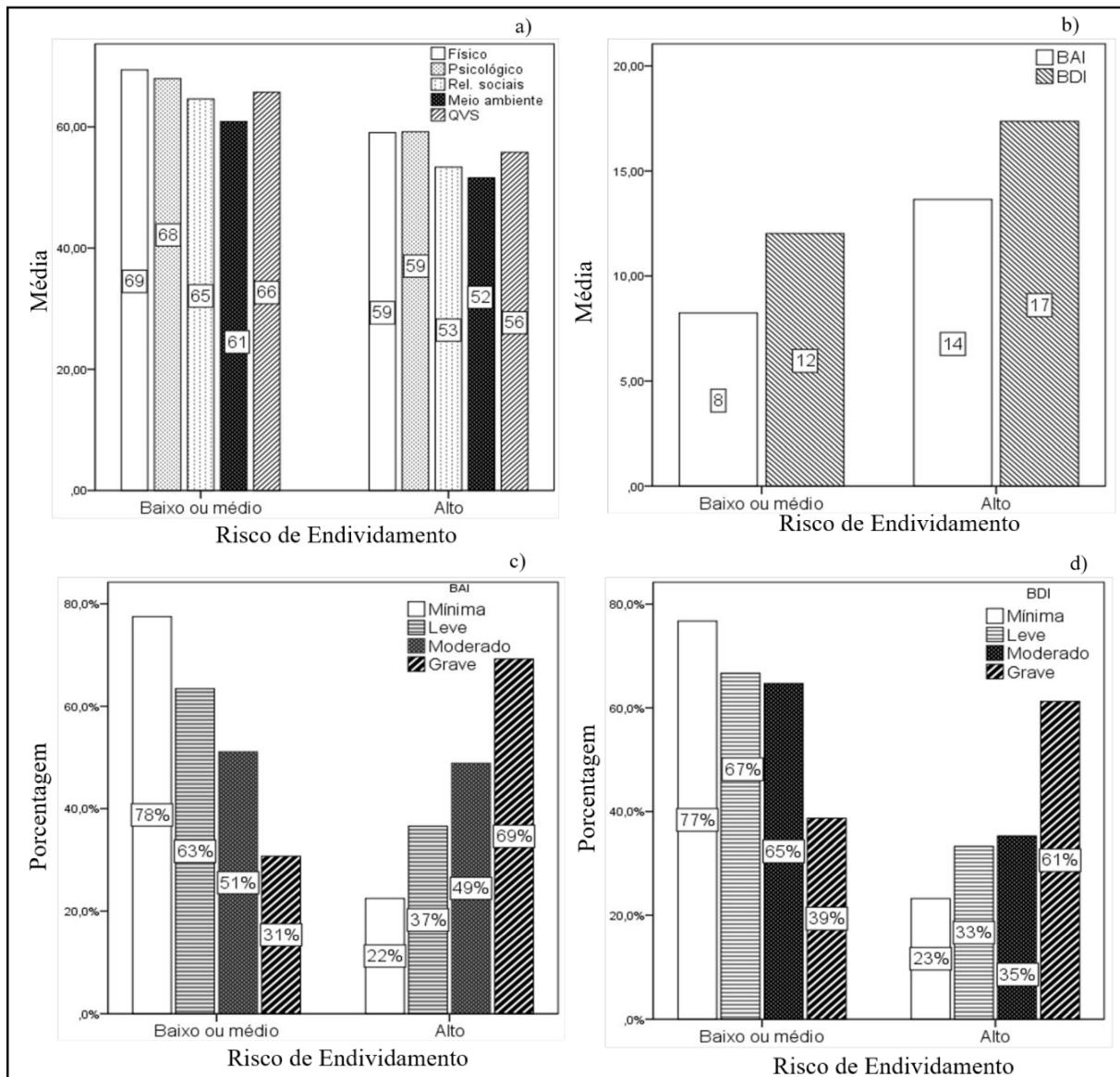


Figura 2. Resultados do cruzamento entre ansiedade (BAI), depressão (BDI) e qualidade de vida e as classificações de endividamento em baixo/médio e alto.

Essas análises (cruzamentos) também poderiam se dar de outra forma, já que nesse estudo não se definiu a direção da causalidade entre endividamento e saúde mental/física e qualidade de vida e saúde. Ou seja, poder-se-ia utilizar a classificação proposta de endividamento (baixo, médio e alto) contra os escores da ansiedade e depressão. A despeito de ter sido feito das duas formas e os resultados serem equivalentes, optou-se por efetuar os testes estatísticos pelo escore de endividamento contra as classes da ansiedade e depressão, com fins de não se questionar a classificação de endividamento, uma vez que essa poderia ser diferente, conforme os critérios adotados. As classes da depressão e ansiedade já estão bem solidificadas na literatura da saúde.

Com relação aos domínios da qualidade de vida e saúde (Figura 2a), percebe-se que os menores escores obtidos, em todos os domínios, concentram-se em indivíduos classificados como alto endividamento. Pelos gráficos c) e d) da Figura 2 é possível constatar que a medida que o eixo de endividamento avança, na direção do alto risco, maiores níveis de ansiedade e de depressão são mais frequentes. A situação contrária também acontece, a medida que o eixo de endividamento recua, na direção do baixo ou médio risco, os resultados dos níveis de ansiedade e depressão também vão suavizando, com mais indivíduos nas classificações mais amenas dessas medidas.

A percepção ilustrada nos gráficos da Figura 2 comprova-se estatisticamente: i) a média dos escores do domínio físico é maior para indivíduos considerados de baixo endividamento ($\chi^2 = 28,386$; p-valor < 0,000); ii) o escore médio do domínio psicológico é maior para indivíduos de baixo endividamento ($\chi^2 = 24,480$; p-valor < 0,000); iii) a média do escore nas relações sociais é diferente apenas entre o endividamento alto e baixo ($\chi^2 = 59,203$; p-valor < 0,000); iv) o escore médio no domínio meio ambiente é maior para indivíduos de baixo endividamento ($\chi^2 = 28,816$; p-valor < 0,000); e v) considerando o escore total da qualidade de vida e saúde, quem é classificado como de baixo endividamento possui maior escore na escala geral ($\chi^2 = 34,857$; p-valor < 0,000). Esse resultado está conforme os obtidos por Bemel et al., (2016) e French e Mckillp (2017), que encontraram que níveis maiores de estresse financeiro impactavam, ou tinham relação significativa em diversos aspectos da saúde mental de um indivíduo.

Os resultados quando confronta-se as classes de ansiedade e depressão contra os escores do endividamento são similares. As diferenças se dão, essencialmente, quando compara-se a média dos escores do endividamento entre o nível mínimo de ansiedade e o nível moderado/grave ($\chi^2 = -64,898$; p-valor < 0,000): indivíduos com nível moderado/grave de ansiedade possuem, em média, um endividamento quase o dobro (mais de 90%) maior do que indivíduos com nível mínimo de ansiedade; e entre o nível mínimo e grave de depressão ($\chi^2 = -77,482$; p-valor = 0,001): indivíduos com nível grave de depressão possuem, em média, um endividamento cerca de 70% maior do que indivíduos com nível mínimo de depressão. Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Bridges e Disney (2010), Drentea e Reynolds (2010), Maselko et al., (2018), Turunen e Hiilamo (2014), Walsemann et al., (2015) e Zerrener (2007), os quais concluíram a significância das tensões financeiras, principalmente relacionadas as dívidas ou a dificuldades em pagar os seus compromissos de necessidades básicas, com o desencadeamento de sintomas de ansiedade e depressão. Assim como concluído por Hojman et al., (2016) é possível conjecturar que a medida que o endividamento aumenta,

um risco que é caracterizado por tensões financeiras, como problemas de assiduidade nos pagamentos de contas, por se encontrar com contas que ultrapassam a sua capacidade de pagamento e/ou possuir alguns tipos de contas que fogem daquelas necessárias para a manutenção de uma residência, aumenta também sintomas relacionados a ansiedade e depressão, além de uma piora na avaliação da sua qualidade de vida.

Em termos de intensidade, a força da relação é mais proeminente no caso do domínio físico ($\rho = -0,202$; $p\text{-valor} < 0,000$) e da ansiedade ($\rho = 0,215$; $p\text{-valor} < 0,000$), indicando que maiores escores de endividamento estão associados a menores escores de qualidade de vida física e maiores níveis de ansiedade. As outras relações, apesar de apresentarem intensidade menor, também foram significativas ao nível de 5% e de acordo com a direção esperada: maiores escores do endividamento também estão associados com menores escores na qualidade de vida psicológica ($\rho = -0,114$; $p\text{-valor} = 0,027$), relações sociais ($\rho = -0,142$; $p\text{-valor} = 0,006$) e meio ambiente ($\rho = -0,131$; $p\text{-valor} = 0,011$) e com maiores escores na escala de depressão ($\rho = 0,163$; $p\text{-valor} = 0,002$). Essa análise do grau de associação dos escores através da Correlação de Spearman (ρ) reforça os achados das comparações múltiplas procedidas a partir do teste de Kruskal-Wallis (χ^2).

2.4.3 Teste de robustez

Ressalta-se que os achados na presente pesquisa não foram devido ao método, apesar da carência de generalização, uma vez que a amostra possui um perfil que não condiz com a representação nacional, como por exemplo, a grande proporção de indivíduos com ensino superior/pós-graduação. Além dos caminhos percorridos acima, procederam-se também outros, tais como: 1) pesos diferentes nos tipos de contas do Quadro 1; 2) classificações diferentes para o endividamento, como por exemplo, separação em tercis e quartis; e 3) cruzamento das classes de endividamento contra as classes de ansiedade e depressão em tabelas de frequência e cálculo de testes para esse fim, como por exemplo, o teste D de Somers e o teste Gama, sob a hipótese que se tratam de frequência oriundas de variáveis ordinais. Os resultados não se alteraram com estes diferentes procedimentos metodológicos.

Em termos multivariados, a despeito da já comentada endogeneidade em potencial da variável endividamento com as variáveis de ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde, optou-se por tratá-la como variável independente num modelo de regressão linear múltipla. Não se avançou no sentido de análises multivariadas que pretendem considerar problemas de endogeneidade, tal como Modelagem de Equações Estruturais, devido o delineamento do experimento carecer de um design apropriado, como o procedimento para aplicação da pesquisa, separando a amostra em grupos de controle e de tratamento. Como todas as variáveis

de interesse são potencialmente endógenas (espera-se que a qualidade de vida possa afetar o endividamento, assim como o contrário, o mesmo valendo para as relações ansiedade-endividamento, depressão-endividamento, ansiedade-qualidade de vida, ansiedade-depressão e depressão-qualidade de vida), fatalmente ter-se-ia problemas de identificação dos modelos e frágeis conclusões sobre causalidade, apesar da já explicada estrutura dos instrumentos utilizados nesta pesquisa, permitir considerar que o endividamento, nesta situação, é antecessor aos sintomas de ansiedade, depressão e as sensações de qualidade de vida apontadas, pois pede-se que os indivíduos considerem suas respostas, em relação as duas últimas semanas, dado o momento em que responde os questionários. Dessa forma, deu-se prioridade em discutir, de um modo mais simples e acessível, porém a partir de análises multivaradas, com intuito de aproveitar todas as informações da pesquisa, a associação existente entre as variáveis de interesse, do que fazer inferências robuscadas e frágeis sobre causalidade.

Nesse sentido, fez-se uso dos escores das variáveis de interesse (endividamento, depressão, ansiedade e qualidade de vida e saúde) em detrimento de suas classificações, para que assim, pudesse ter modelos multivariados mais flexíveis. Além do mais, em vez de ter diversos modelos para a análise multivariada, um para cada variável dependente (depressão, ansiedade e cada um dos domínios da qualidade de vida e saúde – físico, psicológico, social e ambiental), optou-se por reduzir as variáveis em apenas um componente principal (PCA) formado pelos três escores: depressão, ansiedade e qualidade de vida e saúde; haja vista a alta correlação entre eles (acima de 0,50 em módulo).

Um modelo PCA com os três escores se ajustou de forma excelente: i) um único componente explicou aproximadamente 76% da variância; e ii) cada um dos pesos fatoriais superou 0,80. Estimou-se o componente principal a partir do método de regressão e o fator originado tornou-se a variável dependente do único modelo de regressão múltipla ajustado, sendo entitulada esta nova variável de Fator Saúde (FS). Além do escore de endividamento como variável independente, incluiu-se as outras variáveis de perfil disponíveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, ocupação e número de dependentes, com o intuito de aproveitar todas as variáveis captadas na pesquisa. Os resultados da regressão do modelo ajustado encontra-se na Tabela 3.

Tabela 3
Análise da relação entre Fator Saúde (FS), Endividamento e Variáveis Sociodemográficas

FS	Beta	FS	Beta
ENDIVIDAMENTO	.3520***	ESTADO CIVIL	
		Casado/União Estável	-.0731
SEXO		Divorciado	-.0373
Feminino	.2120***		
DEPENDENTES		ESCOLARIDADE	
Um dependente	.0771	Ensino Médio	-.1100
Dois dependentes	.0646	Ensino Superior	-.1631
Três dependentes	.0659	Pós-Graduação	-.0969
Quatro dependentes ou mais	.0923**	IDADE	
		19 a 30 anos	.00272
OCUPACAO		31 a 40 anos	-.00982
Empregado	-.0715	Acima de 40 anos	-.0779
Autônomo	-.0823		
Profissional Liberal	-.0075	RENDAS	
Funcionário Público	-.1133	Até 3 salários mínimos	-.0194
Empresário	-.1146	3,1 a 6 salários mínimos	-.0295
Aposentado	-.0262	6,1 a 10 salários mínimos	-.1481
Do lar	-.0073	10,1 a 15 salários mínimos	-.0326
Estudante	.0141	Acima de 15 salários mínimos	-.0948
F(27, 348)	4.44		
Prob > F	0.0000		
R-squared	0.2589		

Nota. ***Significância 1%; **Significância 5%.

O modelo da Tabela 3 apresenta os coeficientes padronizados (betas) com erros-padrão robusto, pois o teste Breusch-Pagan rejeitou a hipótese de homogeneidade ($\chi^2 = 19,23$; p-valor < 0,000). A hipótese de normalidade dos resíduos não foi aceita pelo teste de Shapiro-Wilk (Z = 3,68; p-valor < 0,000), no entanto, como tem-se 376 observações o Teorema do Limite Central respalda as inferências proferidas a partir dos valores da Tabela 3. Mesmo assim, para certificação, os intervalos de confiança dos parâmetros foram estimados por *bootstrap* (n=10.000) corrigido para viés e os resultados não se alteraram.

Como pode-se ver na referida tabela, o modelo como um todo mostrou-se altamente significativo ($F = 4,44$; p-valor < 0,000) e de bom ajuste ($R^2 = 0,26$) por se tratar de dados *cross-section*. A maioria das variáveis de controle não foi significativa, exceto por sexo e número de dependentes, no entanto, optou-se por avaliar o escore do endividamento sem nenhuma exclusão dos controles. Como ficou evidenciado o endividamento é altamente significativo (beta = 0,35; p-valor < 0,000), e dentre todas as variáveis do modelo, a mais significativa (maior beta em módulo) para explicar o componente principal oriundo dos escores da depressão, ansiedade e qualidade de vida e saúde.

Esses resultados corroboram, mais um vez, a associação existente entre o endividamento e potenciais problemas de saúde física e mental, principalmente aqueles relacionados aos sintomas de ansiedade, depressão e na sensação de qualidade de vida e saúde (Bridges & Disney; 2010; Drentea & Reynolds, 2010; Maselko et al., 2018; Turunen & Hiilamo, 2014; Walsemann et al., 2015 e Zerrener, 2007),

De uma forma geral, além das análises estatísticas descritas e comentadas acima, buscou-se outros caminhos, tais como: i) avaliação individual de cada um dos escores (depressão, ansiedade e domínios da qualidade de vida e saúde) como variável dependente; e ii) utilização das classificações da depressão e ansiedade como variável dependente e uso de regressões logísticas ordenadas. Em todas as análises procedidas, contundentemente, foi verificada uma forte associação entre o endividamento e as mensurações de depressão, ansiedade e qualidade de vida e saúde. A despeito da configuração do experimento não ser apropriada para se falar em causalidade, no sentido que problemas de saúde física e mental podem ser efeitos de altos índices de endividamento pessoal, preliminarmente, considera-se que o presente estudo é um primeiro passo importante ao mostrar evidências da forte relação entre endividamento e depressão, ansiedade e baixa qualidade de vida e saúde para uma amostra brasileira de forma empírica.

2.5 Considerações finais

Neste estudo demonstra-se que na literatura já existem evidências que estresse causado por desordens financeiras pode ser relacionado com diversos sintomas psicossomáticos, como ansiedade, depressão, perda da qualidade de vida e em casos extremos de grande pressão, culminar em suicídio. Por isso, buscou-se verificar a relação entre situações de endividamento, a percepção do indivíduo acerca de sua qualidade de vida e saúde e sintomas de ansiedade e depressão.

Os achados concluíram que indivíduos com menor endividamento apresentaram sensações de qualidade de vida melhores e menores níveis de ansiedade e depressão, assim como a relação contrária também foi confirmada. Os questionários passaram por testes de confiabilidade e as análises bivariadas mostraram fortes indícios que existe relação entre maior endividamento e piora na qualidade de vida e saúde e altos níveis de ansiedade e depressão de um indivíduo.

Ao mostrar que indivíduos com menores tensões financeiras (baixo endividamento) apresentam menores sintomas de ansiedade, depressão e qualidade de vida, o presente trabalho sinaliza para a importância de cuidados com a saúde financeira e com situações de endividamento. Fica clara que a necessidade da disseminação da educação financeira é algo

real, principalmente como uma forma de melhorar o controle financeiro dos indivíduos, além de uma medida preventiva, inclusive, contra o aumento de desordens psicossomáticas.

Os resultados da análise bivariada são reforçados pelos resultados da verificação multivariada, onde foram utilizadas todas as variáveis disponíveis por meio de regressão multipla. Foi verificada que as variáveis de interesse, ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde, apresentaram alta correlação entre si, portanto, criou-se a partir dos seus escores, uma única variável (FS) a qual ajustou-se de forma excelente ao modelo proposto. Os resultados do modelo de regressão múltipla apontaram apenas as variáveis, gênero (feminino), dependentes (mais de 4) e endividamento significativas estatisticamente, sendo que o valor em módulo do beta de endividamento, o maior dentre as variáveis significativas, por isso considerada a variável com maior poder de impacto nos fatores de saúde.

Os achados desta pesquisa, mesmo que embrionária para o cenário brasileiro acerca destas variáveis, são importantes tanto no aspecto social, político, quanto teórico. Acerca das contribuições sociais os resultados reforçam a importância nos cuidados com a saúde financeira, principalmente com situações de sobreendividamento ou endividamento de longo prazo, devido aos impactos deletérios na saúde, principalmente quanto aos sintomas de ansiedade, depressão e pior sensação da qualidade de vida.

Com relação às contribuições políticas, esses resultados poderão auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas melhor direcionadas para o endividado, elucidando que além do auxílio na recuperação financeira, estes indivíduos também necessitam de auxílio médico e psicológico para conseguirem se recuperar integralmente e evitarem que a sua situação de dívida se torne, ou mesmo que tais problemas de saúde não sendo resolvidos se tornem algo mais agravante. Ainda no aspecto político reforçar a necessidade de programas públicos e/ou privados, preventivos contra o endividamento.

No aspecto teórico, a contribuição se sustenta no fato de apresentar a importância das características psicológicas de indivíduos endividados, ante as sociodemográficas, comumente consideradas para analisar indivíduos com esse perfil, além disso, o fato de se tratar de um estudo ainda não encontrado no cenário brasileiro.

As limitações do trabalho recaem principalmente com relação a amostra, onde o perfil se mostrou predominante de indivíduos com alto nível de escolaridade (ensino superior ou pós-graduação) o que não é a realidade da totalidade da população brasileira, impossibilitando a generalização dos resultados. Além disso, a endogeneidade potencial da variável de endividamento, assim como das variáveis de saúde e qualidade de vida, também impedem que seja tratada relação de causa entre elas. As limitações abrem espaço para a sugestão de trabalhos

futuros, como a replicação desta pesquisa, buscando maior abrangência de respondentes, com maior prazo para o recebimento das respostas e uma maior diversidade da amostra. Outra sugestão é aplicar um estudo controlado, onde os respondentes seriam separados em duas amostras, uma de controle e outra de tratamento, sendo que esta última receberia auxílio na resolução de seus problemas financeiros, e após decorrido um período, repetir a aplicação dos questionários e comparar os resultados.

|

CAPÍTULO 3: Endividamento: buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde

3.1 Introdução

A capacidade de gerenciar finanças pessoais tem se mostrado uma habilidade essencial nos dias de hoje. Prova disso são as mudanças ocorridas na última década no cenário econômico brasileiro, principalmente com relação às políticas de inclusão social e o crescente desenvolvimento do sistema financeiro. Tais medidas facilitaram o acesso a produtos mais sofisticados, como cartão de crédito, empréstimo pessoal e consignados (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017), causando uma mudança perceptível nos hábitos de consumo das pessoas como consequência do aumento da oferta de crédito e flexibilização dos prazos de pagamento (Potrich et al., 2016).

O fácil acesso ao crédito estimulou o desenvolvimento de diversas economias, entre elas o Brasil, facilitando o cotidiano dos indivíduos por meio do crescimento acelerado do poder de consumo (Hojman et al., 2016; Potrich et al., 2014).

Apesar disso, no Brasil, tal situação trouxe como consequência um aumento de famílias endividadas, principalmente, por não saberem lidar com essa nova realidade e utilizarem tais recursos de forma deliberada (Francischetti et al., 2016; Slomp, 2008), como aponta os resultados da PEIC de dezembro de 2018, em que 59% das famílias brasileiras se encontram com pelo menos uma dívida (CNC, 2018).

Mesmo que saber lidar com dinheiro seja uma característica essencial para qualquer indivíduo que possua uma fonte de renda, diversos estudos nacionais e internacionais mostram que as pessoas ou não possuem essa habilidade (Potrich, Vieira, & Ceretta, 2013) ou o que sabem é limitado e insatisfatório (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017; Beal & Delpachitra, 2003; Chen & Volpe, 1998; Nascimento, Macedo, Siqueira, & Bernardes, 2016; Grohmann, Kouwenberg, & Menkhoff, 2015; Nano & Polo, 2016; Norvilitis et al., 2006; Potrich et al., 2015; Potrich et al., 2013; Potrich, Vieira, & Kirch, 2015; Potrich, Vieira, & Kirch 2016; Scheresberg, 2013).

Adicionalmente à falta da educação financeira, outros fatores comportamentais também impactam no aumento do endividamento por influenciar nas decisões de consumo, pois definem valores materiais, decisões no gerenciamento do dinheiro, de poupança e a manutenção das dívidas (Donnelly, Iyer, & Howell, 2012). As principais características de indivíduos endividados, segundo Ferreira (2016), são a inabilidade em lidar com dinheiro, não planejamento da sua vida financeira, ausência do hábito de poupar, relacionando sua felicidade a bens materiais e situações momentâneas, normalmente gastando mais do que ganham.

Portanto, o endividamento pode ser visto por uma perspectiva comportamental, tendo na atitude o maior preditor da situação endividada (Flores & Vieira, 2016), se tratando de uma consequência do descontrole financeiro, relacionado a motivações afetivas, a personalidade, a utilização irracional e sem controle do dinheiro e a sua má gestão (Souza, Alves, Ribeiro, & Cesarino, 2017).

Além dos fatores que desencadeiam o endividamento, faz-se importante considerar as consequências geradas para o indivíduo, além da financeira, como problemas de saúde física e mental. Situações de constante endividamento ou um alto volume de dívidas podem desencadear ansiedade, depressão, angustia, perda da qualidade de vida e da capacidade de realizar atividades contidianas, sobrepeso, pressão alta, diabetes, problemas cardíacos entre outros (Bemel et al., 2016; Clayton, Liñares-Zegarra, & Wilson, 2015; French & Mckillop, 2017; Keese & Schmitz, 2011; Keese & Schmitz, 2014; Slomp, 2008; Turumen & Hiilamo, 2014), sendo, portanto, não somente um problema de ordem financeira, mas também de cunho social.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo principal estabelecer um modelo empírico-teórico com intuito de analisar a relação entre endividamento e ansiedade, depressão e qualidade de vida, considerando nessa relação aspectos comportamentais como educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo.

Busca-se extrapolar o entendimento acerca das características de indivíduos endividados, ao confrontar também essas características com sintomas de ansiedade, depressão e sensações da qualidade de vida. Para isso será realizado além das análises bivariadas, análise multivariada pela modelagem de equação estrutural (SEM). Com isso, pretende-se auxiliar no desenvolvimento de melhores políticas públicas visando prevenir o endividamento e os seus efeitos deletérios na saúde das pessoas.

Com relação a contribuição social, almeja-se aprofundar nos fatores de risco associados ao endividamento, reforçando os impactos na saúde dos indivíduos, além de reforçar os impactos de fatores comportamentais nessa relação. Para a literatura sobre o tema, este trabalho visa dar maior amplitude a discussão acerca da relação entre o comportamento, endividamento e saúde física e mental, em vista se tratar de um dos estudos pioneiros ao analisar de forma empírica tais variáveis no contexto das finanças, e particularmente, no Brasil.

A contribuição dos resultados deste trabalho, seja pela discussão acerca da literatura aqui trabalhada ou dos indícios empíricos resultantes desta pesquisa, poderão ser utilizados como incremento para o conteúdo didático acerca do endividamento, principalmente a sua relação com fatores comportamentais e com a saúde física e mental das pessoas.

3.2 Revisão da literatura

3.2.1 Endividamento, Saúde mental e física e a qualidade de vida

Possuir dívidas significa que o indivíduo adquiriu um compromisso financeiro usufruindo hoje para quitá-lo em data futura, o que por si, não é uma situação de risco (Campara, Vieira, & Ceretta, 2016). O problema acontece quando as dívidas ultrapassam o limite das capacidades financeiras do indivíduo, se tornando um sobreendividamento, situação esta que pode colocar em risco tanto sua saúde financeira quanto física e psicológica, refletindo de forma negativa em toda estrutura familiar (Bemel et al., 2016; Turunen & Hiiilamo, 2014; Zerrener, 2007).

Comprometer a renda com despesas como aluguel (ou prestação habitacional), transporte, alimentação entre outros, faz parte da realidade de qualquer pessoa que possua uma fonte de renda e tenha alguma autonomia pessoal. Tais compromissos também são dívidas, mas o fato de ser algo preocupante ou não, está relacionado com a forma como os pagamentos são realizados e o seu impacto na renda familiar.

Cabe ressaltar também que o endividamento não significa o não pagamento da dívida, quando isso ocorre, o indivíduo se torna inadimplente sendo classificado com relação ao seu risco, dado os dias em que se encontra em atraso (BACEN, 2018). O endividamento é uma situação antecessora a inadimplência e que pode conter maiores explicações sobre o comportamento do indivíduo (Diniz, 2015).

Devido a sua importância, não é por menos que a dívida cause desconforto ao indivíduo a medida que ela aumenta, sendo associada em diferentes públicos, em graus diversos, a uma piora no funcionamento psicológico, como o desencadeamento de sintomas de depressão, ansiedade, raiva e perda da qualidade de vida (Bridges & Disney, 2010; Drentea & Lavrakas, 2000; Drentea & Reynolds, 2012; Keese & Schmitz, 2014; Maselko et al., 2018; Turunen & Hiiilamo, 2014; Walsemann et al., 2015; Zimmerman & Katon, 2005).

Hojman et al., (2016) reforçam a força dos impactos do endividamento na saúde mental, a partir dos resultados do estudo de dados longitudinais de 10.900 indivíduos do Chile, concluírem que a trajetória da dívida impactava no desencadeamento, aumento e/ou diminuição dos sintomas de depressão.

Quando as preocupações sobre assuntos financeiros comprometem a maior parte do psicológico do indivíduo, o mesmo tende a se comprometer menos com sua qualidade de vida e saúde (Keese & Schimitz, 2014; Turumen & Hiiilamo, 2014). Situação esta que pode culminar no desencadeamento de diabetes, obesidades, pressão alta (Averett & Smith, 2013; Keese & Schimitz, 2014; Sweet, Nandi, Adam, & Mcdade, 2013; Nelson et al., 2008), em casos

extremos, acarretar no desenvolvimento de quadros de tumores malignos (Havlik, Vukasin, & Ariyan; 1992).

No cenário brasileiro Lucke, Filipin, Brizolla e Vieira (2014), Nogueira, Reis, Jaeger e Kaefer (2017), Potrich, et al., (2016) verificaram situações semelhantes, em que indivíduos que passavam por algum tipo de estresse financeiro, desenvolveram certo nível de depreciação na sua saúde psicológica, como sintomas de depressão, transtorno bipolar e raiva; e física com o desencadeamento de insônia, doenças do coração, perda da qualidade de vida, diabetes, obesidade entre outros.

Dilmaghani (2017) encontrou que um alto endividamento familiar é um preditor, estatisticamente significante, de piores resultados de saúde física e mental, sendo que uma insegurança econômica acarreta uma piora na saúde física, ocasionada por “estresse psicossocial”.

3.2.2 Educação financeira e o endividamento

O gerenciamento das finanças pessoais é uma habilidade essencial para qualquer pessoa que possua alguma fonte de renda e queira sobreviver numa economia cada vez mais dinâmica, na qual surgem a cada momento novos produtos financeiros, serviços e mercados cada vez mais complexos (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017; Kühl, Valer, & Gusmão, 2016; Potrich et al., 2016; Potrich, Veira, Campara, Fraga, & Santos, 2014).

O entendimento de conceitos financeiros se mostra insuficiente para uma boa gestão das finanças pessoais, sendo necessário extrapolar o conhecimento e ser capaz de colocá-los em prática no seu comportamento e atitudes diárias (Mette & Matos, 2016; Potrich, Vieira, Campara et al., 2015).

Esse conjunto de conhecimento, comportamento e atitude financeira é tratado na literatura como educação financeira ou alfabetização financeira (Potrich et al., 2015) e uma pessoa educada financeiramente, que toma decisões fundamentadas e seguras sobre seu dinheiro é capaz de alcançar um estado financeiro bem-sucedido e necessariamente livre de dívidas (Potrich et al., 2015).

Uma boa educação financeira está relacionada a atitudes de planejamento futuro, consumo menos compulsivo e a diminuição da dívida (Donnelly, Iyer, & Howell, 2011), e quando analisado sob o aspecto da saúde, pode ser um preventor de distúrbios de saúde física e mental, normalmente relacionados a situações de estresse financeiro, como ansiedade, depressão, perda do sono, raiva, obesidade, diabetes entre outros (Averett & Smith, 2013; Havlik, Vukasin, & Ariyan, 1992; Keese & Schimitz, 2014; Lucke et al., 2014; Nogueira et al., 2017; Potrich et al., 2016; Sweet, et al., 2013; Nelson, et al., 2008).

Visando contribuir para a disseminação da educação financeira e conceitos relacionados, o Governo Federal instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, pelo decreto nº. 7.397, 22, dez. 2010. Se tratando de uma política pública que estabelece um trabalho conjunto de autarquias e ministérios, a qual visa instituir programas e atividades voltadas para tomadores de crédito, em contato direto com esses consumidores.

Apesar de todo este esforço, grande massa da população não possui conhecimentos adequados sobre finanças e, em alguns casos (não raros), nem ao menos apresentam interesse a respeito (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017). Evidenciando esse fato, estudos nacionais e internacionais, buscaram medir o grau de conhecimento e capacidade em lidar com dinheiro em diversos públicos sociodemográficos, concluindo ser uma habilidade limitada para a maioria das pessoas (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017; Chen & Volpe, 1998; Grohmann et al., 2015; Nano & Polo, 2016; Potrich, Vieira, Campara et al., 2015; Potrich et al., 2013; Potrich, Vieira, et al., 2015; Potrich, Vieira, & Kirch, 2016; Scheresberg, 2013).

Corroborando acerca da importância da educação financeira para as populações, Hayhoe, Leach e Turner (1999) evidenciaram que indivíduos que tinham hábitos provenientes de educação financeira, como fazer lista de compras antes de sair e não tomar empréstimos com amigos e parentes, estavam menos propensos a se tornarem inadimplentes.

Perry (2008) verificou que pessoas com altos índices de educação financeira tendem a possuir melhores critérios para avaliação de risco de crédito e com isso apresentam um menor endividamento. Enquanto que indivíduos que se encontram constantemente em dívida apresentam dificuldades em controlar as despesas pessoais e a realizar planejamento a longo prazo (Webley & Nyhus, 2001). Mesmos problemas fortuitos, que fogem do controle do indivíduo, como mortes, desempregos e divórcios, não apresentaram ser tão relevantes na taxa de inadimplência, quanto a falta de planejamento financeiro, na pesquisa de Zerrener (2007).

Dessa forma, a educação financeira se mostra um fator importante para entender o comportamento com relação as finanças e ao endividamento, por ser um ponderador na hora do consumo, direcionando o indivíduo a decisões saudáveis e conscientes (Anderloni & Vandone, 2010; Atkinson & Messy, 2012; Gathergood, 2012; Potrich, Vieira, & Mendes-da-Silva, 2016; Robb, 2011; Silva, Dal Magro, Gorla, & Nakamura, 2017). Fica claro então que entender a relação entre educação financeira e dívidas se faz primordial, dado também os impactos negativos deste último na saúde.

3.2.3 Orientação temporal, autocontrole, materialismo e endividamento

A orientação ou perspectiva temporal é definida como a forma subjetiva, e muitas vezes não consciente, com que os indivíduos se relacionam com o tempo, na organização e na

categorização de experiências pessoais e sociais, em zonas temporais do passado, presente e futuro (Zimbardo & Boyd, 1999; Zimbardo & Boyd, 2006). A orientação temporal dominante (passado, presente ou futuro), pode impactar também nos processos de tomadas de decisão (Savickas, 1991; Zimbardo & Boyd, 1999; Zimbardo & Boyd, 2006) e na tendência para o comportamento de risco (Gonzalez & Zimbardo, 1985; Boyd & Zimbardo, 2005).

Para o estudo econômico, a orientação temporal é a relação que o consumidor tem com o dinheiro no tempo (Souza, 2013). Essa percepção impacta nas decisões financeiras, pois aqueles que identificam subjetivamente uma vantagem em se adiar um pagamento, normalmente o fazem, sendo propensos a contraírem dívidas e a não pouparem (Lea, Webley, & Walker, 1995). Dessa forma, as pessoas definem suas decisões pessoais, sociais e financeiras, orientadas por perspectivas temporais, com intuito de dar coerência e significado a elas (Zimbardo & Boyd, 1999).

Como uma forma de medir a orientação temporal, foi desenvolvido por Zimbardo e Boyd (1999) o Zimbardo Time Perspective Inventory – ZTPI. Uma escala que define os indivíduos apresentando perspectivas temporais voltadas para o passado, presente ou futuro. Como o contexto da dívida se trata de um acordo, onde o tomador do crédito paga juros pela sua utilização na busca de consumir no presente, algo que ele só conseguiria consumir no futuro (Souza, 2013), caso tivesse economizado para isso, para fins desta pesquisa, apenas foram consideradas as perspectivas de presente e futuro.

Dessa forma, indivíduos com orientação temporal voltada para o presente tendem a antecipar qualquer consumo, não pensando em como suas decisões irão impactar no longo prazo (Zauberman, 2003; Meier & Sprenger, 2013) ou postergam pagamentos, utilizando cartão de crédito, por exemplo, com uma percepção errônea de maior poder de consumo (Souza, 2013; Faveri, 2017). Já indivíduos com a perspectiva temporal voltada para o futuro, tendem a pensar e valorizar o futuro, evitando assim, tomadas de decisões muito arriscadas ou que possam comprometer de alguma forma a sua segurança financeira (Husman & Lens, 1999; Faveri, 2017).

Portanto, a perspectiva temporal do indivíduo influencia nas suas decisões de consumo, no seu planejamento de gastos e poupança, e como consequência no seu endividamento, sendo que pessoas com horizontes de curto prazo (voltadas para o presente) apresentam maiores problemas com dívidas (Webley & Nyhus, 2001; Faveri, 2017; Meier & Sprenger, 2013). Enquanto que pessoas com perspectivas de longo prazo, tendem a não passar por tais situações.

Adicionalmente a orientação temporal, outra variável que tem relação íntima com o endividamento é o autocontrole, sendo esta a habilidade de monitorar o seu próprio

comportamento, ter padrões claros e possuir uma capacidade de mudança (Carver & Scheier, 1998; Vohs & Faber, 2007).

Na literatura existem dois mecanismos de controles sobre o comportamento: o controle intrínseco e o controle extrínseco (Ein-Gar, Goldenberg, & Sagiv, 2008). Os mecanismos de controle intrínseco são ações do próprio indivíduo para controlar o seu comportamento, por meio de autorecompensa pelo sucesso ou a autopunição pela falha. No controle extrínseco a supervisão de suas ações é realizada por terceiros (Souza, 2013). Indivíduos que utilizam desses mecanismos, possuem menor propensão a se endividarem, pois fiscalizam-se ou são fiscalizados constantemente quanto as suas decisões de consumo e principalmente financeiras (Dick & Jaroszek, 2014; Richins, 2011; Santos, 2012; Souza, 2013).

Já indivíduos com baixo autocontrole possuem perfil mais suscetível a utilizar créditos, realizando compras compulsivas, e se endividando por isso (Richins, 2011; Dick & Jaroszek, 2014). Nesse sentido, ao investigarem a relação entre autocontrole e utilização constante de cheque especial, Dick e Jaroszeck (2014) constataram que o uso impulsivo e em maior volume desse recurso, estava fortemente relacionado ao baixo autocontrole dos indivíduos, os quais apresentavam maior endividamento. Campara, Vieira e Ceretta (2016), analisaram indivíduos que realizavam compras compulsivas e verificaram forte correlação entre baixo autocontrole e o endividamento no longo prazo.

Adicionalmente, Souza (2013) corrobora com seus achados ao investigar o uso de crédito e fatores comportamentais, identificando que pessoas com maior autocontrole pagavam suas contas antecipadamente, não utilizando crédito, evitando assim o endividamento.

Sob a ótica do consumo, entende-se que o autocontrole é a capacidade que um indivíduo tem em postergar decisões de compras. A sua ausência, por sua vez, pode ser diretamente relacionada com a predisposição ao endividamento (Campara et al., 2016; Gathergood, 2012; Meyer & Sprenger, 2010; Souza, 2013; Potrich, Vieira, Coronel, & Bender Filho, 2014).

Por fim, outro fator comumente relacionado ao endividamento é o materialismo. Característica essa relacionada ao comportamento, no qual o indivíduo se orienta para decisões de consumo impulsivas e desnecessárias, levando-o a realizar dívidas para satisfazer suas necessidades. A literatura especifica essa característica, como um comportamento voltado para o consumo, uma necessidade do indivíduo em possuir objetos para alcançar a felicidade (Burroughs & Rindfleisch, 2002; Moura, 2005).

O materialismo é visto sob três dimensões: sucesso, centralidade e felicidade. Classificação inicialmente elaborada por Richins e Dawson (1992) e replicada por diversos

estudos (Burroughs & Rindfleisch 2002; Richins, 2004; Moura, 2005; Ponchio & Aranha 2008; Bocha, Neto, & Santos, 2012; Ponchio et al. 2013; Santos & Souza, 2013).

No pilar do sucesso, a posse de bens materiais é uma indicação de melhor qualidade de vida e sucesso. O pilar de centralidade faz referência ao quanto central os bens materiais são na vida do indivíduo. Por último, o pilar de felicidade indica a percepção de que através da posse de bens será alcançada a felicidade, o bem-estar e a satisfação (Diniz, 2015; Richins & Dawson, 1992).

Indivíduos materialistas projetam uma expectativa de vida aquém da sua realidade e são conscientes disso (Garoarsdottir, Dittmar, & Aspinall, 2009; Otero-Lopez, Pol, Bolano, & Marino, 2011; Richins & Dawson, 1992; Sirgy, 1998) o que os torna mais deprimidos (Norris & Larsen, 2011), estressados (Burroughs & Rindfleisch, 2002), ansiosos (Kashdan & Breen, 2007), e apresentando baixa autoestima (Richins & Dawson, 1992). Esses indivíduos acabam atrelando o consumo à felicidade e tendem a endividar-se mais (Vieira, Flores, Kunkel, & Campara, 2014).

Pessoas com esse comportamento, buscam a felicidade através da aquisição de bens materiais, sem mensurar as consequências futuras, mais propensos a utilização de créditos e a se tornarem endividadas (Donnelly, Iyer, & Howell, 2012; Santos, 2012). Além disso, ressalta-se os problemas de saúde que podem ser gerados na vida do indivíduo, tanto desencadeados por não alcançarem seus objetivos de consumo, quanto por, ao tentarem alcançá-los, se endividarem sempre mais, os levando ao estresse financeiro e culminando em desordens de saúde.

Estudos que tentaram identificar quais os fatores comportamentais contribuem para o aumento da dívida, concluíram que o materialismo é um aspecto constantemente referenciado na literatura (Ponchio, 2006; Ponchio & Aranha, 2008). Quanto mais as pessoas considerarem relevante os bens materiais, maior será a aspiração para compra, estando mais propensos a endividarem-se (Santos & Fernandes, 2011), além de apresentarem dificuldades de gerenciar suas finanças (Vieira et al., 2014) nesse processo.

Richins (2011) verificou que pessoas materialistas tinham a crença que iriam conseguir melhorar sua vida por meio da aquisição de bens, o que os levavam a incorrer em dívidas buscando essa satisfação. Limbu, Huhmann e Xu (2012) relatam que pessoas com esse perfil, apresentaram maior comportamento de risco, má gestão do cartão de crédito e propensão ao endividamento.

Vieira et al., (2014) investigaram a relação entre o endividamento e o materialismo no estado brasileiro do Rio Grande do Sul com 1.856 indivíduos e encontraram que aqueles que atrelavam o consumo à felicidade (materialista felicidade) tendiam a endividarem mais.

Adicionalmente Potrich et al., (2016) verificou que pessoas com maiores níveis de comportamento materialista e de compras compulsivas tendem a ser menos cautelosas em relação aos seus gastos, e como consequência, mais propensos a endividarem-se.

Portanto, ante o apurado na literatura e apontado acima temos: características comportamentais como, educação financeira (especificamente comportamento financeiro), autocontrole, orientação temporal e materialismo, influenciando num maior ou menor grau de endividamento; e o endividamento relacionado ao desencadeamento de problemas de ordem física e mental, sendo mais do que relevante a análise do ciclo completo dessa relação. Para tanto serão utilizadas métodos bivariados e multivariados, os quais são apresentados no capítulo 3.3 desta pesquisa.

As variáveis comportamentais utilizadas nesta pesquisa, foram colhidas do trabalho de Diniz (2015) a qual também analisou com intuito de criar um modelo que identificasse as variáveis comportamentais que fossem relevantes na análise de crédito.

3.3 Metodologia

3.3.1 Amostra e construção das variáveis

A amostra deste estudo é composta por observações retiradas dos trabalhos de Diniz (2015) e Souza, Rogers e Rogers (2019), estabelecendo uma sub-amostra composta apenas pelos indivíduos que responderam aos questionários das duas pesquisas.

Na pesquisa de Diniz (2015), foi aplicado um questionário, registrado sob o número CAAE – 37146414.7.0000.5152 no Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com intuito de investigar se variáveis comportamentais explicam com maior precisão a condição de endividamento. E para fins deste estudo foram coletadas as variáveis: educação financeira (EF), orientação temporal (OT), autocontrole (AC) e Materialismo (MAT).

No trabalho de Souza, Rogers e Rogers (2019) foi aplicado um questionário, o qual buscou averiguar se o endividamento pode estar associado a problemas de saúde mental e física, como ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde. Do respectivo trabalho foram obtidas as variáveis sociodemográficas, endividamento (END), ansiedade (IAB), depressão (IDB) e qualidade de vida e saúde (QVS). Depois de coletados os dados nas condições apresentadas a amostra desta pesquisa foi composta inicialmente por 319 observações. Para esse tamanho amostral foram eliminadas as observações que não passaram no teste de qualidade das pesquisas, formado por questões pontuais distribuídas ao longo dos questionários, com intuito de verificar se o participante estava prestando atenção em suas respostas.

Adicionalmente, foi realizada a análise dos casos omissos (*missings*), e considerando a matriz completa, observou-se que sobrariam apenas 179 observações. No entanto, verificou-se

que os casos faltantes não representavam quantidade expressiva de questões sem respostas, sendo no máximo dois itens por escala, e assim, optou-se por manter 223 questionários pela inclusão dos dados faltantes (*missing input*), conforme recomendação de Hair et al. (2009) e Malhotra (2011). Como os dados omissos foram considerados aleatórios, aplicou-se a técnica de regressão linear, utilizando todas as variáveis deste estudo, para estimar e substituir um ou dois itens de algumas das escalas.

Souza, Rogers e Rogers (2019) utilizaram para medir os níveis de ansiedade, depressão e qualidade de vida, ferramentas amplamente empregadas na literatura: Os níveis de ansiedade e depressão foram apurados pelas ferramentas Inventário de Ansiedade de Beck (IAB) e Inventário de Depressão de Beck (IDB), respectivamente (Cunha et al., 1996; Beck & Beamesderfer, 1974), instrumentos utilizados na literatura da psicanálise e ciências sociais aplicadas (Cunha et al., 1996).

A qualidade de vida foi mensurada pelo WHOQOL-Bref da Organização Mundial da Saúde – OMS (Min et al., 2002; Skevington, Lotfy, & O'connell, 2004; Vaz Serra et al., 2006), instrumento abreviado do WHOQOL-100 também da OMS, que visa mensurar como o indivíduo avalia o seu nível de qualidade em 4 áreas da saúde: físico, psicológico, social e com o ambiente.

O endividamento foi medido por uma ferramenta originalmente estabelecida por Diniz (2015), sendo um instrumento multidimensional composto por 3 questões, que indagam se o indivíduo se auto-declara endividado, se paga suas contas e quais os tipos de contas que comprometem sua renda. O resumo das opções de resposta e dos pesos para cálculo do escore para a devida classificação é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2

Pesos respostas para cálculo do endividamento

Pergunta	Opções resumidas de respostas	Pesos
Se considera endividado	Sim	0
	Não	1
Como paga suas contas	Em dia	1
	Em atraso	1
	Não paga	4
Contas que possui	Conta básicas (água, energia etc)	1
	Contas não básicas	2
	Contas com despesas financeiras – alto risco	3

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A classificação do indivíduo com relação ao endividamento segue as seguintes etapas:
1º - o indivíduo que se autoavaliou como não endividado é classificado como baixo

endividamento; 2º - aqueles que se autoavaliaram como endividados, são classificados entre “médio” ou “alto endividamento” pelo cálculo do escore de cada um, utilizando as pontuações apresentadas no Quadro 2. Para melhor visualização, a forma de cálculo do escore está resumida na Figura 3.

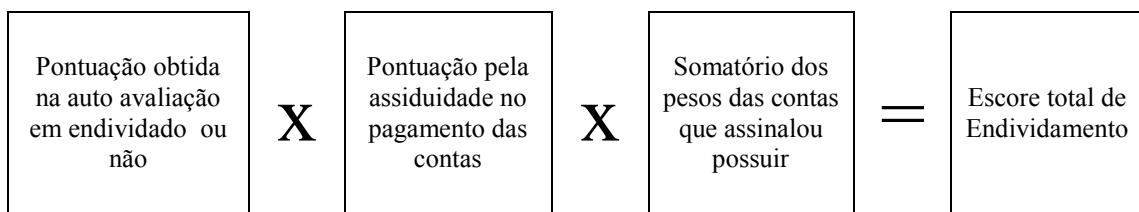


Figura 3. Cálculo do escore para classificação em médio e alto endividamento.

Fonte: Adaptado de “O Processo de concessão de crédito pela empresa: Um estudo sobre o comportamento do consumidor” de P. C. O. C. Diniz, 2015, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12623>

Calculado o escore total, os valores foram convertidos na base 100 para a classificação. Em seguida encontrou-se a mediana dos escores, considerando a base 100, aqueles indivíduos que obtiveram pontuação igual ou menor que a mediana foram classificados com médio endividamento e aqueles com escore acima da mediana, com alto endividamento.

Os instrumentos pelos quais foram obtidas as variáveis de níveis de ansiedade (IAB), depressão (IDB) e os escores de qualidade de vida e saúde (QVS) possuem metodologia de cálculo e classificação própria e medem a falta de saúde mental e/ou qualidade de vida e saúde do indivíduo com relação as duas últimas semanas da data em que o estão respondendo.

Quanto ao IAB e o IDB, ambos são questionários distintos, com 21 questões com respostas do tipo linkert de 0 a 3 pontos, sendo que apenas a questão 18 do IDB apresenta escore entre 0 a 6 pontos. A classificação dos indivíduos é realizada pelo total de pontos obtidos no questionário. Para os Níveis de Ansiedade a classificação é: 0 a 10 mínima; 11 – 19 leve; 20 – 30 moderada; e 31 – 63 grave. E os Níveis de Depressão: de 0 – 13 depressão mínima; 14 – 19 leve; 20 – 28 moderada; e 29 – 66 grave. O WHOQOL-Bref possui 26 questões acerca de 4 domínios da saúde (físico, psicológicos, relações sociais e meio ambiente), com respostas do tipo Likert de 1 para uma qualidade de vida ruim e 5 para uma boa qualidade de vida. Nesse sentido, quanto maior o escore melhor a sensação daquele indivíduo com relação aquele aspecto da sua vida. Os escores são normalizados na base 100 para fins de interpretação.

As escalas para as variáveis comportamentais (EF, OT - Futuro e Presente, AC e MAT - Sucesso, Centralidade e Felicidade) são compostas por questões do tipo linkert (de 1 a 5) e mensuram o nível daquela característica no indivíduo, ou seja, quanto maior a pontuação do respondente no questionário sobre EF, maior será o seu grau de educação financeira e vice-

versa, sendo a mesma lógica para os demais construtos. Como o trabalho que originou as variáveis (Diniz, 2015) confirmou a adequabilidade das escalas, este estudo apenas replicou as mesmas análises realizadas.

3.3.2 Análise dos dados

Em todos os instrumentos utilizados foi computado o teste de confiabilidade Alpha de Cronbach (α), que visa validar na amostra da pesquisa se o questionário utilizado é confiável em medir o que se propõe, e segundo a literatura, deve ser maior que 0,70 para cada um dos fatores (Garver & Mentzer 1999; Hair et al., 2009). Não avançamos em validações mais extensas das escalas, com aplicações de Análise Fatorial Exploratória e/ou Confirmatória, pois i) tratam-se de instrumentos amplamente utilizados e de uso recorrente em pesquisas científicas nacionais (QVS, IDB e IAB), e ii) já foram validadas na pesquisa de Diniz (2015) para os mesmos respondentes (EF, OT, AC e MAT). Concomitantemente, em termos descritivos, foi traçado um paronama geral dos respondentes, caracterização da amostra e do comportamento dos indivíduos em relação aos constructos.

Na sequência procedeu-se uma análise bivariada entre as variáveis da pesquisa, exceto aquelas que serviram para descrever a amostra. Nesse sentido, computou-se a Correlação de Spearman (ρ) entre os escores fatoriais das escalas e subescalas dos instrumentos e testou-se sua significância enquanto exame preliminar das relações. Adicionalmente, buscou-se construir gráficos de barras para as variáveis IAB, IDB e END conforme as graduações discutidas acima.

No caso da IAB e IDB tornou-se necessário a junção das classes moderada/grave devido a baixa frequência de grave. Sobre END, os gráficos evidenciam apenas duas graduações: baixo ou médio e alto. A opção adotada nos gráficos da variável END foi apenas visual, com intuito de destacar as diferenças, pois efetivamente, a existência da relação foi avaliada a partir dos escores/pontuações originais, conforme Quadro 2 e Figura 3.

Após as análises bivariadas, partiu-se para a análise multivariada, utilizando a técnica de Modelagem de Equações Estruturais (SEM), com intuito de determinar o grau de impacto do endividamento na saúde mental, física e na qualidade de vida, considerando também os impactos de fatores comportamentais e sociodemográficos nessa relação. A Figura 4 apresenta o modelo teórico inicial emanado da revisão da literatura.

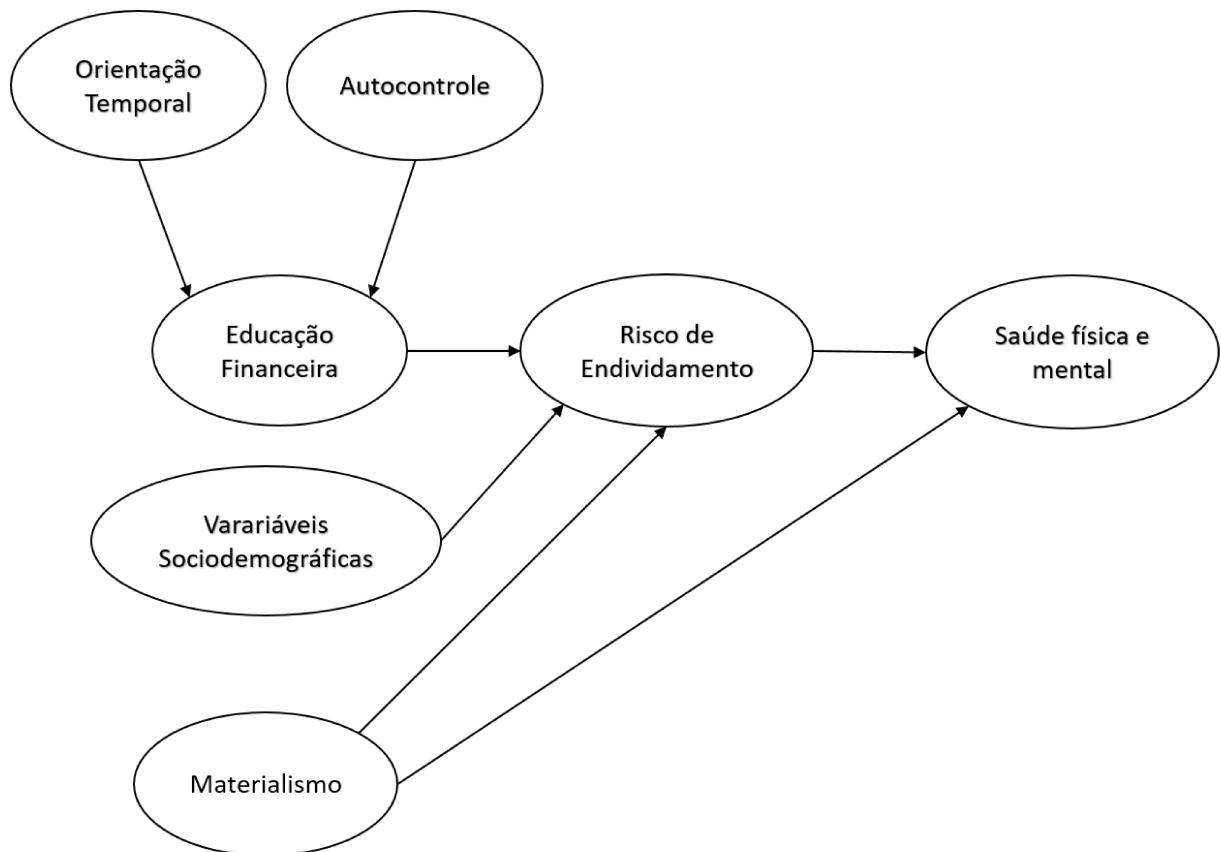


Figura 4. Modelo empírico-teórico inicial

A SEM combina regressão múltipla e análise fatorial, possibilitando estimar de forma simultânea uma série de relações de dependência (Hair et al., 2009), além de testar relações causais, tendo como base dados estatísticos e hipóteses causais qualitativas (Urbach & Ahlemam, 2010). Para verificar se o modelo estrutural proposto se ajustou bem aos dados da pesquisa partiu-se dos escores fatoriais de cada um dos constructos em detrimento de suas classificações, por exemplo, no caso do IAB e IDB, que apesar das gradações leve/mínima/moderada/grave, fez-se uso dos pontos obtidos em cada um dos instrumentos. Com isso torna-se possível modelos SEM mais flexíveis e computo de diversas medidas de ajuste do modelo. Nesse caso, apesar dos escores fatoriais entrarem no modelo como variáveis observáveis não haverá perda nas generalizações se os constructos possuem boa confiabilidade ($\alpha > 0,70$), conforme recomenda a literatura (Hair et al., 2009).

Para fins de validação do modelo final, se faz necessário a análise de alguns índices de ajustamento, de forma a avaliar a adequabilidade do modelo proposto aos dados da amostra (Byrne, 2010). Assim, a validade do modelo foi analisada pela observação da magnitude e a significância estatística dos coeficientes padronizados e pelos índices de ajustes: estatística *qui-quadrado* (χ^2), *root mean square error of approximation* (RMSEA), *goodness-of-fit index* (GFI), e *comparative fit index* (CFI). Não há consenso na literatura sobre valores aceitáveis para estes

índices. Para o qui-quadrado/graus de liberdade as recomendações variam de valores menores que cinco até menores que dois. Para CFI e GFI sugerem-se valores maiores que 0,90 ou 0,95 e o RMSEA deve ficar abaixo de 0,08 (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008). Adicionalmente, para ajudar na escolha entre modelos alternativos fez-se uso do critério de informação MECVI: modelos com menores valores são priorizados em detrimento de outros.

Os modelos foram estimados por Máxima Verossimilhança (MV) e para isso verificou-se a hipótese de normalidade multivariada pelo *Mardia's Test*: valores de curtose multivariada abaixo de 10 são aceitáveis a despeito do teste indicar falta de normalidade multivariada (Byrne, 2010). Os *outliers* foram avaliados pela distância de Mahalanobis e potenciais mudanças nos modelos (exclusões/adições de caminhos e variáveis) pelos índices de modificação (>11) e resíduos padronizados ($>2,58$). Com o ajuste do modelo final serão calculados os efeitos totais padronizados das variáveis exógenas sobre as endógenas e seus respectivos intervalos de confiança, que serão estimados via *bootstrap* ($n=2000$) corrigido para viés com 95% de confiança. As estimativas dos intervalos de confiança por *bootstrap* também visam amenizar potenciais problemas ocasionados por falta de normalidade multivariada.

3.4 Resultados e discussões

3.4.1 Perfil da amostra

Analisando os dados da amostra, observou-se que praticamente se divide na metade com relação ao gênero, sendo 50,7% homens e 49,3% mulheres. A maioria casados (60,5%), acima de 40 anos (35,9%), com renda entre 3,1 a 6 salários mínimos. Quanto a escolaridade a maioria possui pós-graduação (68,6%), seguidos daqueles com apenas o ensino médio (26%), a ocupação predominante foi funcionário público (48,4%). Uma justificativa para esse perfil de profissional ser o predominante na amostra, é o fato do trabalho onde foram retiradas as observações (Diniz, 2015) ter utilizado *software* de captura de e-mail's disponíveis na internet para encaminhar o questionário da pesquisa, e muitos servidores públicos terem essa informação on-line.

Com relação a quantidade de dependentes a maioria relatou possuir apenas um (48,9%) e em menor quantidade dois dependentes (21,1%). Dessa forma, o perfil predominante pode ser definido como: homem, acima de 40 anos, renda entre 3,1 a 6 salários mínimos, pós-graduado, casado, funcionário público e com apenas 1 dependente.

Analisando as variáveis que compõem o constructo de endividamento, a maioria se auto-declara como não endividado (52,5%), paga suas contas em dia (83%), e compromete sua renda principalmente com contas consideradas básicas, sendo o resumo dos tipos de contas (frequência e percentual) apresentado na Tabela 3.

Tabela 3

Frequência e percentual dos tipos de contas que os respondentes possuem

Qual (quais) os tipos de contas você possui?

Alternativa	possui		não possui	
	n	%	n	%
água	156	70%	67	30%
cartão de crédito	185	83%	38	17%
energia	188	84%	35	16%
telefone fixo	127	57%	96	425
telefone móvel	177	79%	46	21%
internet	181	81%	42	19%
cheque especial	66	30%	157	70%
mensalidade escolar	66	30%	157	70%
mensalidade de clubes	39	17%	184	83%
mensalidade de cursos	53	24%	170	76%
mensalidade academia	84	38%	139	62%
cheque pré-datado	13	6%	210	94%
crédito consignado	54	24%	169	76%
crédito pessoal	36	16%	187	84%
carnês	27	12%	196	88%
financiamento carro	46	21%	177	79
financiamento imóvel	52	23%	171	77%
outras dívidas	69	31%	154	69%

Fonte: Resultados da Pesquisa

Seguindo para a análise do perfil quanto ao nível de ansiedade e depressão verificou-se que a maioria foi classificada com nível mínimo (62,8%) e leve de ansiedade (21,5%), mínimo (58,7%) e moderado (18,4%) de depressão. As demais variáveis são resumidas na Tabela 4.

Tabela 4

Estatística descritiva dos escores fatoriais

Constructos	α	Mínimo	Máximo	Média	DP
QVS – Físico	0,856	17,86	100,00	66,83	18,92
QVS – Psicológico	0,818	25,00	100,00	65,86	17,29
QVS – Relações sociais	0,781	0,00	100,00	60,46	21,73
QVS – Meio ambiente	0,787	18,75	100,00	60,28	15,31
QVS – Escore geral	0,933	19,87	98,18	63,36	15,57
IDB – Depressão	0,849	0,00	45,00	13,33	9,37
IAB – Ansiedade	0,916	0,00	42,00	9,91	9,68
EF – Educação financeira	0,812	12,00	40,00	29,92	5,79
OT – Futuro	0,819	10,00	35,00	26,06	4,70
OT – Presente	0,707	6,00	25,00	12,44	3,68
AC – Autocontrole	0,672	5,00	20,00	14,33	3,33
MAT – Sucesso	0,635	7,00	29,00	15,28	3,80
MAT – Centralidade	0,651	8,00	30,00	17,17	3,97
MAT – Felicidade	0,742	6,00	25,00	14,78	3,87

Nota: DP = desvio-padrão; α = Alfa de Cronbach. Fonte: Resultados da Pesquisa.

Com exceção dos constructos de autocontrole e dos perfis materialista sucesso e centralidade, todos os demais apresentaram confiabilidade satisfatória ($\alpha > 0,7$), se mostrando

adequados para a amostra. Dessa forma, optou-se por excluir os perfis materialistas sucesso e centralidade e manter apenas o perfil felicidade de materialismo, o qual obteve $\alpha > 0,7$, ainda considerando, assim, ao menos uma proxy de materialismo. Manteve-se também a escala para autocontrole, por se tratar do único constructo que medisse tal comportamento, além disso o seu α se encontra muito próximo de 0,7 e resultados acima de 0,6 são aceitáveis para instrumentos que podem ser considerados exploratórios (Hair et al., 2009).

3.4.2 Análises bivariadas

Conforme indicado acima, as subescalas Sucesso e Centralidade do constructo Materialismo e a escala de Autocontrole não apresentaram confiabilidade satisfatória ($\alpha < 0,70$). Nesse caso, optou-se por excluir apenas os fatores Sucesso e Centralidade, por ainda permanecer a subescala Felicidade $\alpha > 0,70$ enquanto proxy do Materialismo, e permanecer com a escala de Autocontrole, devido a mesma ter ficado no limiar de 0,70 e se tratar de uma escala ainda em construção, que nesse caso, de forma exploratória, aceita-se um Alfa de Cronbach acima de 0,60.

As associações entre as variáveis foram examinadas em quatro momentos: 1) confrontando Endividamento (END) *versus* demais constructos; 2) IAB *versus* demais constructos, exceto QVS; 3) IDB *versus* demais constructos, exceto QVS; e 4) QVS *versus* IAB e IDB. Os primeiros cruzamentos (Endividamento X demais variáveis) foram divididos em duas etapas com intuito de melhor apresentação. Os gráficos dos cruzamentos e a Correlação de Spearman, entre endividamento contra ansiedade, depressão e escores dos domínios de qualidade de vida e saúde são apresentados na Figura 5.

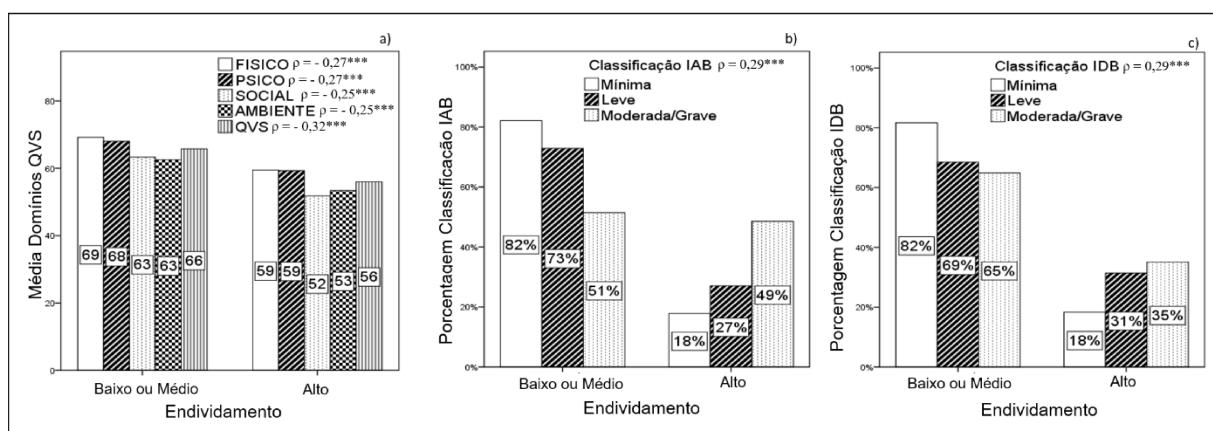


Figura 5. Correlação entre endividamento e qualidade de vida e saúde, ansiedade e depressão. ***0,01 de significância; **0,05 de significância

Além da significância do teste de Correlação de Spearman indicando haver associação entre endividamento com todos os domínios de qualidade de vida, ansiedade e depressão, percebe-se, ao analisar a Figura 5, que indivíduos que apresentaram endividamento alto também

foram os que obtiveram piores médias em todos os domínios de qualidade de vida e saúde (gráfico 5a), além disso, a maioria dos indivíduos com ansiedade (gráfico 5b) e depressão (gráfico 5c) mínima são aqueles com endividamento baixo e/ou médio.

Reforçando dessa forma os achados de estudos internacionais, como Drentea e Reynolds (2012), Turunen e Hiilamo (2014), Kunkel et al., (2015) e Maselko et al., (2018) que relataram haver relação entre endividamento e diversos transtornos psicológicos, entre eles ansiedade e depressão e na piora da qualidade de vida do indivíduo.

Para exemplificar tal relação, criemos um cenário em que um indivíduo possui dívidas recorrentes. A constante preocupação em como irá conseguir pagar suas contas, lhe causa transtorno, o que o atrapalha ou desestimula a cuidar, de forma adequada de sua própria saúde, pois seus esforços físicos e principalmente mentais, estão focados em resolver seus problemas financeiros. O quanto mais pensa em sua situação, menos esforço consegue direcionar para a realização de suas atividades diárias, aumentando a insatisfação quanto a sua situação e com a sua qualidade de vida, o transformando numa pessoa ansiosa, muitas vezes depressiva.

Continuando as análises, a Figura 6 apresenta o cruzamento entre o endividamento contra educação financeira, autocontrole, materialismo felicidade e orientação temporal - presente e futuro.

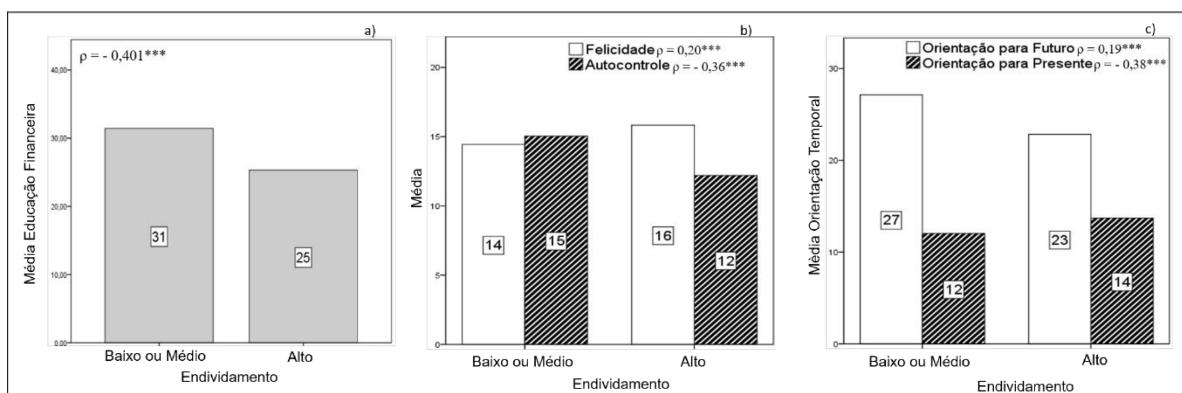


Figura 6. Correlação entre endividamento contra educação financeira, autocontrole, materialismo - felicidade e orientação temporal. ***0,01 de significância; **0,05 de significância

A Correlação de Spearman na Figura 6, mostrou que as variáveis comportamentais apresentam algum nível de associação com endividamento, dessa forma e conforme a literatura apresentada, quanto maior o grau de educação financeira (gráfico 6a) (Anderloni & Vandoni, 2010; Disney & Gathergood, 2011; Potrich et al., 2016; Silva et al., 2017), de autocontrole (gráfico 6b) (Campara et al., 2016; Dick & Jaroszek, 2014; Richins, 2011), e de uma orientação mais voltada para o futuro (gráfico 6c) (Faveri, 2017; Souza, 2013) menor será o seu endividamento.

Da mesma forma, quanto maior o nível de felicidade com a aquisição de bens materiais (gráfico 6b) (Flores & Vieira, 2014; Trindade, Righi, & Vieira, 2012; Potrich et al., 2016; Vieira, Flores, Kunkel, & Paraboni, 2014) e orientação mais voltada para o presente (gráfico 6c) (Faveri, 2017; Meier & Sprenger, 2010) maior será o endividamento.

Ao analisarmos os gráficos da Figura 6, reforça-se os resultados de associação, ao ficar evidente que indivíduos com maiores médias em educação financeira, autocontrole e orientação para o futuro, e menores de materialismo voltado a felicidade e orientação para o presente possuem menor endividamento, do que aqueles que apresentaram resultados contrários.

Criando novamente um cenário ilustrativo, um indivíduo que não seja educado financeiramente, que tenha pouco controle sobre suas ações, agindo e comprando impulsivamente, que priorize satisfazer suas vontades imediatas, principalmente adquirindo bens materiais em prol de sua felicidade, teria maior propensão a se endividar, pois em busca de sua “felicidade” terá maior probabilidade de utilizar crédito, caso a sua renda não seja o suficiente para suprir seus desejos, incorrendo em dívidas cada vez maiores. Tal situação gera tanto o transtorno do endividamento, que têm efeitos deletérios físicos e psicológicos, quanto o descontentamento de não conseguir satisfazer suas vontades de consumo, o transformando numa pessoa ansiosa e depressiva.

Em seguida, foram realizados os cruzamentos dos escores de ansiedade contra educação financeira, orientação temporal, materialismo felicidade e autocontrole. Os resultados estão apresentados na Figura 7.

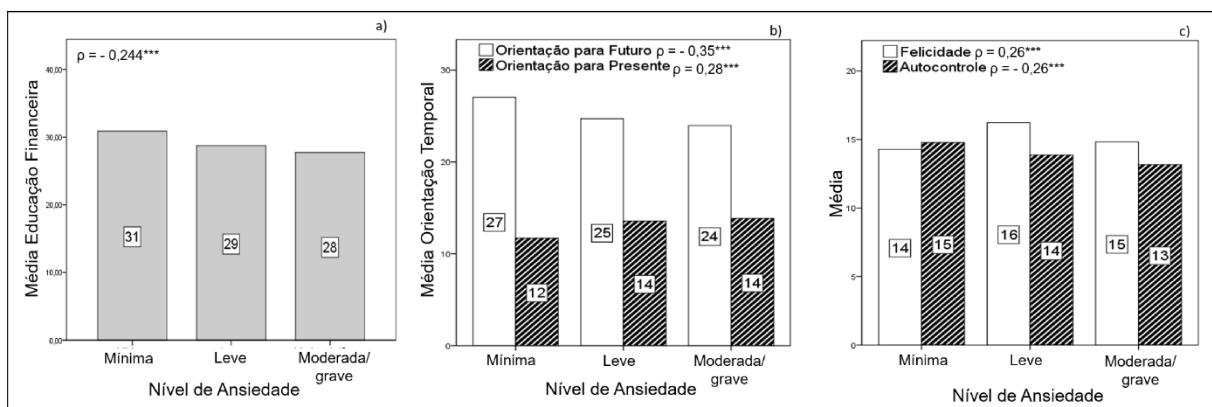


Figura 7. Correlação entre ansiedade contra educação financeira, orientação temporal, autocontrole e materialismo - felicidade. ***0,01 de significância; **0,05 de significância

As variáveis comportamentais mostraram algum nível de associação com ansiedade, conforme apresentado na Figura 7 pela Correlação de Spearman, além de relação inversamente proporcional entre ansiedade e educação financeira (gráfico 7a), orientação para o futuro (gráfico 7b) e autocontrole (gráfico 7c) e diretamente proporcional entre orientação para o

presente (gráfico 7b) e materialismo felicidade (gráfico 7c). Comprovadamente aos resultados de correlação, observando os gráficos, vemos que as médias de educação financeira, orientação para o futuro e autocontrole foram maiores em indivíduos com menores índices de ansiedade, enquanto que indivíduos que obtiveram maiores médias de orientação para o presente e materialismo felicidade, apresentaram maiores índices de ansiedade.

Os cruzamentos entre depressão contra educação financeira, orientação temporal, autocontrole e materialismo felicidade, são evidenciados na Figura 8.

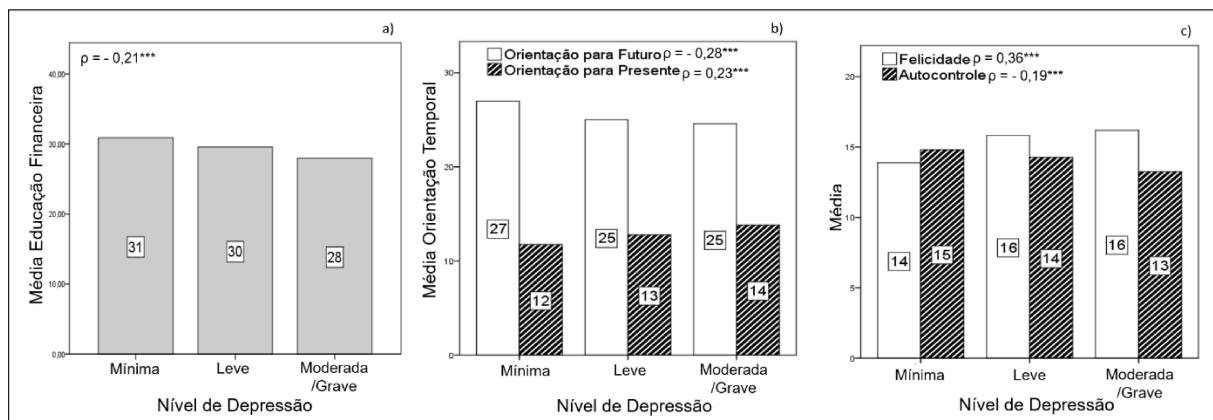


Figura 8 Correlação entre depressão contra educação financeira, orientação temporal, autocontrole e materialismo - felicidade. ***0,01 de significância; **0,05 de significância

Assim como nos resultados entre variáveis comportamentais e ansiedade, observando a Figura 8, pela Correlação de Spearman, verificamos que existe alguma associação entre depressão e variáveis comportamentais. Necessariamente, quanto maior a educação financeira (gráfico 8a), orientação para o futuro (gráfico 8b), autocontrole (gráfico 8c) e menor a orientação para o presente (gráfico 8b) e materialismo voltado para a felicidade (gráfico 8c) menores os níveis de depressão apresentados. Pela análise dos gráficos, visualmente comprovam-se os resultados da correlação, onde as maiores médias de educação financeira, orientação para o futuro e autocontrole e menores para orientação para o presente e materialismo foram obtidas pelos indivíduos que apresentaram menores índices de depressão.

Uma possível justificativa pode ser levantada, para a associação encontrada entre variáveis comportamentais com ansiedade e depressão (Figuras 7 e 8), a partir das relações encontradas entre o endividamento com variáveis comportamentais, ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde (Figuras 5 e 6).

No caso da educação financeira, Anderloni e Vandone (2010), Disney e Gathergood (2012) Potrich et al., (2016) e Silva et al., (2017) afirmaram que esta característica possivelmente pode prevenir o indivíduo de problemas de endividamento, o levando a tomar decisões financeiras mais conscientes e acertivas.

Portanto, pode-se considerar que uma maior educação financeira pode ser um preventor de problemas com ansiedade e depressão (Figura 7a e 8a), devido ao fato de que pessoas educadas financeiramente são mais ponderadas ao tomar decisões financeiras, medindo os riscos e benefícios que esta decisão irá lhe trazer no curto e no longo prazo, normalmente evitando dívidas, e como consequência evitando problemas de saúde que poderiam ser desencadeados por uma situação de alto endividamento.

Continuando com tal perspectiva e conforme Richins (2011), Souza (2013), Dick e Jaroszeck (2014), Campara et al., (2016) e Faveri (2017), indivíduos com maior autocontrole e maior preocupação com seu futuro, evitam realizar aquisições desnecessárias e/ou compras compulsivas, pois se controlam mais e pensam mais no futuro. Dessa forma entendem que tais atitudes gerariam em problemas financeiros para eles, sendo mais educados financeiramente. A partir disso é possível considerar que indiretamente, assim como a educação financeira se faz um preventor, maior autocontrole e preocupação com o futuro atuariam também como agentes de precaução contra desordens financeiras e uma melhor saúde física e mental.

Outro fator importante, que permite tais ponderações, está nas ferramentas de medida utilizadas para ansiedade, depressão e qualidade de vida (IAB, IDB e WHOQOL-Bref) as quais pedem que o indivíduo responda como se sente acerca daqueles aspectos de sua vida, nas duas últimas semanas, sendo então uma situação recente para o indivíduo no momento em que está respondendo o questionário. Já a ferramenta utilizada para medir o endividamento é composta por questões que abordam situações que necessariamente originaram-se no longo prazo, que são “como paga suas contas” (em dia ou em atraso) e “os tipos de contas que possui”, sendo que se possui contas, e um histórico de pagamentos, significa então que foram feitas em datas passadas, ou seja, existe um histórico temporal que permeia aquela realidade do indivíduo.

Portanto o endividamento, na nossa pesquisa, pode ser considerado anterior aos problemas apresentados com ansiedade, depressão e na qualidade de vida e saúde, e numa situação em que se analisa a associação entre estas variáveis, justificaria o caminho do endividamento desencadeando problemas de saúde e não vice-versa.

Finalizando, realizou-se o cruzamento entre os domínios de qualidade de vida e saúde contra ansiedade e depressão, os resultados estão apresentados na Figura 9.

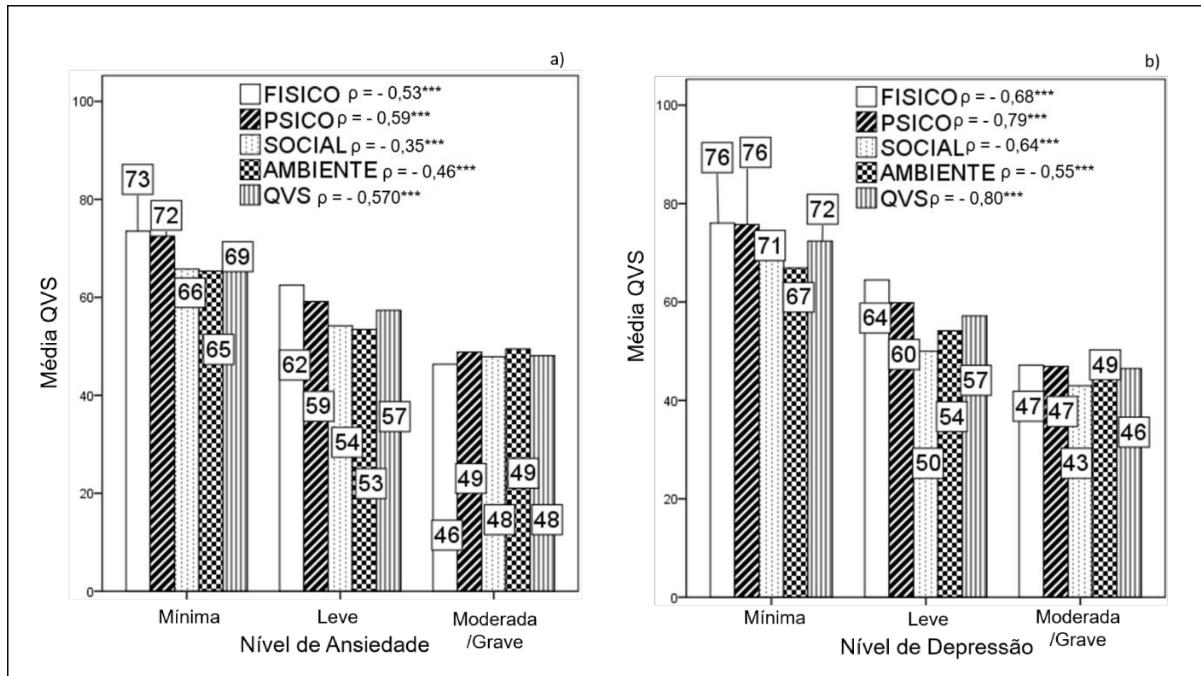


Figura 9 Correlação qualidade de vida e saúde *versus* ansiedade e depressão. ***0,01 de significância; **0,05 de significância

Os resultados apontam alta associação (considerando os valores em módulo), inversamente proporcional, entre todos os domínios de qualidade de vida e saúde tanto com ansiedade quanto com depressão, ou seja, quanto mais satisfeito o indivíduo estiver com aqueles aspectos da sua vida e saúde, menor a possibilidade de apresentar sintomas de ansiedade e depressão. Tal resultado é comprovado analisando-se ambos os gráficos da Figura 9, pois constata-se que indivíduos com maior pontuação nos domínios de qualidade de vida, também foram classificados com menor grau de ansiedade (gráfico 9a) e depressão (gráfico 9b).

Assim como apresentado no trabalho de Souza, Rogers e Rogers (2019) é esperado que tais variáveis, por todas se tratarem de aspectos da saúde e vida das pessoas, apresentem forte associação.

Cabe reforçar que os resultados acima não foram devido ao método apresentado, pois mesmo tomando as variáveis (IAB, IDB e END) conforme as graduações propostas na metodologia, e consequentemente outros testes de associação bivariada: Kruskall-Wallis (considerando mais de três graduações) e Mann-Whitney (para duas graduações) para variáveis ordinais contra escalares e Gama (γ) para variáveis ordinais contra ordinais; os resultados foram exatamente os mesmos. Ou seja, onde o teste de significância da Correlação de Spearman (ρ) indicou significância esses outros testes de associação bivarada também indicaram.

3.4.3 Análise conjunta das relações

Antes de rodar os modelos multivariados optou-se por fazer um exame das variáveis sociodemográficas. O intuito seria incluir no modelo apenas as categorias das variáveis que foram utilizadas para delinear o perfil da amostra que potencialmente influenciam as relações. Assim, para cada uma das variáveis sociodemográficas aplicou-se a técnica CHAID (*Chi-squared Automatic Interaction Detector*) contra o Endividamento. A referida técnica tem como proposta agrupar as classes que otimizam a explicação da variável dependente, por exemplo, estado civil que possui quatro classes (solteiro/casado ou união estável/divorciado/viúvo), tornou-se necessário apenas duas (solteiro/outros), e assim, a criação de apenas uma *dummy*, para explicar o Endividamento. Das seis variáveis sociodemográficas disponíveis tornou-se necessário apenas seis *dummies* para evidenciar as classes que potencialmente têm relação com a variável dependente, como pode ser visto na Figura 10. Dessa forma, tem-se para exame das relações os escores fatoriais dos constructos discutidos acima e variáveis binárias que identificam certa característica sociodemográfica do indivíduo.

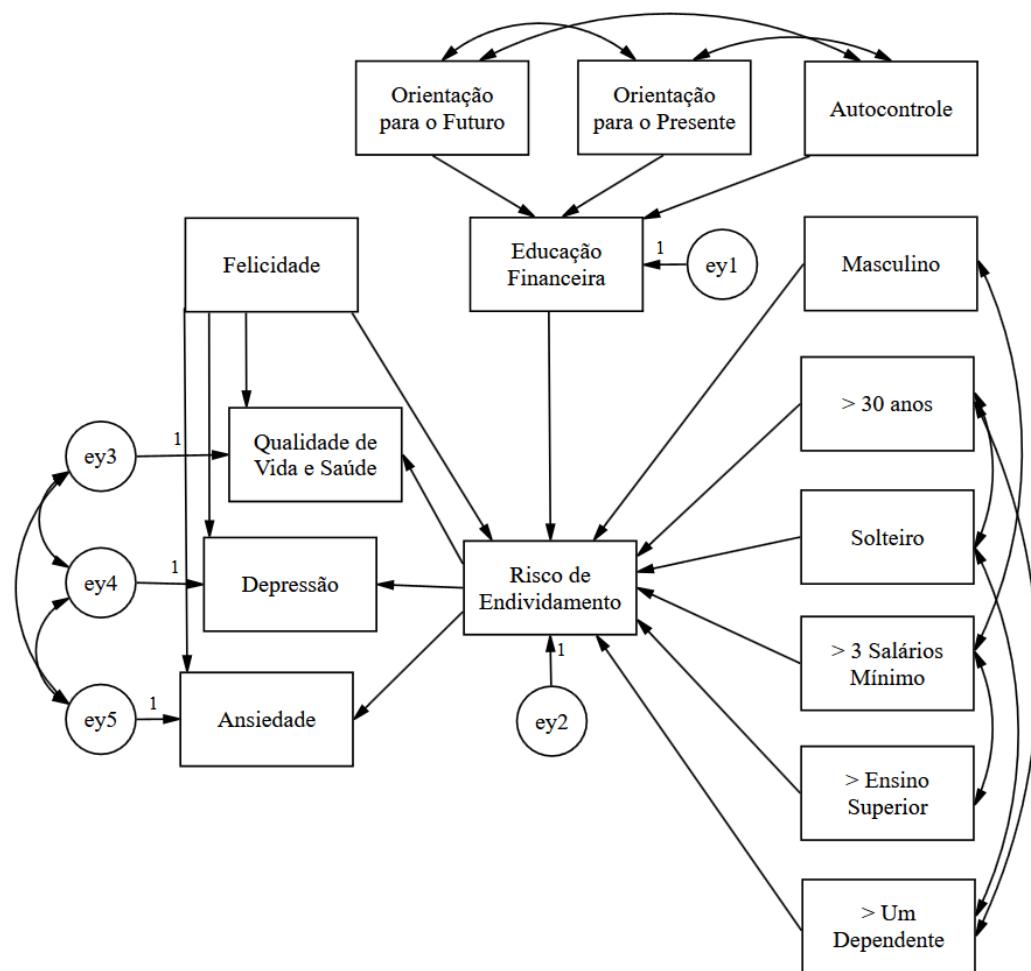


Figura 10 Modelo conceitual após análises das variáveis

A Figura 10 detalha o modelo conceitual da Figura 3 com as variáveis disponíveis para a análise após os crivos elencados (exclusão de Sucesso/Centralidade e junção das classes das variáveis sociodemográficas). Nessa ilustração utilizou-se a convenção SEM para identificar os tipos de variáveis do modelo (erros, variáveis exógenas e variáveis endógenas), cabendo ressaltar, que os retângulos indicam variáveis observáveis. Note que além das direções de causalidade previamente apresentada na Figura 3 também se espera algumas correlações entre as variáveis. Essas correlações previstas no modelo estrutural da Figura 10 são perfeitamente justificáveis do ponto de vista teórico e foram evidenciadas nas análises bivariadas: i) Orientação para o Futuro e Presente fazem parte do mesmo constructo (Orientação Temporal); ii) QVS, IAB e IDB são constructos muito relacionados como ficou evidenciado nas Correlações de Spearman e nos estudos de Souza, Rogers e Rogers (2019); iii) Autocontrole está intimamente ligado com a Orientação Temporal (Faveri, 2017; Souza, 2013); e iv) as correlações entre as variáveis sociodemográficas foram evidenciadas bivariadamente a partir dos dados e são perfeitamente plausíveis (maior escolaridade associado com maior renda, solteiros possuem menor idade e menos dependentes, etc.).

A estimativa do modelo proposto na Figura 10 pode ser evidenciada na Figura 11. Os valores dispostos na ilustração referem-se aos coeficientes padronizados, correlações e R^2 das variáveis endógenas. Todas as correlações foram altamente significativas como previsto, no entanto, nem todo caminho mostrou-se significativo. Além do mais, a despeito das medidas de adequação ficarem perto do aceitável, seus valores indicam que o modelo da Figura 11 pode ser melhorado. O referido modelo foi estimado considerando $n=223$, mesma amostra utilizada na análise bivariada, e pela distância de Mahalanobis, foram encontrados alguns *outliers* multivariados. No entanto, um exame aprofundado dos *outliers*, com simulações de modelos com exclusão de 5% dos valores extremos, indicou que os resultados não se alterariam significativamente com suas exclusões, e por isso, para evitar superajustamento, optou-se por trabalhar com a amostra disponível ($n=223$). Adicionalmente, o *Mardia's Test* rejeitou a hipótese de normalidade multivariada e valor de curtose multivariada acima de 10, o que pode ser preocupante para as inferências baseadas na máxima verossimilhança.

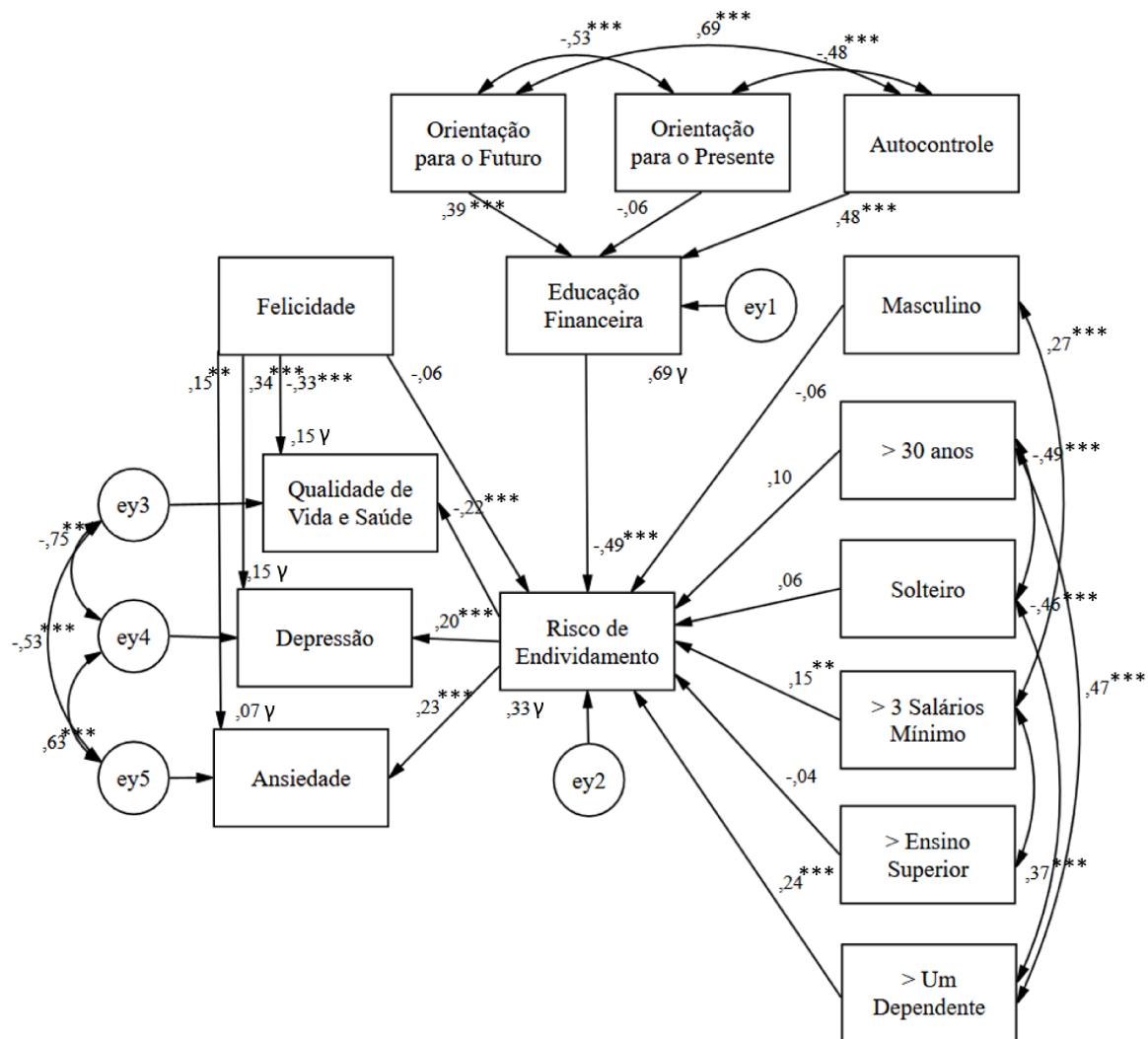


Figura 11 Estimativa do modelo estrutural inicial

Nota: $\chi^2(77) = 199,643$ ($p < 0,000$); $\chi^2/df = 2,593$; CFI = 0,903; GFI = 0,899; RMSEA = 0,085 ($p < 0,000$); MECVI = 1,317. ** Significativo a 5%; *** Significativo a 1%; γR^2 . Os valores na ilustração indicam os coeficientes e correlações padronizadas.

Excluindo simultaneamente os caminhos menos significativos, e sempre atento aos índices de modificação e resíduos padronizados, chegou-se ao modelo da Figura 12. O modelo estrutural final consta apenas coeficientes/correlações significativas e apresenta medidas de adequação excelentes, sem falar que os critérios de informação, tal como o MECVI, foram menores em comparação a todos outros modelos estimados. A amostra utilizada para o modelo foi de $n=223$, sem necessidade de tratamento dos *outliers*, e apesar de não ter passado no teste de normalidade multivariada, apresentou curtose multivariada abaixo de 10, que pode ser confortante para as inferências baseadas na máxima verossimilhança. Mesmo assim, por precaução, os intervalos de confiança, e consequentemente os p-valores, foram computados tendo em vista a técnica de *bootstrap* ($n=2000$) corrigido para viés com 95% de confiança. A partir do modelo da Figura 12 foram estimados os efeitos totais, conforme podemos visualizar

na Tabela 5. Os intervalos de confiança e testes de significância dos efeitos totais também foram obtidos via *bootstrap*.

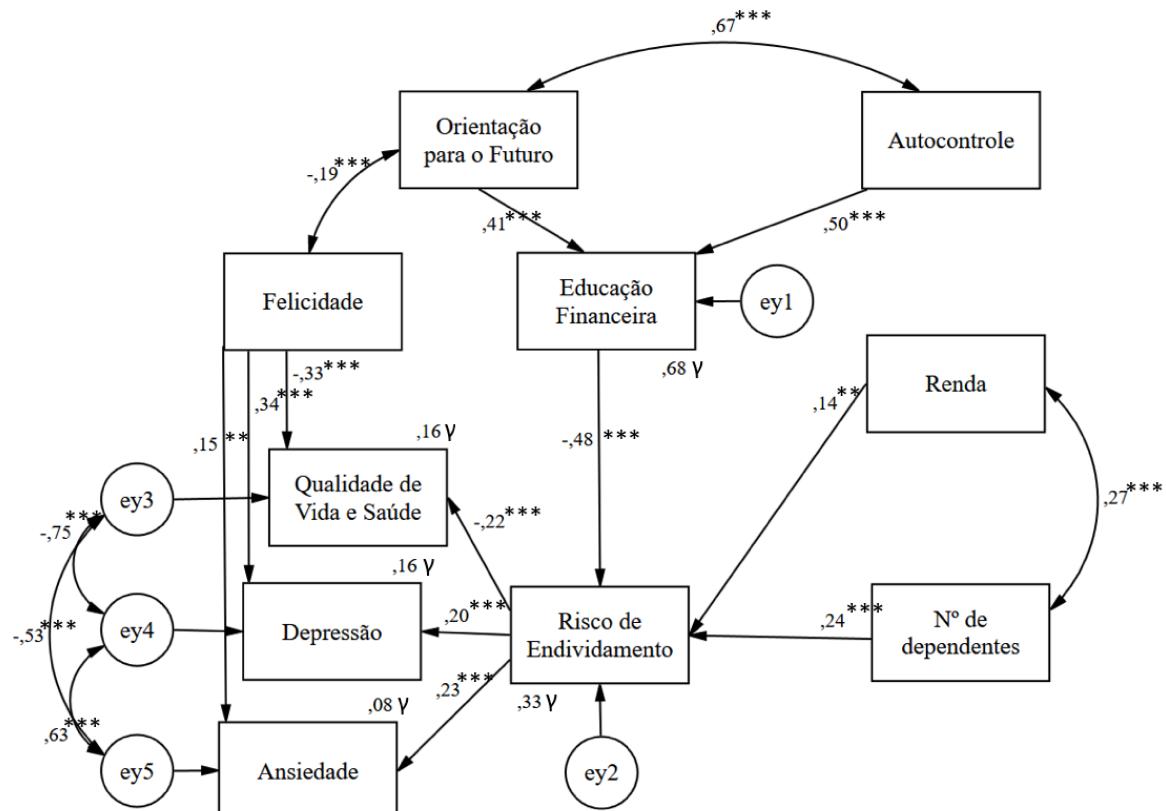


Figura 12 Modelo estrutural final

Nota: $\chi^2(28) = 50,579$ ($p=0,006$); $\chi^2/\text{df} = 1,806$; CFI = 0,976; GFI = 0,958; RMSEA = 0,060 ($p=0,244$); MECVI = 0,484. **Significativo a 5%; ***Significativo a 1%; γR^2 . Os valores na ilustração indicam os coeficientes e correlações padronizadas.

Dessa forma, o modelo estrutural final, no qual buscamos verificar a relação simultaneamente entre educação financeira, autocontrole, orientação temporal, materialismo, endividamento, ansiedade, depressão, qualidade de vida e saúde e variáveis sociodemográficas, se difere com o inicialmente proposto, principalmente pela eliminação dos efeitos do materialismo sobre o endividamento, variável considerada pela literatura como um dos fatores importantes que explicam a propensão a assumir dívidas para suprir necessidades de consumo (Trindade et al., 2012; Flores & Vieira, 2014; Potrich et al., 2016).

O que foi encontrado foi a influência direta do perfil materialista que busca a felicidade por meio do consumo, sobre os sintomas de ansiedade, depressão e na qualidade de vida do indivíduo, assim, quanto maior for esse perfil materialista, maior será a tendência que o indivíduo possui de desenvolver sintomas de ansiedade, depressão e uma pior qualidade de vida.

Situação semelhante foi encontrada nos trabalhos de Kashdan e Breen (2007) e Norris e Larsen (2011), onde indivíduos materialistas que não conseguiam realizar as suas expectativas

de consumo, se tornavam pessoas mais deprimidas, ansiosas e que avaliavam pejorativamente a sua qualidade de vida.

As variáveis sociodemográficas renda (> 3 sal. mínimos) e dependentes (> 1 dependente) se mostraram também significativas no modelo final para explicar o endividamento. Tal situação pode ser esclarecida a luz da teoria do ciclo de vida, conforme reforçado por Meirelles (2012). Dessa forma, indivíduos que estão inciando a construção de uma família (normalmente com um filho e essa faixa de renda), acabam incorrendo em mais e maiores dívidas, devido principalmente às demandas, exigências e imprevistos que esta fase da vida acarreta. São pessoas com planos como a aquisição (ou construção) do imóvel próprio e de bens que garantam o conforto e a segurança para a família, incorrendo em dívidas para realizar tais objetivos.

Autocontrole e orientação temporal para o futuro impactam indiretamente no endividamento, e diretamente na educação financeira, sendo possível concluir que indivíduos com maior autocontrole e com maior preocupação com o futuro, apresentam um melhor comportamento acerca das suas decisões financeiras, respaldado por uma melhor educação financeira, e como consequência incorrem em menos dívidas.

Souza (2013) investigando a relação entre o uso de crédito e a orientação temporal encontrou forte correlação entre autocontrole e orientação temporal voltada para o futuro em indivíduos com baixo endividamento, o que reforça os resultados dessas variáveis para o nosso modelo final.

Tal situação ratifica que o entendimento do endividamento deve levar em consideração multifatores, pois assim como afirmado por Gutter e Copur (2011), a dívida pode ser consequência da convergência de aspectos sociais, demográficos e de personalidade e pelo exposto em nossos resultados, fatores tanto comportamentais quanto sociodemográficos se mostraram significativos para explicar o endividamento. A Tabela 5, apresenta os resultados totais, os intervalos de confiança, e consequentemente os p-valores, computados tendo em vista a técnica de *bootstrap* ($n=2000$) corrigido para viés com 95% de confiança, do modelo final.

Tabela 5

Efeitos totais estimados do modelo final

	Dependentes	Felicidade	Futuro	Autocontrol e	Renda	Educação Financeira	Endividame nto
Educ							
ação			0,41***	0,49***			
Finan	-	-	[0,29 - 0,51]	[0,40 - 0,59]	-	-	-
ceira							
Endiv							
idame	0,24*** [0,15 - 0,33]	-	-0,19*** [-0,26 - -0,13]	-0,23*** [-0,3 - 0,17]	0,13*** [0,04 - 0,22]	-0,48*** [-0,57 - -0,36]	-
IAB	0,05*** [0,02 - 0,11]	0,15** [0,01 - 0,28]	-0,04*** [-0,08 - -0,01]	-0,05*** [-0,1 - -0,01]	0,03*** [0,01 - 0,07]	-0,11*** [-0,2 - -0,03]	0,23*** [0,08 - 0,38]
IDB	0,04*** [0,01 - 0,09]	0,34*** [0,21 - 0,45]	-0,04*** [-0,07 - -0,01]	-0,04*** [-0,08 - -0,01]	0,02*** [0,01 - 0,06]	-0,09*** [-0,17 - -0,02]	0,2*** [0,05 - 0,32]
QVS	-0,05*** [-0,09 - -0,02]	-0,32*** [-0,4 - -0,19]	0,04*** [0,01 - 0,08]	0,05*** [0,02 - 0,09]	-0,03*** [-0,06 - -0,01]	0,1*** [0,04 - 0,18]	-0,22*** [-0,3 - -0,08]

Nota: ***0,01 de Significância, **0,05 de significância; [] Intervalo de confiança a 95%.

Pela Tabela 5 é possível identificar relação significativa entre todas as variáveis endogénas e exogénas do modelo final. Ressaltando os achados mais relevante, temos a educação financeira como a característica que apresentar maior força de impacto com endividamento (-0,48), reforçando nossos achados na análise bivariada, assim como também os resultados dos trabalhos de Anderloni e Vandoni (2010), Disney e Gathergood (2011), Potrich et al. (2016) e Silva et al. (2017).

Adicionalmente o endividamento se mostrou, dentre as demais, aquela que possui maior força de impacto na ansiedade, da mesma forma Drentea e Reynolds (2012), Kunkel et al. (2015), Walsemann et al., (2015), Turunen e Hiilamo (2014) e Maselko et al. (2018), verificaram que indivíduos com altas dívidas ou que se encontravam em situações prolongadas de endividamento, desencadeavam alguns transtornos mentais, dentre eles a ansiedade.

Já com relação a depressão e qualidade de vida a variável com maior força de explicação foi o materialismo felicidade, onde indivíduos que buscam a felicidade por meio da aquisição de bens materiais apresentaram maiores sintomas de depressão e pior qualidade de vida. Da mesma forma, Kilbourne e Laforgue (2010) ao analisarem os impactos do materialismo para o indivíduo encontraram que este acarreta consequências negativas em relação ao bem-estar psicológico e a satisfação com a vida.

Principalmente pelo fato de indivíduos que buscam sua felicidade por meio do consumo, se projetarem aquém da sua realidade financeira, por não conseguirem realizar suas vontades

por meio do seu orçamento doméstico, se tornam pessoas depressiva (Norris & Larsen, 2011), atrelando uma pior qualidade de vida a não consumirem o quanto gostariam.

Além disso, com relação a educação financeira, verificou-se que as variáveis autocontrole (0,49) e orientação para o futuro (0,41) se mostraram altamente impactantes e significativas, indicando que quanto mais a pessoa for controlada, principalmente com relação ao consumo e se preocupar com o futuro, mais ela tende a se comportar de forma saudável financeiramente, buscando maiores conhecimento financeiros (educação financeira)

3.5 Considerações finais

O mercado com o qual a sociedade precisa lidar diariamente, está cada vez mais complexo e dinâmico, principalmente no aspecto financeiro, com o crédito, paulatinamente se tornando um produto mais acessível e flexível no Brasil. Essa realidade trouxe alguns impactos positivos como o crescimento econômico motivado pela aceleração do consumo e a saída de famílias de situações de pobreza (Turunen & Hiilano, 2014).

Não obstante, tal realidade também veio acompanhada de consequências negativas como o aumento de famílias endividadas e principalmente de pessoas em situações de inadimplência (PEIC, 2018). Mesmo que o endividamento por si só não traga problemas, a preocupação reside nas consequências que tal situação pode trazer para o indivíduo, sua família e sociedade, principalmente no longo prazo.

A compreensão do endividamento não é tarefa fácil, suas causas e consequências não residem apenas em um ou dois fatores, sendo um produto do encontro de elementos sociodemográficos e da personalidade do indivíduo (Gutter & Copur, 2011), e suas consequências extrapolam os aspectos financeiro, envolvendo problemas nos diversos aspectos da saúde física e mental.

Dessa forma, o presente estudo buscou avançar na compreensão tanto acerca dos fatores individuais que podem levar o indivíduo ao endividamento, considerando o seu comportamento e características sociodemográficas, quanto as consequências que a dívida acarreta para o indivíduo em aspectos não financeiros, como o desencadeamento de desordens físicas e mentais.

O caminho para alcançar os objetivos da presente pesquisa iniciou-se pela análise bivarada, utilizando teste de correlação e diferença de médias, cruzamento e análise aos pares, em que foi observado determinado nível de associação entre educação financeira, autocontrole, orientação temporal - futura e presente e materialismo felicidade com o endividamento, ansiedade, depressão e qualidade de vida, além de algum nível de relação entre endividamento com ansiedade, depressão e qualidade de vida.

Os resultados da estimação do modelo de equação estrutural divergiram dos achados lineares, no sentido de que apenas algumas das variáveis se mostraram diretamente relacionadas com o endividamento, onde principalmente a educação financeira, a renda (>3 sal. mínimo) e número de dependentes (>1 dependente) (das variáveis sociodemográficas incluídas apenas no modelo multivariado), impactavam diretamente no endividamento, enquanto o autocontrole e a orientação para o futuro atuam de forma indireta. Estas duas variáveis se mostraram relacionadas com a educação financeira de forma que a partir dela, interferiam no endividamento.

Dessa forma, constatou-se desta investigação que indivíduos que possuem autocontrole e um pensamento voltado para o futuro, tendem a buscar na educação financeira uma forma de tomar melhores decisões acerca de suas finanças e como consequência evitavam incorrer em dívidas.

Divergente da literatura, o materialismo não se mostrou significativo quando relacionado ao endividamento, conforme mostrado nos trabalhos de Vieira et al., (2014) e Potrich et al., (2016), mas apresentou alta relação com ansiedade, depressão e qualidade de vida. Apesar de indivíduos com este perfil busquem satisfazer sua felicidade por meio do consumo, isso não os torna mais propensos a realizarem dívidas, mas o fato de projetarem suas possibilidades em contraste com sua realidade, pode transformá-los em pessoas mais ansiosas (Kashdan & Breen, 2007), depressivas (Norris & Larsen, 2011) e com piores sensações com relação à sua qualidade de vida, pelo fato de não alcançarem a realidade que almejam.

O endividamento também apresentou relação significativa com ansiedade, depressão e qualidade de vida, reforçando o encontrado por Bemel et al., (2016) e Turunen e Hiilamo (2014) em que indivíduos que passavam por estresse financeiro apresentavam estes mesmos sintomas e qualificavam sua qualidade de vida como ruim.

Os resultados deste trabalho apontaram tanto o materialismo voltado para a felicidade quanto o endividamento, relacionados diretamente com problemas de saúde. A educação financeira apresentou relação indireta com problemas de saúde, no sentido que quanto maior a educação financeira, menos propenso a se endividar e como consequência, menos propenso a desenvolver ansiedade, depressão e a ter uma qualidade de vida ruim.

Portanto, tais conclusões apontam para a urgência e a necessidade de serem desenvolvidas ações efetivas para minimizar o problema do endividamento, sendo um dos meios para alcançar este objetivo, o desenvolvimento de programas sociais e/ou privados que levem educação financeira para as pessoas, seja na comunidade, nas escolas e/ou universidades,

de forma que elas não aprendam apenas conceitos financeiros, mas que coloquem em prática no seu dia a dia.

Além disso, dado a relação indireta do autocontrole e orientação temporal, programas que reforcem essas características no indivíduo, juntamente com o ensino da educação financeira, são essenciais para o alcance do objetivo de minimizar o endividamento. Dessa forma, ampliando o alcance da conscientização da população acerca da importância em cuidar de suas finanças, pois além de impactos financeiros também podem ocorrem prejuízos para a saúde.

Do ponto de vista social, ações em prol desse aprimoramento financeiro já estão iniciadas, principalmente pelo Banco Central do Brasil (Bacen) e pelo Governo Federal, por meio da estratégia Nacional da Educação Financeira (ENEF). Contudo, sugere-se o desenvolvimento de metodologias baseadas nos resultados do presente estudo, em que sejam trabalhadas a educação financeira, conhecimento e comportamento financeiro, além de dinâmicas que busquem desenvolver o autocontrole, além da conscientização de uma maior preocupação com seu próprio futuro, visto estas variáveis terem se mostrados influentes na educação financeira.

Continuando com a abordagem política, as contribuições deste estudo permitem entender melhor as características relacionadas com o endividamento, permitindo que outros projetos políticos ou privados, possam ser propostos e implementados, voltados para reforçar comportamentos que diminuam o endividamento, e evitar e/ou diminuir aqueles que tornam o indivíduo mais propenso a incorrer em dívidas. Outra contribuição política seria a orientação a programas já existentes, que prestam assistência a pessoas endividadas e sobreendividadas, que além de auxílio na resolução dos apontamentos financeiros, também ofereçam serviços de tratamento para a saúde, disponibilizando médicos e psicológicos conscientes da origem daquele problema, portanto, mais preparados para tratá-los.

Do ponto de vista acadêmico, percebeu-se que os estudos existentes transitam em apenas uma direção, ou consideram e analisam apenas as variáveis que causam o endividamento, ou as consequências que o endividamento pode incorrer para o indivíduo e a sociedade, além do financeiro. A principal contribuição deste estudo, está na abrangência da análise do endividamento, utilizando variáveis consideradas motivacionais e consequências endógenas, com intuito de entender toda a relação de forma empírica, situação ainda não encontrada na literatura.

Nossas contribuições estão subordinadas a algumas restrições, como a escolha das variáveis originárias de trabalhos preexistentes, enviesando a amostra e limitando o seu

tamanho. Além disso, por se tratar de dados em corte transversal, a metodologia empregada impõe limites para o tratamento do problema de endogeneidade.

Como principal contribuição da pesquisa destaca-se que este estudo é pioneiro no âmbito brasileiro, ao propor um modelo que identifica quais variáveis sociodemográficas e comportamentais influenciam no endividamento, e simultaneamente, qual a influência dessas variáveis, conjuntamente com o endividamento, no desencadeamento de ansiedade, depressão e na qualidade de vida.

Com isso, entre outras iniciativas, podem-se desenvolver ações para combater o endividamento das famílias, inclusive como uma medida preventiva de desordens psicossomáticas, utilizando fatores que a literatura apresenta como os principais impactantes: educação financeira, autocontrole, orientação temporal e materialismo.

CAPÍTULO 4: Conclusões

O endividamento está cada vez mais presente na realidade da população brasileira, sendo que na última década o número de pessoas endividadas cresceu consideravelmente, impulsionado principalmente pela flexibilização do crédito, levando recursos financeiros complexos para famílias que dantes não tinham acesso (Arceo-Gómez & Villagómez, 2017).

Mas o crédito não deve ser visto como o principal e único vilão impulsionador das dívidas. Já é estabelecido que algumas características de personalidade podem levar o indivíduo a utilizar mais ou menos recursos financeiros, de forma saudável ou não. As principais apontadas pela literatura são: educação financeira (Potrich et al., 2016; Silva et al., 2017), orientação temporal (Souza, 2013; Meier & Sprenger, 2010; Faveri, 2017), autocontrole (Faveri, 2017; Potrich et al., 2014; Thaler, 2015) e materialismo (Flores & Vieira, 2014; Ponchio & Aranha, 2008; Potrich et al., 2016; Vieira et al., 2014).

Além do entendimento do perfil do endividado, também se faz importante considerar os impactos não financeiros que situações de dívidas podem trazer para o indivíduo, como problemas de ordem física e mental, situação esta que pode refletir também na família e sociedade. Nesse sentido, existe uma vertente da literatura tanto de finanças quanto da saúde, que estuda essa relação e aponta que sintomas de ansiedade e depressão (Drentea & Reynolds, 2012, Kunkel et al., 2015; Walsemann et al., 2015; Turunen & Hiilamo, 2014; Maselko et al., 2018), além da degeneração da qualidade de vida (Lucke et al., 2014) em pessoas que se encontravam em situações de dívidas, por longo tempo ou não é uma consequência real e recorrente.

Portanto, o endividamento é um problema que deve ser visto com atenção por instituições e órgãos públicos e privados, devido a principalmente desempenhar um papel relevante no aparecimento de doenças psicossomáticas, e o entendimento das características que levam o indivíduo a utilizar mais ou menos crédito o tornando predisposto a se endividar é um pilar relevante nessa relação.

No capítulo 2 foi analisado se existe relação e como ela se comporta, entre o endividamento com saúde física, mental e na qualidade de vida. Para tanto foram analisados os níveis de ansiedade, depressão e sensação de qualidade de vida e saúde, além do endividamento de indivíduos, coletados por meio de uma pesquisa *on-line* anônima entre setembro e novembro de 2015.

Nossos resultados foram reforçados tanto nas análises bivariadas quanto multivariadas, onde foi identificado que o endividamento possui associação estatisticamente significativa com sintomas de ansiedade, depressão e uma pior qualidade de vida. Os resultados principais dos

testes de Kruskal-Wallis mostraram que indivíduos com nível grave tanto de ansiedade quanto de depressão, possuem quase que o dobro de endividamento, em comparação com um indivíduo com ansiedade e depressão mínima. Conforme Turunem e Hiilamo (2014) encontraram em sua revisão sobre tal relação, situação de dívidas por um período de tempo longo e/ou que comprometiam praticamente toda a renda familiar, são os principais desencadeadores de ansiedade, depressão e uma pior sensação acerca de sua qualidade de vida, entre outros sintomas.

Com intuito de fazer inferências inciais acerca do caminho das relações, se endividamento desencadeou problemas de saúde ou vice-versa, realizamos uma análise de robustez. Foi criada uma variável a partir das escalas de ansiedade, depressão e qualidade de vida, por estas apresentarem alta correlação entre si e desenvolvido um único modelo de regressão múltipla considerando todas as variáveis, inclusive as sociodemográficas. Assim a variável originada na PCA foi utilizada como variável dependente e as demais como independentes. Os resultados apontaram que endividamento, sexo (feminino) e número de dependentes (> 4) como significativos para explicar os sintomas de ansiedade, depressão e qualidade de vida, sendo que em módulo o endividamento se mostrou a variável mais proeminente. Dessa forma, evidenciando que além de estarem relacionadas, nessa amostra, o endividamento apresentou papel importante para os sintomas aparecerem.

O capítulo 3 teve como objetivo principal a criação de um modelo empírico-teórico que contemplasse tanto as variáveis relacionadas a propensão ao endividamento (educação financeira, orientação temporal, autocontrole e materialismo) quanto as variáveis de consequências (ansiedade, depressão e qualidade de vida e saúde) com intuito de entender melhor a relação que elas apresentavam com o endividamento quando consideradas em conjunto. Além disso, também foram incluídas no modelo variáveis sociodemográficas, a luz da teoria do ciclo de vida, reforçada em Meirelles (2012), onde indivíduos em determinado momento da vida se endividam mais, como em situações da construção familiar, adquirindo bens para sustento e conforto da família. A amostra foi composta por observações retiradas do trabalho de Diniz (2015) e do artigo desenvolvido no Capítulo 1 desta dissertação (Souza, Rogers, & Rogers, 2019), apenas dos indivíduos que responderam concomitantemente a ambas as pesquisas.

Os resultados bivariados corroboram com a literatura encontrando correlação entre endividamento e ansiedade, depressão e qualidade de vida, o que não seria diferente, pois foi o encontrado no trabalho de Souza, Rogers e Rogers (2019) e se trata de uma sub-amostra do referido trabalho. Verificando as variáveis comportamentais, encontrou-se que indivíduos com

maior educação financeira, maior orientação para o futuro, maior autocontrole e que não busca satisfazer sua felicidade com aquisição de bens materiais, possuem menor endividamento, menores sintomas de ansiedade e depressão e melhor qualidade de vida.

O modelo de equação estrutural final, mostrou que de forma direta a educação financeira é significativa para explicar o endividamento. O autocontrole e a orientação temporal para o futuro se mostraram impactantes no endividamento de forma indireta, e na educação financeira de forma direta. Assim indivíduos com maior autocontrole e preocupação com o seu futuro, buscam maiores conhecimentos financeiro e apresentam um comportamento financeiro mais racional devido a isso, onde estão menos propensos a incorrerem em dívidas.

O modelo final vai de encontro ao achado por Vieira et al., (2014) onde identificaram o materialismo felicidade correlacionado com endividamento, e nossos resultados multivariados não confirmaram essa relação, mas apresentaram que o materialismo felicidade apresenta relação significativa nos sintomas de ansiedade, depressão e na qualidade de vida , ressaltando que indivíduos com maior perfil materialista que consomem em busca de se sentirem felizes, são mais propensos a serem ansiosos, depressivos e com pior qualidade de vida, mesmo não estando endividados. Além disso o fato do indivíduo receber acima de 3 salários mínimos e possuir acima de 1 dependente, conforme resultado do modelo final, os torna mais propensos a se endividarem, e apresentarem sintomas de ansiedade, depressão e uma pior qualidade de vida devido a isso.

A relevância deste estudo reside no fato do endividamento ser uma situação crescente e preocupante em todo o mundo, mas principalmente no Brasil. Portanto entender as principais características do endividado, contemplando outras além das sociodemográficas, e as consequências que tal situação pode trazer para o indivíduo, sua família e a sociedade, é uma demanda de urgência. Compreendendo a relação das características comportamentais, quando associados também os problemas de saúde junto com o endividamento, permite que melhores políticas públicas possam ser desenvolvidas.

Portanto como contribuição desta dissertação, pelos resultados apresentados, (a) reforça-se que endividamento possui relação estreita com sintomas de ansiedade, depressão e pior qualidade de vida; (b) entende-se que a educação financeira é a variável relevante a ser trabalhada para diretamente minimizar o endividamento e indiretamente problemas de saúde, mas além disso, (c) deve se preocupar em desenvolver no indivíduo junto com o conhecimento e comportamento financeiro, o autocontrole e a importância de se preocupar com as consequências de suas ações em relação ao seu futuro, voltando sua orientação mais para o futuro, como um reforço para o indivíduo aprimorar a educação financeira adquirida e evitar

assim o endividamento e problemas de saúde que podem vir a ser desencadeados por ele; (d) por fim deve-se preocupar também com indivíduos que apresentem perfis materialistas que buscam a felicidade por meio do consumo, pois estes tendem a ser mais ansiosos, depressivos e avaliarem pior sua qualidade de vida, mesmo que não estejam mais propensos a se endividarem em vista disso.

Acerca das limitações permeiam principalmente o fato do perfil da amostra ser predominantemente pós-graduados e funcionários públicos, o que é incoerente com a realidade brasileira. Sugere-se que tal fato ocorreu devido a forma como foi divulgado o questionário do primeiro artigo, onde trabalhou-se com campanha em redes sociais (*facebook*) e também utilizou-se da base de Diniz (2015) e a autora utilizou como estratégia para montar sua base a captura de e-mails disponíveis na internet, utilizando um *software* específico para tal. Como os funcionários públicos são profissionais que normalmente disponibilizam o seu endereço eletrônico, a estratégia da Diniz (2015) pode ter enviesado na predominância do perfil da amostra de seu trabalho (também maioria funcionários públicos), assim como ter influenciado no perfil do respectivo trabalho. Tal situação inviabiliza a generalização dos resultados alcançados nesta pesquisa.

Outro fator está na endogeneidade das variáveis, o que dificulta trabalhá-las com intuito de estabelecer relação de causa e efeito entre as variáveis, adicionalmente a isso o fato dos dados serem *cross-section*, ou seja, coletados em um determinado momento no tempo, a metodologia empregada é limitada para o tratamento de problemas de endogeneidade.

Tais limitações abrem espaço para a sugestão de trabalhos futuros, onde, por exemplo, poderia ser replicada a pesquisa, utilizando estratégia diferente para divulgação dos intrumentos de coletas de dados, por melhor período de tempo, buscando uma maior abrangência e diversidade de respondentes, evitando assim o enviesamento da amostra.

Outra sugestão seria realizar um estudo controlado, em que os participantes da pesquisa seriam separados em duas amostras, uma de “controle” e outra de “tratamento”. Ambos os grupos responderiam o questionário inicialmente, o grupo de tratamento, após essa etapa inicial, receberia cursos de educação financeira e treinamentos para aprimorar o autocontrole e sua perspectiva temporal direcionando-a para uma maior preocupação acerca de seu futuro. Finalizado a etapa de treinamento, esperaria um período de 3 meses, tempo mínimo para verificar se o treinamento aplicado foi absorvido e internalizado pelo indivíduo, e replicar os questionários, com intuito de comparar os resultados e verificar se houve alguma mudança nas percepções do grupo de tratamento e se está destoa as diferenças que forem observadas no grupo de controle.

Por fim, sugeresse a realização de estudo longitudinal, ao longo de 5, 8 ou 10 anos, dos mesmos indivíduos, visando a análise em painel dos resultados obtidos em cada levantamento de dados. Tanto está quanto a sugestão anterior permitiria trabalhar melhor, utilizando metodologias como regressão, para modelar a relação de causa e efeito entre as variáveis observadas.

Referências

- Anderloni, L., & Vandone, D. (2010). Risk of overindebtedness and behavioural factors, *Dipartimento di Scienze Economiche Aziendali e Statistiche, Università degli Studi di Milano* (No. 25). Working Paper.
- Andrade Ivo, G., de., Freitas Cruz, D. B., de., Chinelato, F. B., & Ziviani, F. (2016). A expansão do crédito no Brasil: uma ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico. *Gestão & Regionalidade*, 32(95). Recuperado em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/3357.doi:10.13037/gr.vol32n95.3357
- Araujo de Carvalho, H., Paula Sousa, F. G., & Peñaloza Fuentes, V. L. (2017). Representação Social do Endividamento Individual. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(1). Recuperado em: <https://www.redalyc.org/html/4417/441750483007/>. doi:10.12712/rpca.v11i1.777
- Arceo-Gomez, E. O., & Villagómez, F. A. (2017). Financial literacy among Mexican high school teenagers. *International Review of Economics Education*, 24, 1-17. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S147738801530205X>. doi: 10.1016/j.iree.2016.10.001
- Atkinson, A.; Messy, F. Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study, 2012. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>
- Averett, S. L., & Smith, J. K. (2013). Financial hardship and obesity: the link between weight and household debt. *Women*, 100(100), 100. Recuperado em: https://sites.lafayette.edu/averetts/files/2009/02/Averett_Smith_Webtables.pdf doi:
- Awanis, S., & Chi Cui, C. (2014). Consumer susceptibility to credit card misuse and indebtedness. *Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics*, 26(3), 408-429. Recuperado em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/APJML-09-2013-0110>. doi:10.1108/APJML-09-2013-0110
- Bacha, M. L. de, Figueiredo, C., & Santos, J. F. (2012). Cultura do consumo e materialismo na Baixa Renda de São Paulo-Capital. *Revista Extraprensa*, 6(1), 31-37. Recuperado em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77262>. doi: 10.11606/extraprensa2012.77262

Banco Central do Brasil. Histórico das taxas de juros (Selic). Recuperado em: <https://www.bcb.gov.br/pec/copom/port/taxaselic.asp>. Acesso: 12 de dez 2018.

Beal, D. J., & Delpachitra, S. B. (2003). Financial literacy among Australian university students. *Economic Papers: A journal of applied economics and policy*, 22(1), 65-78. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1759-3441.2003.tb00337.x> doi: 10.1111/j.1759-3441.2003.tb00337.x

Beck, A. T., & Beamesderfer, A. (1974). Assessment of depression: the depression inventory. In *Psychological measurements in psychopharmacology* (Vol. 7, pp. 151-169). Karger Publishers. Recuperado em: <https://www.karger.com/Article/Abstract/395074> doi: 10.1159/000395074

Beck, A. T., Epstein, N., Brown, G., & Steer, R. A. (1988). An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. *Journal of consulting and clinical psychology*, 56(6), 893. Recuperado em: <https://psycnet.apa.org/record/1989-10559-001>. doi: 10.1037/0022-006X.56.6.893

Bemel, J. E., Brower, C., Chischillie, A., & Shepherd, J. (2016). The impact of college student financial health on other dimensions of health. *American Journal of Health Promotion*, 30(4), 224-230. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0890117116639562>. doi:10.1177/0890117116639562

Brasil fecha primeiro semestre com 63,6 milhões de consumidores inadimplentes, estimam SPC Brasil e CNDL. Recuperado em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/4921>. Acesso: 15 de ago de 2018.

Breslow, N. (1970). A generalized Kruskal-Wallis test for comparing K samples subject to unequal patterns of censorship. *Biometrika*, 57(3), 579-594. Recuperado em: <https://academic.oup.com/biomet/article-abstract/57/3/579/253431>. doi: 10.1093/biomet/57.3.579

Bridges, S., & Disney, R. (2010). Debt and depression. *Journal of health economics*, 29(3), 388-403. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167629610000184>. doi:10.1016/j.jhealeco.2010.02.003

Burroughs, J. E., & Rindfuss, A. (2002). Materialism and well-being: A conflicting values perspective. *Journal of Consumer research*, 29(3), 348-370. Recuperado em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/29/3/348/1800916> doi: 10.1086/344429

Byrne, B. M. (2016). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* (3 ed.). Nova York. Routledge.

Campara, J. P., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2016). Entendendo a atitude ao endividamento: fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam?. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 15(1), 5-24. Recuperado em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/viewFile/2012/883>. doi:10.21529/RECADM.2016002

Carver, C. S.; Scheier, M. F. On the structure of behavioral self-regulation. In: *Handbook of self-regulation*. 2000. p. 41-84. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780121098902500329> doi: 10.1016/B978-012109890-2/50032-9

Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 7(2), 107-128. Recuperado em: https://www.cgsnet.org/ckfinder/userfiles/files/An_Analysis_of_Personal_Financial_Lit_Among_College_Students.pdf

Cheung, G. W., & Lau, R. S. (2008). Testing mediation and suppression effects of latent variables: Bootstrapping with structural equation models. *Organizational research methods*, 11(2), 296-325. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1094428107300343>. doi: 10.1177/1094428107300343

Clayton, M., Liñares-Zegarra, J., & Wilson, J. O. (2015). Does debt affect health? Cross country evidence on the debt-health nexus. *Social science & medicine*, 130, 51-58. Recuperado em: https://research-repository.st-andrews.ac.uk/bitstream/handle/10023/10248/personal_copy_pdf_accepted_version.pdf?sequence=1. doi:10.1016/j.socscimed.2015.02.002

Cobb-Clark, D. A., Kassenboehmer, S. C., & Sining, M. G. (2016). Locus of control and savings. *Journal of Banking & Finance*, 73, 113-130. Recuperado em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/88756/1/775198781.pdf>. doi:10.4419/86788514

Confederação Nacional Do Comércio De Bens, Serviços e Turismo (2018). Recuperado em: <http://cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/economia/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consudidor-1>. Acesso em 03/03/2018.

Cunha, J. A., Prieb, R. G. G., Goulart, P. M., & Lemes, R. B. (1996). O uso do inventário de Beck para avaliar depressão em universitários. *Psico (Porto Alegre)*, 107-115. Recuperado em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-433>.

Dick, C. D., & Jaroszek, L. (2013). Knowing what not to do: financial literacy and consumer credit choices. ZEW discussion papers, 13. Recuperado em: <https://ub-madoc.bib.uni-mannheim.de/33709>

Dilmaghani, M. (2017). Financial unhealthiness predicts worse health outcomes: evidence from a sample of working Canadians. *Public health*, 144, 32-41. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S003335061630405X> doi: 10.1016/j.puhe.2016.11.016

Diniz, P. C. D. O. C. (2015). O processo de concessão de crédito pela empresa: um estudo sobre o comportamento do tomador (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12623/1/ProcessoConcessaoCredito.pdf>.

Disney, R., & Gathergood, J. (2011). Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. *The University of Nottingham*, 11-05. Recuperado em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6290318.pdf>

Donnelly, G., Iyer, R., & Howell, R. T. (2012). The Big Five personality traits, material values, and financial well-being of self-described money managers. *Journal of Economic Psychology*, 33(6), 1129-1142. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487012000876> doi: 10.1016/j.joep.2012.08.001

Drentea, P., & Lavrakas, P. J. (2000). Over the limit: the association among health, race and debt. *Social science & medicine*, 50(4), 517-529. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953699002981> doi: 10.1016/S0277-9536(99)00298-1

Drentea, P., & Reynolds, J. R. (2012). Neither a borrower nor a lender be: The relative importance of debt and SES for mental health among older adults. *Journal of Aging and Health*, 24(4), 673-695. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0898264311431304>. doi:10.1177/0898264311431304

Dynan, K. E. (2009). Changing household financial opportunities and economic security. *Journal of Economic Perspectives*, 23(4), 49-68. Recuperado em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.23.4.49>. doi: 10.1257/jep.23.4.49

Ein-Gar, D., Goldenberg, J., & Sagiv, L. (2008). Taking control: An integrated model of dispositional self-control and measure. *Advances in Consumer Research*, 35, 542-550. Recuperado em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1294390

Faveri, D. B. D. (2017). Impaciência nas escolhas intertemporais: uma abordagem comportamental. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/183406>

Ferreira, R. *Como planejar, organizar e controlar seu dinheiro: manual de finanças pessoais*. São Paulo: IOB Thomson, 2006.

Flores, S. A. M. (2012). Modelagem de Equações Estruturais Aplicada à Propensão ao Endividamento: uma análise de fatores comportamentais (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria – RS, Brasil. Recuperado em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/4621/FLORES,%20SILVIA%20AMELIA%20MENDONCA.pdf?sequence=1>.

Flores, S. A. M., & Vieira, K. M. (2014). Propensity toward indebtedness: An analysis using behavioral factors. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 3, 1-10. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214635014000276> doi: 10.1016/j.jbef.2014.05.001

Flores, S. A. M., & Vieira, K. M. (2017). Determinantes comportamentais da propensão ao endividamento: Análise da influência do gênero. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, 12(2), 175-190. Recuperado em: <http://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/riics/article/view/295>

Folmer, H., Dutta, S., & Oud, H. (2010). Determinants of rural industrial entrepreneurship of farmers in West Bengal: a structural equations approach. *International Regional Science Review*, 33(4), 367-396. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0160017610384400>. doi:10.1177/0160017610384400

Francischetti, C. E., Rodrigues, D. S., Cardinal, R. R., & de Oliveira, J. A. J. (2016). ENDIVIDAMENTO DE MERCADO: A necessidade de conscientização da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração do Sul do Pará (REASP)-FESAR*, 3(2).

French, D., & McKillop, D. (2017). The impact of debt and financial stress on health in Northern Irish households. *Journal of European Social Policy*, 27(5), 458-473. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0958928717717657>. doi:10.1177/0958928717717657

- Garver, M. S., & Mentzer, J. T. (1999). Logistics research methods: employing structural equation modeling to test for construct validity. *Journal of business logistics*, 20(1), 33.
- Gardarsdóttir, R. B., Dittmar, H., & Aspinall, C. (2009). It's not the money, it's the quest for a happier self: The role of happiness and success motives in the link between financial goals and subjective well-being. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 28(9), 1100-1127. Recuperado em: <https://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/jscp.2009.28.9.1100> doi: 10.1521/jscp.2009.28.9.1100
- Gathergood, J. (2012). Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. *Journal of economic psychology*, 33(3), 590-602. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167487011001735> doi: 10.1016/j.joep.2011.11.006
- Gonzalez, A., & Zimbardo, P. G. (1985). Time in perspective. *Psychology today*, 19(3), 20-26.
- Grohmann, A., Kouwenberg, R., & Menkhoff, L. (2015). Childhood roots of financial literacy. *Journal of Economic Psychology*, 36(1), 114-133. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487015001166> doi: 10.1016/j.joep.2015.09.002
- Gutter, M., & Copur, Z. (2011). Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(4), 699-714. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10834-011-9255-2>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Havlik, R. J., Vukasin, A. P., & Ariyan, S. (1992). The impact of stress on the clinical presentation of melanoma. *Plastic and reconstructive surgery*, 90(1), 57-61. Recuperado em: <https://europepmc.org/abstract/med/1615093>
- Hayhoe, C. R., Leach, L., & Turner, P. R. (1999). Discriminating the number of credit cards held by college students using credit and money attitudes. *Journal of economic psychology*, 20(6), 643-656. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487099000288> doi: 10.1016/S0167-4870(99)00028-8

- Hojman, D. A., Miranda, Á., & Ruiz-Tagle, J. (2016). Debt trajectories and mental health. *Social Science & Medicine*, 167, 54-62. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953616304610>. doi:10.1016/j.socscimed.2016.08.027
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *The Electronic Journal of Business Research Methods*, 6(1), 53-60. Articles, 2. Recuperado em: <https://arrow.dit.ie/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1001&context=buschmanart>.
- Husman, J., & Lens, W. (1999). The role of the future in student motivation. *Educational psychologist*, 34(2), 113-125. Recuperado em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15326985ep3402_4 doi: 10.1207/s15326985ep3402_4
- Kashdan, T. B., & Breen, W. E. (2007). Materialism and diminished well-being: Experiential avoidance as a mediating mechanism. *Journal of social and clinical psychology*, 26(5), 521-539. Recuperado em: <https://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/jscp.2007.26.5.521> doi: 10.1521/jscp.2007.26.5.521
- Keese, M. (2012). Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household debt. *Journal of Economic Psychology*, 33(1), 125-141. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487011001206>. doi:10.1016/j.jeop.2011.08.002
- Keese, M., & Schmitz, H. (2011). Broke, ill, and obese: The effect of household debt on health. *SOEPapers on Multidisciplinary Panel Data Research*, 28(350). Recuperado em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1750216 doi: 10.2139/ssrn.1750216
- Keese, M., & Schmitz, H. (2014). Broke, ill, and obese: is there an effect of household debt on health? *Review of Income and Wealth*, 60(3), 525-541. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/roiw.12002> doi:10.1111/roiw.12002
- Kim, H., & DeVaney, S. A. (2001). The determinants of outstanding balances among credit card revolvers. *Financial Counseling and Planning*, 12(1), 67-77. Recuperado em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.587.8612&rep=rep1&type=pdf>

Kruskal, W. H., & Wallis, W. A. (1952). Use of ranks in one-criterion variance analysis. *Journal of the American statistical Association*, 47(260), 583-621. Recuperado em: <https://amstat.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01621459.1952.10483441#XB5SMFxKjIU>. doi:10.1080 / 01621459.1952.10483441

Kühl, M. R., Valer, T., & Gusmão, I. B. (2016). Alfabetização Financeira: Evidências e Percepções em uma Cooperativa de Crédito. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11(2). Recuperado em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrj/article/viewArticle/2782>

Kunkel, F. I. R., Vieira, K. M., & Potrich, A. C. G. (2015). Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. *Revista de Administração*, 50(2), 169-182. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716303867> doi: 10.5700/rausp1192

Lea, S. E., Webley, P., & Walker, C. M. (1995). Psychological factors in consumer debt: Money management, economic socialization, and credit use. *Journal of economic psychology*, 16(4), 681-701. Recuperado em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42249522/Psychological_Factors_in_Consumer_Debt_M20160206-9780-184bgvu.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1549995752&Signature=vdbYNQ0Ri9JFzenTQJ04PP9U4qY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPsychological_factors_in_consumer_debt_M.pdf

Lima, M. P. D. (2017). Literácia financeira e endividamento pessoal: um estudo com alunos de cursos da área de negócios (Dissertação de Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo – SP, Brasil. Recuperado em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3173>.

Limbu, Y. B., Huhmann, B. A., & Xu, B. (2012). Are college students at greater risk of credit card abuse? Age, gender, materialism and parental influence on consumer response to credit cards. *Journal of Financial Services Marketing*, 17(2), 148-162. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1057/fsm.2012.9>

Livingstone, S. M., & Lunt, P. K. (1992). Predicting personal debt and debt repayment: Psychological, social and economic determinants. *Journal of economic psychology*, 13(1), 111-134. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/016748709290055C>. doi:10.1016/0167-4870(92)90055-C

Lucke, V. A. C., Filipin, R. O. S. E. L. A. I. N. E., Brizolla, M. M. B., & Vieira, E. P. (2014). Comportamento financeiro pessoal: um comparativo entre jovens e adultos de uma cidade da região noroeste do estado do RS. *Anais dos Seminários em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 17. Recuperado em: <http://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/330.pdf>

Maselko, J., Bates, L., Bhalotra, S., Gallis, J. A., O'Donnell, K., Sikander, S., & Turner, E. L. (2018). Socioeconomic status indicators and common mental disorders: evidence from a study of prenatal depression in Pakistan. *SSM-population health*, 4, 1-9. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352827317301702> doi: 10.1016/j.ssmph.2017.10.004

Malhotra, N. K. (2012). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 6 Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Meireles, V. M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15216>

Meier, S., & Sprenger, C. D. (2013). Discounting financial literacy: Time preferences and participation in financial education programs. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 95, 159-174. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167268112000625> doi: 10.1016/j.jebo.2012.02.024

Messias, J. F., da Silva, J. U., & Silva, P. H. C. (2015). Marketing, Crédito & Consumismo: Impactos sobre o endividamento precoce dos jovens Brasileiros. *Revista Eniac Pesquisa*, 4(1), 43-59. Recuperado em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5261082>.

Mette, F. M. B., & de Matos, C. A. (2016). Uma análise Bibliométrica dos estudos em educação financeira no Brasil e no Mundo. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 5(1), 46-63. Recuperado em: <http://eduem.uem.br/laboratorio/ojs/index.php/rimar/article/view/26616> doi: 10.4025/rimar.v5i1.26616

Min, S. K., Kim, K. I., Lee, C. I., Jung, Y. C., Suh, S. Y., & Kim, D. K. (2002). Development of the Korean versions of WHO Quality of Life scale and WHOQOL-BREF. *Quality of Life research*, 11(6), 593-600. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1016351406336>.

Moura, A. G. D. (2005). *Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda do município de São Paulo* (Dissertação Mestrado). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas – EAESP – FGV, São Paulo – SP, Brasil. Recuperado em: <http://hdl.handle.net/10438/2347>

Nano, D. (2016). Academic status differences in financial literacy among Albanian University students. *Euro Economica*, 8(1), 75-82. Recuperado em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=497757>

Nascimento, J. C. H. B. do, Macedo, M. Á. D. S., Siqueira, J. R. M. de, & Bernardes, J. R. (2016). Alfabetização Financeira: Um Estudo por Meio da Aplicação da Teoria de Resposta ao Item/Financial Literacy: A Study Using The Application Of Item Response Theory. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 17(1), 147. Recuperado em: <https://search.proquest.com/openview/e00275280bf47a665fc8a5d31a21bab0/1?pq-orignsite=gscholar&cbl=2034243> doi: 10.13058/raep.2016.v17n1.341

Nelson, M. C., Lust, K., Story, M., & Ehlinger, E. (2008). Credit card debt, stress and key health risk behaviors among college students. *American Journal of Health Promotion*, 22(6), 400-406. Recuperado em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.4278/ajhp.22.6.400> doi: 10.4278/ajhp.22.6.400

Nogueira, V. T., Reis, A., Jaeger, F. P., & Kaefer, C. O. (2017). Superando limites: humanização e cuidado ao consumidor superendividado. *Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas*, 18(1), 191-201. Recuperado em: <https://periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/2185>

Norris, J. I., & Larsen, J. T. (2011). Wanting more than you have and it's consequences for well-being. *Journal of Happiness Studies*, 12(5), 877-885. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-010-9232-8>

Norvilitis, J. M., & Mao, Y. (2013). Attitudes towards credit and finances among college students in China and the United States. *International journal of psychology*, 48(3), 389-398. Recuperado em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00207594.2011.645486>. doi:10.1080/00207594.2011.645486

Norvilitis, J., & Mendes-Da-Silva, W. (2013). Attitudes toward credit and finances among college students in Brazil and the United States. *Journal of Business Theory and Practice*, 20(1), 132-151. Recuperado em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2283901.

Otero-López, J. M., Pol, E. V., Bolaño, C. C., & Mariño, M. J. S. (2011). Materialism, life-satisfaction and addictive buying: Examining the causal relationships. *Personality and Individual Differences*, 50(6), 772-776. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0191886910006264> doi: 10.1016/j.paid.2010.12.027

Penteado, R. Z., & Pereira, I. M. T. B. (2007). Qualidade de vida e saúde vocal de professores. *Revista de Saúde Pública*, 41, 236-243. Recuperado em: https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000200010&script=sci_arttext.

Perry, V. G. (2008). Giving credit where credit is due: The psychology of credit ratings. *The Journal of Behavioral Finance*, 9(1), 15-21. Recuperado em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15427560801896784>. doi:10.1080/15427560801896784

Pirog, S. F., & Roberts, J. A. (2007). Personality and credit card misuse among college students: The mediating role of impulsiveness. *Journal of Marketing Theory and Practice*, 15(1), 65-77. Recuperado em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2753/MTP1069-6679150105> doi:10.2753/MTP1069-6679150105

Ponchio, M. C. (2006). *The influence of materialism on consumption indebtedness in the context of low income consumers from the city of São Paulo* (Tese Doutorado). Escola de Administração de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas – EASP-FGV, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2519>

Ponchio, M. C., & Aranha, F. (2008). Materialism as a predictor variable of low income consumer behavior when entering into installment plan agreements. *Journal of Consumer Behavior: An International Research Review*, 7(1), 21-34. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cb.234> doi: 10.1002/cb.234

Ponchio, M. C., Martins, C. G., Vieira, C. B. D. M., & Menezes, D. (2013). Fatores Determinantes da Propensão ao Consumo de Cirurgias Plásticas Estéticas. *Revista Brasileira de Marketing*, 12(4), 44-63. Recuperado em: <http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/viewArticle/2511> doi 10.5585/remark.v12i4.2511

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., Campara, J. P., & Santos, L. F. D. O. (2015). Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 9(3). Recuperado em: <http://atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrj/article/viewArticle/2438>

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2013). Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 12(3), 315-334. Recuperado em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1656> doi: 10.5329/RECADM.2013025

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., Coronel, D. A., & Bender Filho, R. (2016). Modelando a Propensão ao Endividamento: Os Fatores Comportamentais e Socioeconômicos são Determinantes? *Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión*, 24(2), 85-110. Recuperado em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rfce/v24n2/v24n2a06.pdf> doi: 10.18359/rfce.2224.

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377. Recuperado em: <https://www.redalyc.org/pdf/2571/257143328011.pdf> doi: 10.1590/1808-057x201501040

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2016). Você é Alfabetizado Financeiramente? Descubra no Termômetro de Alfabetização Financeira. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS*, 13(2). Recuperado em: <https://www.redalyc.org/html/3372/337246777006/> doi: 10.4013/base.2016.132.05

Rassier, L. (2010). Conquiste sua liberdade financeira: organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

Richins, M. L. (2004). The material values scale: Measurement properties and development of a short form. *Journal of consumer Research*, 31(1), 209-219. Recuperado em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/31/1/209/1812032> doi: 10.1086/383436

Richins, M. L. (2011). Materialism, transformation expectations, and spending: Implications for credit use. *Journal of Public Policy & Marketing*, 30(2), 141-156. Recuperado em: <https://pinnacle.allenpress.com/doi/abs/10.1509/jppm.30.2.141> doi: 10.1509/jppm.30.2.141

Richins, M. L., & Dawson, S. (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement: Scale development and validation. *Journal of consumer research*, 19(3), 303-316. Recuperado em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/19/3/303/1786697> doi: 10.1086/209304

Richardson, T., Elliott, P., & Roberts, R. (2013). The relationship between personal unsecured debt and mental and physical health: a systematic review and meta-analysis. *Clinical psychology review*, 33(8), 1148-1162. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272735813001256>. doi:10.1016/j.cpr.2013.08.009

Robb, C. A. (2011). Financial knowledge and credit card behavior of college students. *Journal of family and economic issues*, 32(4), 690-698. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10834-011-9259-y>

Roberts, J. A., & Jones, E. (2001). Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. *Journal of consumer affairs*, 35(2), 213-240. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1745-6606.2001.tb00111.x>. doi:10.1111/j.1745-6606.2001.tb00111.x

Rogers, P., Rogers, D., & Securato, J. R. (2015). About psychological variables in application scoring models. *Revista de Administração de Empresas*, 55(1), 38-49. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902015000100038&script=sci_arttext&tlang=pt. doi:10.1590/S0034-759020150105

Santos, B. D. (2009). O superendividamento e o controle do empréstimo consignado. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Aprovada com grau máximo pela banca examinadora em, 13.

Santos, T. (2012). Materialismo, Consumo Excessivo e Propensão ao endividamento dos jovens universitários (Dissertação Mestrado) Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina – SC, Brasil.

Santos, C. P. dos, & Fernandes, D. V. D. H. (2010). A socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes. *Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)*, 12(1). Recuperado em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/2502>

Santos, T. dos, & de Souza, M. J. B. (2013). Materialismo entre crianças e adolescentes: o comportamento do consumidor infantil de Santa Catarina. *Revista Gestão Organizacional*, 6(1), 45-58. Recuperado em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1826>

Savickas, M. L. (1991). Improving career time perspective. *Techniques of career counseling*, 236-249.

Scheresberg, C. B. (2013). Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. *Numeracy*, 6(2), 5. Recuperado em: <https://scholarcommons.usf.edu/numeracy/vol6/iss2/art5/> doi: 10.5038/1936-4660.6.2.5

Silva, T. P. D., Magro, C. B. D., Gorla, M. C., & Nakamura, W. T. (2017). Financial education level of high school students and its economic reflections. *Revista de Administração* (São Paulo), 52(3), 285-303. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-21072017000300285&script=sci_arttext doi: 10.1016/j.rausp.2016.12.010

Sirgy, M. J. (1998). Materialism and quality of life. *Social indicators research*, 43(3), 227-260. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006820429653>

Skevington, S. M., Lotfy, M., & O'Connell, K. A. (2004). The World Health Organization's WHOQOL-BREF quality of life assessment: psychometric properties and results of the international field trial. A report from the WHOQOL group. *Quality of life Research*, 13(2), 299-310. Recuperado em: <https://link.springer.com/article/10.1023/B:QURE.0000018486.91360.00>.

Slomp, J. Z. F. (2008). Endividamento e consumo. *Revista Relações de Consumo*, 108, 109-131.

Souza, M. A. P. D. (2013). O uso do crédito pelo consumidor: percepções multifacetadas de um fenômeno intertemporal (Dissertação Mestrado). Universidade de Brasília – UnB, Brasilia, DF, Brasil. Recuperado em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13255>

Souza, E. M., Alves, M. S., Ribeiro, K. C. S., & Cesarino, L. O. (2016). Perfil de consumo e endividamento de universitários em administração. *Revista de Contabilidade, Ciência da Gestão e Finanças*, 13(4), p. 3-15. Recuperado em: <http://ojs.fsg.br/index.php/rccgf/article/view/2022>.

Souza, S. G.; Rogers, P.; Rogers, D. (no prelo). Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física. *Revista de Administração Mackenzie*, 2019.

Stone, B., & Maury, R. V. (2006). Indicators of personal financial debt using a multi-disciplinary behavioral model. *Journal of Economic Psychology*, 27(4), 543-556. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016748700500108X>. doi:10.1016/j.jeop.2005.11.002

Sweet, E., Nandi, A., Adam, E. K., & McDade, T. W. (2013). The high price of debt: Household financial debt and its impact on mental and physical health. *Social Science & Medicine*, 91, 94-100. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953613002839> doi: 10.1016/j.socscimed.2013.05.009

Thaler, R. H., & Ganser, L. J. (2015). *Misbehaving: The making of behavioral economics* (p. 358). New York, NY: WW Norton. Recuperado em: <https://www.igi-global.com/pdf.aspx?tid%3D177868%26ptid%3D158743%26ctid%3D17%26t%3Dmisbehaving%3A+the+making+of+behavioral+economics>

Trindade, L. L. de, Brutti Righi, M., & Mendes Vieira, K. (2012). De onde vem o endividamento feminino? Construção e Validação de um modelo PLS-PM. *REAd-Revista Eletrônica de Administração*, 18(3). Recuperado em: <https://www.redalyc.org/html/4011/401137522006/>

Turunen, E., & Hiilamo, H. (2014). Health effects of indebtedness: a systematic review. *BMC public health*, 14(1), 489. Recuperado em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-14-489>. doi:10.1186/1471-2458-14-489

Urbach, N., & Ahlemann, F. (2010). Structural equation modeling in information systems research using partial least squares. *Journal of Information technology theory and application*, 11(2), 5-40. Recuperado em: <https://pdfs.semanticscholar.org/86ae/b49611f591df17e10dd9d0f5e7e3be704313.pdf>. doi:

Vaz Serra, A., Canavarro, M. C., Simões, M., Pereira, M., Gameiro, S., Quartilho, M. J., ... & Paredes, T. (2006). Estudos psicométricos do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) para Português de Portugal. *Psiquiatria clínica*, 27(1), 41-49. Recuperado em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21539/1/2006%20Estudos%20psicom%C3%A9tricos%20do%20WHOQOL-Bref.pdf>.

Vieira, K. M., Flores, S. A. M., Kunkel, F. R., & Campara, J. P. (2014). Níveis de Materialismo e Endividamento: Uma Análise de Fatores Socioeconômicos na Mesorregião Central do Estado no Rio Grande Do Sul. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, 5(2). Recuperado em: <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/6810.13059/racef.v5i2.68> doi:

Vohs, K. D. & Faber, R. J. (2007). Spent resources: Self-regulatory resource availability affects impulse buying. *Journal of consumer research*, 33(4), 537-547. Recuperado em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/33/4/537/1790385> doi: 10.1086/510228

Walsemann, K. M.; Gee, G. C.; Gentile, D. (2015). Cansado de nossos empréstimos: empréstimo de estudantes e a saúde mental de jovens adultos nos Estados Unidos. *Social Science & Medicine*, 9(124), 85-93.

Wang, L., Lu, W., & Malhotra, N. K. (2011). Demographics, attitude, personality and credit card features correlate with credit card debt: A view from China. *Journal of economic psychology*, 32(1), 179-193. Recuperado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487010001327>. doi:10.1016/j.jeop.2010.11.006

Webley, P., & Nyhus, E. K. (2001). Life-cycle and dispositional routes into problem debt. *British journal of psychology*, 92(3), 423-446. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1348/000712601162275> doi: 10.1348/000712601162275

Zauberman, G. (2003). The intertemporal dynamics of consumer lock-in. *Journal of consumer research*, 30(3), 405-419. Recuperado em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/30/3/405/1790602> doi: 10.1086/378617

Zerrenner, S. (2007). Estudo Sobre as razões para a população de baixa renda. (Mestre). Departamento de Ciências Administrativas, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (2006). Time perspective, health, and risk taking. In *Understanding behavior in the context of time* (pp. 97-119). Psychology Press. Recuperado em: <https://www.taylorfrancis.com/books/e/9781135611828/chapters/10.4324%2F9781410613516-13>

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (2015). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. In *Time perspective theory; review, research and application* (pp. 17-55). Springer, Cham. Recuperado em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-07368-2_2

Zimmerman, F. J., & Katon, W. (2005). Socioeconomic status, depression disparities, and financial strain: what lies behind the income-depression relationship? *Health economics*, 14(12), 1197-1215. Recuperado em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/hec.1011> doi:10.1002/hec.1011